

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA
NÍVEL MESTRADO

JOAQUIM IZIDRO DO NASCIMENTO JUNIOR

“ROGAI POR NÓS”:
Religião, Morte e Antropologia

Recife
2011

JOAQUIM IZIDRO DO NASCIMENTO JUNIOR

**“ROGAI POR NÓS”:
Religião, Morte e Antropologia**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos.

**Recife
2011**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva CRB-4 1291.

N244r Nascimento Júnior, Joaquim Izidro.
"Rogai por nós" : Religião, Morte e Antropologia / Joaquim Izidro do
Nascimento Júnior. - Recife: O autor, 2011.
107 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Bivar Carneiro Campos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco,
CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2011.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Antropologia. 2. Religiões. 3. Associações religiosas. 4. Juazeiro
do Norte (CE). I. Campos, Roberta Bivar Carneiro (Orientadora). II.
Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2011-95)

JOAQUIM IZIDRO DO NASCIMENTO JÚNIOR

“ROGAI POR NÓS: RELIGIÃO, MORTE E ANTROPOLOGIA”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovada em: 26/05/2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Roberta Bivar Carneiro Campos (Orientadora/ Examinadora Titular Interna-UFPE)

Prof.^a Dr.^a Mísia Lins Reesink (Examinadora Titular Interna- UFPE)

Prof.^a Dr.^a Maristela Oliveira de Andrade (Examinadora Titular Externa – UFPB).

A Joaquim Izidro do Nascimento

A Maria Vieira do Nascimento

A Maria Isidro do Nascimento

A Isabel Fernandes Medeiros

(In Memoriam)

AGRADECIMENTOS

Ao Criador do Universo, Energia além dos nomes. A todos que me auxiliaram nessa empreitada, obrigado pela presença, amor e sintonia. A todos participantes da Associação Nossa Senhora Auxiliadora e Associação São João Bosco, por desvendarem um pouco de mim. A minha família de Juazeiro (minha mãe Lourdinha, minha irmã Ana, minhas tias e amigos), pela acolhida sempre festiva na casa de minha infância. A minha esposa Paula Santos, pela constante partilha e puxões de orelha no cumprimento dos prazos, te amo!

A minha querida amiga e orientadora Roberta Campos, pelo olhar, carinho, cumplicidade, partilha, diálogos, esclarecimentos e direção, fundamentais nos esforços para realização dessa dissertação. Orgulho-me de ter partilhado meus sentimentos e ter atendido às suas sugestões de continuar na universidade. Valeu à pena cada passo. Muito obrigado!

A amiga e Professora Cida Nogueira, pela vibração positiva, pelo sonho de um mundo melhor, pelo envolvimento com o Juazeiro, pela generosidade, pela compreensão de minhas falhas humanas. Ao Professor Parry Scott, pela oportunidade de convivência ao longo de minha graduação, iniciação científica e em passos posteriores, a Antropologia brotou nesses momentos. A querida Professora Rosilene Alvim, pelo incentivo e partilha de nossos universos, pela juventude eterna em nós.

A saudosa Professora Franciza Toledo, pelo acompanhamento em duas etapas importantíssimas de minha vida, obrigado pela mansidão, tranquilidade e oportunidade ímpar de aprender com sua dedicação e compromisso ético. Muito obrigado, também, a primeira turma de museologia da UFPE.

A turma de Psicologia 2009.1, pela alegria, disposição, amizade, carinho e acima de tudo, por ter me ensinado, com paciência, a assumir grandes responsabilidades. Abraços calorosos...

Ao Programa REUNI, da Universidade Federal de Pernambuco, por proporcionar tantos aprendizados e oferecer uma bolsa de estudos, fundamental para a realização desse trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, por acreditar em minha proposta. A Regina, Secretária do Programa, pelo carinho e atenção. A nossa turma de mestrado 2009.1, pelos momentos de alegria diante dos desafios. A Maria Edi, pelas ligações telefônicas, nas quais partilhamos muitos momentos de desespero, mas também de alegrias, com a escrita de nossos trabalhos.

A André Carlos, Felipe Peres, Caio Sotero, Paula Santana, Mercês, Chico, Alex Nicolas, Johann Brehmer, Jacira França e Sandro Guimarães; por suas raras amizades que tornam a vida mais leve.

Ao querido Seu Robério, salesiano de Dom Bosco, que tive o privilégio de reencontrar na organização da biblioteca da Inspeção Salesiana do Recife. A Ivo Fachini, pelas informações passadas e por proporcionar lembranças sagradas de minha infância.

*A vida... Se arrastando no chão daqui
Se afastando da casa
E a sala do santo só.
A vida... Se arrastando na multidão.
E um lamento cantado..
Alguém carregado no acaso da morte.
Num dia de sol..*

RESUMO

Partindo da etnografia de dois grupos religiosos de leigos (Associação Nossa Senhora Auxiliadora e Associação São João Bosco), investigo como os aspectos sociais e simbólicos são produzidos entre membros, líderes e instituições religiosas oficiais; e como esses aspectos se relacionam com a cidade de Juazeiro do Norte/CE, um dos mais importantes centros religiosos de peregrinação no Brasil. Preocupo-me em saber como uma prática religiosa se torna, ela mesma, parte enraizada de um lugar, levando em conta a existência de deslocamentos de sentidos e significação (CAMPOS, 2008). Esses deslocamentos são identificados enquanto elementos romanizados, presentes na trajetória do fundador da cidade, Padre Cícero Romão Batista, e na Congregação Italiana dos Padres Salesianos, encarregada das associações em questão. No ano de 1956, esses dois grupos, construíram um jazigo coletivo no principal cemitério da cidade. Essa situação social revela, não só um valor econômico, mas o fortalecimento de um elo estabelecido entre associados e um Juazeiro sagrado, erguido sob uma ótica cosmológica.

Palavras-Chave: Antropologia – Religiões – Juazeiro do Norte – Associações Religiosas.

ABSTRACT

From an ethnography about two lay devout groups ('Nossa Senhora Auxiliadora Association' and 'São João Bosco Association'), we investigate how social and symbolical aspects are produced among members, leaders and official religious institutions; and how these issues are related with Juazeiro do Norte city, an important pilgrimage point placed in Ceará state (North-East of Brasil). Our concern is to know how a religious experience become itself something extremely rooted in a place, taking into consideration the existence of meaning displacements (CAMPOS, 2008). These displacements are identified as romanized components, found both in the social life of Padre Cícero Romão Batista (city's founder) and in Italian Congregation of the Salesians (in charge of the two associations mentioned above). In 1956, these two groups built a collective tomb at the main local cemetery. This situation shows not only an economical value but the strenghtening of a link between the associated and a sacred Juazeiro, raised under a cosmological view.

Keywords: Anthropology – Religions – Juazeiro do Norte – Religious Associations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
Memórias	13
O si-mesmo no outro	16
A proposta	17
Juazeiro do Norte	19
O Jazigo	21
A estrutura do trabalho	23
Metodologia	24
CAPÍTULO 1. A CIDADE DO PADRE CÍCERO	28
1.1 O Cariri: Palco de missões	28
1.2 O Sonho: Cícero e a cidade	31
1.3 O mestre Ibiapina	34
1.4 As secas e o milagre	36
1.5. Os salesianos	39
1.6. Os salesianos e o Padre Cícero	39
1.7. A chegada dos salesianos à Juazeiro	41
CAPÍTULO 2. AS MULHERES DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA	43
2.1 O início	44
2.2 Dia de Maria Auxiliadora	44
2.3 A estrutura da associação	46
2.4 Os muitos nomes da associação	48
2.5 O novo regulamento da ADMA	49
2.6 Dona Chiquinha	52
2.7 A atual presidente	54
2.8 O plano funerário	56
2.9 A tesoureira	61
2.10 As devoções	63

CAPÍTULO 3. OS HOMENS DE SÃO JOÃO BOSCO	67
3.1 O regulamento de 1957	68
3.2 Severino Saraiva	72
3.3 A estrutura	75
3.4. O plano funerário	76
3.5. As reuniões	78
3.6. O interesse pelo túmulo e a devoção	80
3.7 Ser presidente	81
3.8 O Padre Cícero e o Cemitério do Socorro	83
3.9 Os valores econômicos	85
CONCLUSÃO	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

Memórias

Terça-feira, 12 de junho de 2001. Manhã de sol. Olhei a fachada desgastada do jazigo, como se quisesse penetrar com os olhos. Firme e consciente, tive vontade de cantar, o mais alto que pudesse para acordar os céus. Diante de um grande número de pessoas cantei para meu pai uma música que ele gostava muito:

Vem. Aqui é tua casa menino.
Vem. Teu crescimento vai ser muito mais que um simples tamanho.
Muito mais além.¹

Eu não o via há meses e voltei do Recife para Juazeiro do Norte na noite do domingo, entrando na madrugada. Sem sono, no embalo do ônibus, na estrada escura, apenas o céu e suas estrelas, meu pensamento sem largá-lo, imaginando sua dor num leito de UTI... Cheguei segunda-feira logo cedo, junto com o sol. Após ser acolhido por minha mãe, segui para o hospital na cidade vizinha de Barbalha/CE. Entrei na Unidade de Terapia Intensiva e encontrei meu amado pai entre fios e tubos. Ele não pôde falar nem me olhar, mas nos sentimos. Demorei alguns instantes acariciando suas mãos, olhando-o com carinho e saudade. Saí para conversar com o médico e após poucos minutos uma enfermeira o chamou em particular. Meu pai havia partido.

Coube-me avisar aos familiares. Conteí a notícia, com os olhos e abraços, à minha querida mãe e a minha irmã. Com poucas palavras, avisei a duas de suas irmãs. Fiquei durante toda a manhã da segunda-feira providenciando burocracias do funeral, consegui dinheiro emprestado para comprar um caixão, organizei o velório. Como meu pai era muito ligado à Igreja católica, em especial à congregação salesiana, conseguimos que ele fosse velado no salão paroquial da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, pois nossa casa seria pequena para receber tanta gente. A Igreja era sua segunda casa, muitas vezes foi a primeira.

Cheguei com seu corpo ao salão paroquial por volta do meio-dia da segunda-feira. Quis ficar ao seu lado, em uma cadeira, durante toda tarde e toda noite, até me despedir dele na manhã de terça-feira. Tinha tanta saudade que precisava ficar do seu lado o máximo de tempo, apenas olhando-o. O sepultamento aconteceu às 8h do dia 12 de junho de 2001.

¹ Letra e música do cantor e compositor Antônio Cardoso.

O tempo passou e fomos nos re-acostumando à vida, conservando-o vivo em nossa memória. No final do mesmo ano fui aprovado no vestibular para o curso de bacharelado em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Pernambuco. No ano de 2008 conclui minha graduação, após seis anos e dois trancamentos. No decorrer do curso já havia identificado a Antropologia como campo de atuação, relação reforçada pela participação como bolsista de iniciação científica, no núcleo Família, Gênero e Sexualidade (FAGES/UFPE), sob o acompanhamento do Professor Parry Scott, onde tive várias oportunidades de realizar pesquisas de campo. Mas, na reta final de minha conclusão, tive dúvidas se iria continuar na universidade. Pensava em apenas concluir minha graduação e escolher outros caminhos.

Em março de 2008, após terminar o curso com alívio, decidi começar a amadurecer a possibilidade do mestrado. Na graduação jamais tinha pensado em estudar religião. O tema já havia me acompanhado na infância, adolescência e juventude. Em Juazeiro fui marcado pela força da religião e no momento em que saí da cidade (em 1999) quis negar todos esses elementos que me habitavam. Lembro-me que após uma aula da Prof^a Roberta Campos, no terceiro semestre da graduação, conversamos sobre Juazeiro do Norte e ela me perguntou se eu não pensava em realizar algum trabalho acadêmico que estivesse relacionado com a cidade. De pronto, disse que não tinha nenhum interesse, pensava em outras temáticas, como urbanidade, violência, temas desenvolvidos por mim no Fages e usados em meu trabalho de conclusão do curso.

Mas no momento de fazer a escolha do mestrado, no decorrer do ano de 2008, Juazeiro me rondava, pedia espaço (mais do que já teve), gritava em mim... Comecei a lembrar de imagens, a presença de meu pai, o tema da morte, há poucos meses minha avó (mãe de meu pai) havia partido também e isso acendeu lembranças. Lembrei de um acontecimento que me trouxe várias reflexões: meu pai foi sepultado no jazigo das associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. Mesmo não sendo associado, era ligado ao grupo de cooperadores salesianos. Em vida havia demonstrado seu desejo de ser sepultado no jazigo, lugar onde já estavam seu pai, familiares e amigos. Como acontece com todos sepultados, após dois anos do falecimento os restos mortais são depositados numa vala comum (localizada próxima ao jazigo) para que o espaço seja disponibilizado a outro falecido. Meses antes de completar dois anos, minha mãe, minha irmã e eu pensamos em recolher os restos mortais e depositar num túmulo personalizado. Queríamos um lugar individual para alguém que nos é individual. Diante dessa idéia, fui falar com suas cinco irmãs e um irmão, queria saber quais eram suas opiniões. Num primeiro instante pareceu-me que todos haviam concordado com a vontade da família nuclear, mas comecei a perceber que

havia algo estranho, em algumas conversas deixavam escapar alguns incômodos. Diante disso conversei abertamente com cada um e constatei que nenhum deles sentia-se à vontade para falar sobre o assunto, na verdade, desejavam que seu irmão permanecesse no mesmo lugar, era melhor não mexer. Decidimos recuar da idéia. O jazigo e o corpo de meu pai tornaram-se um só.

Os motivos que levaram a família de meu pai a não concordar com a idéia de retirar seus restos mortais do jazigo me fazem refletir sobre os sentidos estabelecidos por ele em vida. Meu pai encontrou nos salesianos uma maneira de viver, dedicando-se com exclusividade e afincado aos trabalhos pastorais, animando comunidades rurais, organizando catequese com crianças e adolescentes, Essas foram algumas de suas atividades, todas iluminadas pelas devoções a Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. As amizades feitas com os padres salesianos romperam barreiras geográficas, ele tinha muitos amigos padres morando em vários pontos do Brasil e da Itália, viveu como um sacerdote casado.

Consideramos que a morte é a lembrança de uma vida, morremos com o desejo de sermos lembrados pelo que fizemos, pelo que construímos. O desejo de sepultar-se no túmulo dos salesianos é o desejo de encerrar seus dias num lugar que representa sua casa espiritual, na companhia de Bosco e Auxiliadora, na companhia de seu pai. Deixá-lo nesse túmulo tão especial é partilhar dos desejos do morto, é não permitir que o vínculo do corpo com o chão sagrado seja quebrado. O corpo, mesmo morto, continua a ser a base existencial da cultura para os vivos, quem morre se junta aos seus familiares já falecidos, aos seus irmãos salesianos. O corpo torna-se parte de um *ethos* que se alimenta do sagrado. Juazeiro do Norte é esse solo que se renova pela fé de uma vida continuada, que não acaba no túmulo, mas que é uma passagem, um portal para uma “viagem em busca da salvação”².

Muitos dedicam sua existência às atividades religiosas de maneira intensa, são formas coletivas que dão sentido à vida e que no momento da morte, são materializadas num jazigo. É um lugar especial para muitos associados, ponto de encontro definitivo com seu ente querido. É a possibilidade de, após a morte, o corpo ser parte de um monumento que expressa um templo vivo. Segundo Marc Augé (2005):

Esse corpo centrado é também aquele onde se encontram e se reúnem elementos ancestrais, tendo essa reunião valor monumental na medida em que diz respeito a elementos que preexistem e sobreviverão ao invólucro carnal efêmero. Às vezes, a

² Trecho de um “bendito” cantado em Juazeiro.

modificação do corpo ou a edificação de um túmulo concluem, após a morte, a transformação do corpo em monumento (AUGÉ, 2005, p.59).

O mal-estar dos familiares, em retirar o corpo desse local, pode ser explicado pela compreensão de que o jazigo das associações foi o local escolhido para se *morrer em família*. Essa família não é só consanguínea, mas também formada pelos santos que nortearam a vida do falecido. A vala comum, local onde os restos mortais de todos os associados são depositados, reforça o argumento de que a identificação coletiva se sobrepõe sobre a identificação individual, ou melhor, a identificação individual se mistura à coletiva e torna-se o próprio jazigo.

O si-mesmo no outro

Marc Augé (1999) afirma, também, que a Antropologia parte da idéia de que existe o “si-mesmo no outro”. Para o autor, “essa alteridade corresponde à distância necessária para que uma observação seja possível, que não se assemelhe a uma simples auto-reflexão” (AUGÉ, 1999, p. 63). Buscando atender às expectativas da Antropologia e me distanciar de uma “simples auto-reflexão” me ponho no caminho de observar o lugar onde nasci e cresci. Carregamos nosso lugar geográfico e simbólico numa mochila amarrotada, que muitas vezes é escondida quando assumimos papéis que não encaixam com a cor velha e destoante da mochila. Loïc Wacquant revela que por trás da “imagem caricatural do teórico da reprodução” (WACQUANT, 2006, p. 14), referindo-se a Pierre Bourdieu, havia um nativo de uma aldeia do sudoeste francês, exposto diretamente “às horríveis realidades do domínio imperial e do estado de guerra” (Ibid, 2006, p. 14). Para Wacquant, os primeiros trabalhos de campo de Bourdieu na Argélia e França foram base de sua sólida construção teórica. Parafraçando Augé, Bourdieu conseguiu distanciar-se de uma “simples auto-reflexão” e assumiu seu papel de etnógrafo, assim como cada um precisa acreditar em seu papel social para viver em determinados grupos.

Voltar para Juazeiro do Norte com um caderno de campo, acompanhando em silêncio as reuniões, pensando em observação participante, revendo amigos e amigas de meus pais, provocaram “auto-reflexões”. Mas elas por si só não cabem nesse espaço, é preciso estabelecer distanciamentos e conexões com formatos que confirmem meu vínculo acadêmico. Faz parte de uma escolha que fiz, cada escolha representa uma responsabilidade. Em minhas escolhas atuais me tornei mestrando em antropologia, e mesmo que esse papel

não seja desempenhado de acordo com todas as expectativas, tentarei cumprir com meus objetivos. A interação em minha cidade natal não se fez enquanto antropólogo, mas o filho de Joaquim e Lourdinha que estava fazendo um estudo das associações. Era assim que os associados se referiam, minha área acadêmica de atuação era totalmente desconhecida. O vínculo que nos unia era familiar, partilhávamos um mesmo sentimento. Por conta dessa partilha, existiu muita facilidade nessa interação, eu não era um estranho, mas filho de participantes de grupos de Igreja, eu mesmo um ex-participante que voltava aos mesmos espaços de outrora.

Sobre o encontro etnográfico e a produção do conhecimento antropológico, Roberta Campos (2009) cita James Fernandez para tratar da impossibilidade de conhecer, realmente, a mente do outro (CAMPOS, 2009, p. 32). Contudo, a autora considera que “toda a dinâmica do processo criativo pelo qual os indivíduos praticam a consciência de si continua e deve ser investigada pelos antropólogos” (Ibid, p. 32). No meu caso, muita coisa que passou pela mente do outro (o ‘outro’ eram amigos de minha família que me viram crescer) não era tão distante do que eu vivi, pude entender como funcionava minha mente em situações passadas. Entender a consciência que as pessoas fazem de si foi tentar entender a consciência que meus pais fizeram de si e a consciência que tive e tenho de mim.

Enfrentando o desafio de ser um mestrando em Antropologia e ter minhas raízes na cidade que escolho para realizar uma pesquisa, assumo a responsabilidade de pensar o lugar usando as ferramentas acadêmicas que disponho, até mesmo porque é necessário usá-las para que seja considerado um trabalho válido. Muitas de minhas sensações não cabem nesse espaço, pertencem apenas às minhas “auto-reflexões” e não possuem palavras, são vazias de um sentido escrito.

A proposta

Tenho como ponto de partida a etnografia de dois grupos religiosos (Associação Nossa Senhora Auxiliadora e Associação São João Bosco) fundados no ano de 1942, na cidade de Juazeiro do Norte/CE. São grupos constituídos por leigos e estão organizados de acordo com normas da Congregação Italiana dos Padres Salesianos. Investigo como os aspectos sociais e simbólicos são produzidos entre os membros dos grupos e a instituição religiosa dos Salesianos; e como esses aspectos estão relacionados com a cidade de Juazeiro do Norte, um dos mais importantes centros religiosos de peregrinação no Brasil. Preocupo-me em saber

como uma prática religiosa se torna, ela mesma, parte enraizada de um lugar, levando em conta a existência de deslocamentos de sentidos e significação (CAMPOS, 2008).

Tratarei dos deslocamentos de sentidos e significação, do qual nos fala Roberta Campos, como situações externas que influenciam na dinâmica interna dos muitos grupos da cidade. Como exemplo externo, a Congregação Salesiana chega a Juazeiro do Norte no ano de 1939, trazendo consigo uma prática religiosa inspirada em seu fundador João Bosco. A chegada dos salesianos à Juazeiro só foi possível graças ao empenho do Padre Cícero, que durante os últimos anos de sua vida estabeleceu vários diálogos com os superiores da congregação, a fim de convencê-los a levar sua obra para a cidade. O padre percebia nessa vinda a possibilidade de reatar seu vínculo com a Igreja Romana. Mas exatamente por conta das dificuldades enfrentadas pelo padre junto a Instituição Católica, a congregação recuou da decisão. Somente cinco anos após o falecimento do padre, a Congregação Salesiana chega à Juazeiro para implantar sua obra religiosa.

A nova prática religiosa trazida pelos salesianos pode ser ilustrada por um trabalho apostólico que visa o cuidado especial com crianças e jovens e pela devoção a novos santos salesianos oficializados pela Igreja, que sugerem um estilo de vida em sintonia com os objetivos da Congregação. Para alcançar essas práticas, há um controle da congregação quanto ao funcionamento dos grupos de leigos espalhados pelo mundo. É nessa tentativa de controle, exercido pelos salesianos, que associados, líderes, padres e superiores performam relações sociais e simbólicas que evocam um Juazeiro específico. O enraizamento da prática religiosa em Juazeiro recebe novos “deslocamentos de sentidos e significação”. Os dados dessa pesquisa dão conta que há negociações entre os envolvidos, seja na escolha dos nomes dos grupos, seja nas devoções italianas sugeridas, seja na vivência de um “espírito salesiano”; em todos esses casos, um Juazeiro geográfico e simbólico se destaca.

Defendo que há um vínculo de pertencimento com o lugar Juazeiro do Norte, os moradores (na grande maioria romeiros e descendentes) desempenham “uma busca de sentido e verdade que é centrípeta³ para o interior dela mesma, posto que ela é a Terra que o Eterno prometeu, onde a nação começou e onde tudo se consumará” (CAMPOS, 2008, p.146). A vida foi construída nesse chão e pra ele deve retornar. Trago as formas de morrer como maior exemplo desse vínculo definitivo com um Juazeiro *sagrado*, construído por seus próprios moradores (CAMPOS, 2008; BARBOSA, 2007). Os dois grupos mantêm um jazigo coletivo

³ A idéia de uma “busca de sentido e verdade que é centrípeta” foi usada por Roberta Campos em referência feita à Rita Segato (1999) no artigo: “*El vacío y su frontera: La búsqueda Del outro lado en dos textos argentinos*”. Série Antropológica, nº 257: s/p.

no principal cemitério da cidade. Esta situação social específica cria valores sociais e simbólicos que ilustram os laços entre pessoas e lugar.

Juazeiro do Norte

A cidade está localizada no extremo sul do estado do Ceará, região do Cariri, e conta com uma população de quase 250.000 habitantes⁴. A população de Juazeiro é constituída, em sua grande maioria, por romeiros e descendentes que “passam a morar, viver e morrer na cidade... e assim, também se enraízam lá” (CAMPOS, 2008, p. 146). A etnografia realizada com os associados demonstra o nosso interesse antropológico em dar ênfase à organização interna dos grupos juazeirenses como forma de perceber a multiplicidade de pontos de vistas dos associados participantes (CAMPOS, 2008; BARBOSA, 2007).

O propósito de focar as falas dos moradores como sendo fundamentais na interpretação da cidade de Juazeiro confirma um enfoque diferenciado nos estudos antropológicos. O fenômeno popular das romarias sempre foi um campo fértil para o desenvolvimento de diversas pesquisas acadêmicas, muitas dessas realizadas no âmbito das Ciências Sociais. Os aspectos abordados nessas pesquisas são de diversas ordens, principalmente no que se referem a essas romarias, fenômeno que desperta a devoção de milhares de pessoas em todo o Brasil (especialmente do Nordeste); e também em temáticas ligadas à figura polêmica do Padre Cícero Romão Batista, fundador da cidade⁵. Em menor quantidade, vamos encontrar estudos que buscam privilegiar as falas de moradores e romeiros, que revelam um lugar importante na reflexão de temas como religião, cultura, identidade, etc. Os diversos trabalhos publicados por Roberta Campos⁶, destacando a

⁴ 249.829 habitantes, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – Estimativa da população em 2009. Nessa mesma estimativa, Juazeiro é considerado a segunda maior cidade do estado do Ceará.

⁵ São muitas as obras que tratam das polêmicas ligadas ao Padre Cícero. As controvérsias interferiram nos ânimos de diversos autores locais, em sua maioria figuras ligadas à igreja, que dividiram-se em duas alas: os pús e os contra (SILVEIRA, 1976 *apud* BARBOSA, 2007, p.160). Cito algumas das diversas obras bem catalogadas por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa, em seu livro *O Joazeiro Celeste* (2007): *Apostolado do Embuste* (1956), de Padre Antonio Gomes; *Padre Cícero: mito e realidade* (1968), de Otacílio Anselmo; *Joazeiro do Cariry* (1913), de Padre Alencar Peixoto e *Padre Cícero. O Santo de Juazeiro* (1946), de Edmar Morel, são alguns exemplos de autores que se colocava nessas duas alas. Destaco também *O Padre Cícero que conheci* (1969), de Amália Xavier, amiga íntima do padre. Na década de setenta surgem obras que buscam neutralidade nos conflitos, e *Milagre em Joazeiro* (1976), de Ralph Della Cava, obra importantíssima e relevante na compreensão política e social da cidade. A obra *A terra da mãe de Deus* (1988), de Luitgarde Oliveira Barros, enfoca a organização religiosa como estrutura social e também é usada nesse trabalho.

⁶ Destaco aqui: *Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar* (2008), *Contação de “causos” e negociação da verdade entre os Ave de Jesus, Juazeiro do Norte-CE* (2009), e *Nossa Senhora andou por Juazeiro do Norte: explorando critérios de validação nos milagres e “causos” de Juazeiro do Norte-CE* (2003). Ver a bibliografia em detalhes.

etnografia do grupo de penitentes “Ave de Jesus”, são pioneiros na área e servem como pano de fundo teórico de minha dissertação. Acredito, assim com Roberta, que é “imprescindível levar a sério o que o nativo nos diz, e não simplesmente traduzir o que é absurdo para nós como metáforas” (CAMPOS, 2009, p. 33). Os relatos trazidos nos capítulos dois e três dão conta de muitas situações vivenciadas pelos associados, como as interpretações feitas por eles das profecias de Meu *Padim Cico*, a relação estabelecida com o jazigo das associações, as motivações que fazem com que participem dos grupos, etc. A obra *O joazeiro celeste*, de Francisco Salatiel Barbosa, também privilegia o “multiforme ponto de vista romeiro”, partindo “do pressuposto de que o romeiro tem os seus modos de ver, entender e até escrever a sua história. Ele também faz parte do processo de construção, não apenas absorve mecanicamente os dados da tradição religiosa subjacente à sua visão do mundo da vida. Ele constrói e reconstrói, lê e relê, recebe e transforma. É também um produtor, fazedor, construtor de mundos” (BARBOSA, 2007, p. 20). Ainda que nesse trabalho não tenhamos como foco os romeiros, esse ponto de vista nos parece fundamental para nossa compreensão do lugar e suas relações.

Veremos no primeiro capítulos que as raízes dessa religiosidade são encontradas na história da região do Cariri, lugar propício ao surgimento de líderes religiosos como os padres Ibiapina e Cícero Romão Batista, figuras que marcaram a constituição de um *ethos* religioso, alimentado constantemente pela existência de irmandades e associações religiosas. Iremos nos deter sobre os dados históricos que nos revelam a formação desse *ethos*, através das missões de religiosos estrangeiros no período do Brasil Colônia e da trajetória de Cícero Romão, figura fundamental na fundação de Juazeiro. No final de sua vida, Padre Cícero se empenha em trazer para Juazeiro do Norte a congregação italiana dos padres salesianos. O sonho do padre só é realizado no ano de 1939, cinco anos após o seu falecimento. Com os salesianos iremos identificar uma vivência diferenciada da fé católica, bem mais próxima dos moldes institucionais. Diante desses elementos, as associações religiosas modificam-se, reinventam-se, criam e recriam seus cotidianos; mas suas raízes ainda estão conservadas pelos mais velhos, em muitos casos estão bem vivas e produtivas. As associações religiosas são retratadas aqui como espaços que unem, ao mesmo tempo, aspectos tradicionais e contemporâneos, apreendidos e modificados no cotidiano desses indivíduos.

Essa mesma pluralidade se configura como desafio para a adaptação desses grupos no tempo atual, quando o “secularismo” não foi capaz de proporcionar a decadência da religião, mas transformou costumes que (re) configuram uma nova situação (BERGER, 2005). Pretendo apresentar as associações religiosas como esse espaço que revela a possibilidade de

elementos constitutivos de diversas ordens, numa adaptação aos novos tempos, mas também numa vitalidade de preservação de ideais e valores tradicionais (moralidade campesina). Entendendo que a cultura nomeia e distingue “a organização da experiência e da ação humana por meios simbólicos” (SAHLINS, 1997), partilho da idéia que os grupos religiosos organizam suas práticas culturais de acordo com suas tradições e suas visões de mundo, que também incorporam “a moralidade e as emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão”, já que “as pessoas não descobrem simplesmente o mundo: ele lhes é ensinado” (SAHLINS, 1997, p.48).

O Jazigo

No cemitério de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, cravado no coração da cidade de Juazeiro do Norte, foi construído um jazigo⁷ no ano de 1956. Os integrantes das duas associações religiosas decidiram por um lugar comum no momento da morte. Os alicerces desse jazigo tocam uma cidade considerada sagrada, destino de muitos romeiros e descendentes que decidiram permanecer nesse chão. Nesse mesmo cemitério, há quase setenta e sete anos, foi sepultado o Padre Cícero Romão Batista, lembrado com frequência nas falas e depoimentos dos associados nessa dissertação, confirmando a relação ainda presente entre Padrinho e afilhados. Sobre a existência do jazigo e as relações em torno dele, observamos que ele representa para muitos associados o repouso ao lado das crenças que motivaram suas vidas. Isso nos faz recordar a preocupação de Geertz, em *Interpretação das Culturas* (1989), com a análise da religião a partir da dimensão cultural. De acordo com o autor, os símbolos (e nesse caso falamos do jazigo) “funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo – o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas – e sua visão de mundo” (GEERTZ 1989, p.104). Geertz traz, também, a problemática do sofrimento enquanto problema religioso; para o autor, “o problema do sofrimento é, paradoxalmente, não como evitar o sofrimento, mas como sofrer, como fazer da dor física, da perda pessoal, da derrota frente ao mundo ou da impotente contemplação da agonia alheia algo tolerável, suportável – sofrível, se assim podemos dizer” (GEERTZ 1989, p.119). O jazigo das associações simboliza um estilo de vida e tornou-se parte de uma crença cultivada nos grupos: ser sepultado nesse jazigo representa, para muitos, vínculos com o Padre Cícero ou com a família salesiana. O

⁷ Refiro-me a jazigo como uma construção destinada a abrigar diversos túmulos individuais. O jazigo em questão possui uma pequena capela na frente, nos seus fundos um apertado corredor subterrâneo (6 metros de comprimento por 2 metros de largura) com 32 túmulos individuais espalhados nas duas paredes, 16 de cada lado.

jazigo também está ligado ao sofrimento; se a religião ensina a sofrer, ser sepultado nesse espaço representa coroar uma vida repleta dele.

Podemos, também, usar Appadurai, que nos alerta para voltar nossos “olhares sobre os modos como desejo e demanda, sacrifício recíproco e poder interagem para criar o valor econômico em situações sociais específicas” (APPADURAI, 2008, p. 16). Assegurar um lugar no jazigo das associações salesianas implica, também, em efetuar um pagamento mensal. Há uma necessidade de se ter um lugar para o sepultamento e a maioria dos associados não dispõem de um túmulo. É um investimento alto e o pagamento através das associações torna possível uma necessidade básica a um custo acessível. Há, então, um desejo e uma demanda e isso exige algum tipo de sacrifício, esse sacrifício gera um valor econômico que possibilita o uso do jazigo pelo associado e pelos familiares. Contudo, é importante colocarmos que o valor econômico não se contrapõe à cosmologia e aos sentidos sagrados do lugar Juazeiro do Norte; é antes de tudo um elemento que integra uma rede de relações pautada pelos sentidos religiosos, que movem pessoas.

Em 1997 a Associação Nossa Senhora Auxiliadora ganha status de ser participante da “família salesiana” (veremos no capítulo dois), mas somente no ano 2000 é iniciada essa mudança burocrática. Isto significou o reconhecimento oficial da Congregação Salesiana e do Vaticano, gerando a elaboração de um regulamento associativo a ser seguido em todo o mundo. A associação em Juazeiro do Norte, que se chamava “Associação Nossa Senhora Auxiliadora”, passa a ter o nome oficial de “Associação de Maria Auxiliadora”, ou ADMA⁸, nome que identifica a Associação Primária de Turim, Itália, fundada no final do século XIX. Em nenhuma das filiais existe relação estabelecida com um jazigo, somente em Juazeiro do Norte. Quando os padres superiores da Inspeção Salesiana do Nordeste tomaram conhecimento da situação, tensões foram geradas quanto aos objetivos que constam no regulamento oficial. Essa proximidade com a Congregação Salesiana faz da Associação Nossa Senhora Auxiliadora mais moldável às ações institucionais, o que faz com que o grupo seja alvo de um maior controle.

Já na Associação São João Bosco, as relações estabelecidas com o jazigo são bem mais fortes. Há um empenho do presidente, há quase trinta anos ocupando o cargo, em proporcionar melhorias na assistência funerária dos associados. Além disso, o perfil do presidente não permite uma subordinação à Congregação Salesiana. Outro elemento que

⁸ Sempre quando me referir a esta associação, usarei o nome “Associação Nossa Senhora Auxiliadora”, assim como ela tornou-se conhecida ao longo de sessenta anos. Acreditamos que esse nome possui ainda um forte sentido entre as associadas. Por esse motivo não usarei o novo nome ADMA.

interfere em sua constituição é o fato de Juazeiro do Norte ser o único lugar, ocupado pelos salesianos, onde existe a Associação São João Bosco, o que permite ao grupo certa independência com relação à construção do próprio estatuto. Todas essas características provocam tensões nas relações entre líder e congregação. Acreditamos que a representação do jazigo, para maioria dos associados de João Bosco, aproxima-se mais das práticas religiosas constitutivas fundantes de Juazeiro, bem mais do que a Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, pelos motivos já expressos.

A estrutura do trabalho

O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, faço uma revisão de alguns estudos históricos, sociológicos e antropológicos realizados em Juazeiro do Norte. Autores como Ralph Della Cava, Luitgarde Barros, Antônio Braga, Roberta Campos e Francisco Salatiel Barbosa são fundamentais nessa compreensão. A presença de missionários na região do Cariri cearense propagando o final dos tempos, as grandes secas que marcaram o estado e fomentaram devoções populares e o surgimento de líderes religiosos como Padre Ibiapina, são elementos fundamentais para a formação religiosa do Padre Cícero Romão e, conseqüentemente, para o surgimento da cidade de Juazeiro do Norte. O principal objetivo no primeiro capítulo é reforçar a questão posta por Roberta Campos (2008): como, em Juazeiro, uma prática trazida por missionários católicos – e o *ethos* a ela relacionado (piedade e misericórdia) – se enraíza, tornando-se ela mesma identidade do lugar.

Ainda no capítulo primeiro, abordaremos a presença da congregação salesiana em Juazeiro do Norte. Os elementos devocionais trazidos pelos padres salesianos irão fomentar um ambiente propício ao surgimento das duas associações religiosas em questão. Em vida, o Padre Cícero solicitou diversas vezes que a congregação italiana viesse desenvolver um trabalho social e religioso na cidade. Mas, a situação disciplinar enfrentada pelo Padre Cícero junto à Igreja Católica impediu que ele pudesse presenciar a chegada da congregação. O patriarca morreu no ano de 1934, deixando a maioria de seus bens para os salesianos. Após cinco anos de sua morte a congregação chega a Juazeiro do Norte, disposta a realizar o tão esperado trabalho apostólico. O surgimento das associações é inspirado em modelos de grupos italianos, com nomes que identificam os santos oficializados da congregação. Contudo, em Juazeiro, os elementos enraizados agem de maneira aglutinada com os novos elementos, formando uma prática diferenciada repleta de pontos de tensões.

No segundo capítulo trataremos a etnografia da Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, grupo formado por mulheres. As narrativas dão conta dos primeiros esforços salesianos em convidar as mulheres, pessoalmente, para participar da associação, estabelecendo deveres como o devotamento a Nossa Senhora Auxiliadora no dia vinte e quatro de cada mês. Trataremos também da estrutura do grupo, identificando as mulheres escolhidas para assumir a presidência ao longo de quase setenta anos. Destacamos duas delas com trajetórias importantes para compreendermos suas relações e motivações com a associação. Trataremos, também, pontos relevantes do regulamento oficializado pela congregação, que dá um novo nome à associação, traçando uma unidade entre vários grupos espalhados pelo mundo. Deter-nos-emos nas conseqüências que essa unidade gera, sobretudo no exercício das devoções ensinadas no grupo. Ainda nesse capítulo, trataremos as relações das senhoras com o jazigo da associação, destacando o esforço da presidente em tornar esse benefício menos importante, diante das exigências feitas pela Congregação Salesiana.

No terceiro e último capítulo, trataremos a etnografia da Associação São João Bosco e destacaremos a importância do presidente na escolha dos caminhos percorridos pelo grupo. A criação de um novo estatuto em 1982 – ainda em vigor e cujo conteúdo prevê certa insubordinação à Congregação Salesiana – deu ao grupo independência diante da paróquia. Essas tensões serão narradas e consideradas importantes para percebermos as diferenças que marcam as duas associações. Iremos abordar a estrutura da Associação São João Bosco, como são realizadas as reuniões mensais, as devoções dos participantes, como o benefício ao plano funerário age nas relações entre associados e entre esses e o presidente. Nesse último capítulo, identificaremos na Associação São João Bosco, de maneira mais nítida, as práticas religiosas enraizadas na cidade de Juazeiro do Norte, ainda presentes, mesmo com as configurações vigentes.

Metodologia

Considero importante mencionar nesse espaço de metodologia o fato de que morei até os vinte cinco anos de idade na cidade de Juazeiro do Norte. A casa de minha família está localizada a poucos metros do muro que cerca o enorme Colégio Salesiano. Meus pais viveram numa relação de grande amizade com os padres salesianos, cresci vendo-os entrarem em minha casa para realizar muitas de suas refeições. Meu pai dedicou toda sua vida aos trabalhos pastorais realizados por esta congregação.

Apesar de meus pais não participarem das associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, tinham lá outros familiares, como minha avó e duas tias paternas. Sempre soube da existência das duas associações, para mim eram espaços de pessoas idosas. Muitos de seus presidentes eu já identificava e sabia algumas histórias, acompanhei vários momentos de relações construídas entre os padres e os líderes leigos.

Trago essas informações nesse espaço por considerar que essa minha vivência naquela cidade deve ser considerada no processo de elaboração dessa dissertação. Há doze anos saí de Juazeiro para morar na cidade do Recife. Durante todo esse tempo exercitei meus estranhamentos com relação à prática de meus antepassados e familiares. Meu vínculo com a universidade me ajudou bastante num distanciamento que percebo como sendo útil nesse trabalho.

A metodologia foi constituída com um aporte teórico em consonância com a pesquisa de campo. No ano de 2009 fiz vários contatos com os presidentes das duas associações. Esclareci os objetivos da pesquisa e me inteirei do funcionamento dos grupos. No início de 2010, me programei para realizar as viagens, bem específicas, à Juazeiro do Norte, tendo como base os dias de reunião das duas associações. A distância entre Recife e Juazeiro é de aproximadamente 660 km. A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos: a primeira viagem aconteceu entre os dias 10 e 21 de fevereiro de 2010, a segunda entre os dias 10 a 16 de março do mesmo ano. Todos os dias referentes à pesquisa de campo foram aproveitados intensamente entre reuniões, conversas, pesquisas e entrevistas. Tinha consciência de meu compromisso e desafio diante das circunstâncias.

As reuniões das duas associações acontecem no segundo domingo de cada mês, no salão paroquial da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, administrada pelos padres da Congregação Salesiana. Participei de duas reuniões da Associação São João Bosco (14/02/2010 e 14/03/2010) e duas da Associação de Maria Auxiliadora (também 14/02/2010 e 14/03/2010). As reuniões da Associação São João Bosco começam às 7 horas da manhã do domingo enquanto as da Associação Nossa Senhora Auxiliadora iniciam-se às 14 horas do mesmo dia. Durante as reuniões usei um gravador digital e a câmera fotográfica para registro de imagens, tendo essa iniciativa de documentação sido previamente autorizada pelos presidentes dos dois grupos. Usei também um bloco de anotações e acompanhei as reuniões interagindo com os associados. O formato proposto se aproxima do método “Observação Participante”, buscando privilegiar as informações colhidas por ocasião da convivência com os associados no intuito de realizar um trabalho etnográfico. No período que realizei

pesquisas de campo não ocorreu nenhum sepultamento de associados, mas a minha vivência aponta várias situações em que acompanhei cortejos fúnebres, inclusive de familiares⁹.

Os presidentes das associações religiosas sugeriram nomes para que eu realizasse as entrevistas. Ao mesmo tempo, a proximidade com alguns associados me permitiu escolher pessoas que eu avaliei como sendo importantes para pesquisa. Para essas pessoas, os critérios usados foram: posição que ocupavam na associação (achei importante conversar com a tesoureira e uma ex-presidente), tempo de participação (percebi que os mais antigos no grupo relatavam mais histórias e interagem com mais intensidade) e alguns que demonstraram uma devoção mais fervorosa. Realizei uma longa entrevista com a presidente da Associação Nossa Senhora Auxiliadora e duas entrevistas, igualmente longas, com o presidente da Associação São João Bosco (cada entrevista teve em média 70 minutos, realizadas nas residências dos presidentes).

Com os associados realizei 18 entrevistas, sendo 12 associadas de Auxiliadora e 06 associados de Bosco. As entrevistas foram de caráter não-estruturado, abrindo espaço para que o entrevistado pudesse discorrer sobre sua história na associação. Assuntos como a relação com o jazigo e suas devoções individuais foram sugeridas no decorrer da conversa. As entrevistas foram gravadas em formato digital e fizemos fotografias de todos os entrevistados (algumas podem ser conferidas nos anexos). Os locais de entrevistas variaram entre o momento das reuniões e nas casas dos associados.

Foram realizadas pesquisas na biblioteca do Colégio Salesiano São João Bosco em Juazeiro do Norte e na biblioteca da Inspeção Salesiana do Nordeste em Recife. Ambos os lugares foram importantes para o levantamento da bibliografia relacionada à Congregação Salesiana. Conseguimos os estatutos das associações, bem como as carteiras de identificação dos associados. Esse material é trazido, também, nos anexos desta dissertação.

Estive presente na maior parte possível das atividades desenvolvidas por esses grupos. Entre as muitas atribuições que cabem a esses associados acompanhamos reuniões mensais, envolvimento em celebrações e festas paroquiais, trabalhos pastorais de caráter social, acompanhamento de enfermos e assistência aos falecidos. As questões que nortearam nosso interesse foram: quais as razões que impulsionam os indivíduos a participarem desses grupos? Como se percebem na eminência da morte? Qual o significado de ser sepultado no túmulo?

⁹ O corpo é velado na própria residência em meio a muitas orações e cantos. Quando se trata de uma associada de Nossa Senhora Auxiliadora, as mulheres se fazem presentes com seus vestidos brancos (ou camisas, muito usadas nos últimos anos) e suas fitas. No caso dos homens, muitos associados comparecem, mas não usam roupas específicas.

Quais os laços entre os membros desses grupos? São questões fundamentais, que são perseguidas no presente trabalho.

A busca de uma inserção no cotidiano dessas associações religiosas, visando realizar um trabalho etnográfico satisfatório, foi um dos objetivos metodológicos dessa pesquisa. Acreditamos que iniciativas etnográficas podem revelar nuances que são fundamentais na análise das questões abordadas, mesmo porque a etnografia configura-se como sendo central na constituição da Antropologia enquanto disciplina científica, o que faz do diálogo com as discussões teóricas um fator de extrema relevância. Essa foi a minha tentativa.

CAPÍTULO 1. A CIDADE DO PADRE CÍCERO

Nesse capítulo, usaremos a história de Juazeiro do Norte como base para identificar as práticas religiosas que nela se enraizaram. A penitência trazida pelos primeiros missionários nos séculos XVIII e XIX tornou-se “parte da visão de mundo de muitos dos líderes religiosos que viveram e andaram pelo sertão, como por exemplo: Padre Ibiapina, Antonio Conselheiro, Padre Cícero, Beato Zé Lourenço e outros” (CAMPOS, 2008, p. 146). Acreditamos que essa visão de mundo, influenciada pela piedade e misericórdia, foi o pano de fundo para o surgimento de várias irmandades na cidade. Essa mesma visão ainda atua, de maneira mais diluída, na constituição das associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora.

Propomos nesse capítulo um percurso histórico que abrange as missões na região do Cariri cearense e os elementos que alicerçaram a criação simbólica da cidade de Juazeiro do Norte. Destacaremos um pouco da trajetória do Padre Cícero Romão Batista e suas influências, adquiridas no exemplo vivido pelo apóstolo sertanejo Padre Ibiapina. Com isso queremos demonstrar que as idéias relacionadas à piedade e misericórdia agiram profundamente nos moradores de Juazeiro do Norte. Reforçaremos aqui a questão posta por Roberta Campos (2008): como, em Juazeiro, uma prática trazida por missionários católicos – e o *ethos* a ela relacionado (piedade e misericórdia) – se enraíza, tornando-se ela mesma identidade do lugar. A chegada dos padres salesianos, após a morte do Padre Cícero, trouxe novos elementos italianos que se misturaram com as informações tradicionais. Ao final desse capítulo, defendemos que o reflexo de um Juazeiro tradicional ainda é presente nos participantes das duas associações.

1.1 O Cariri: Palco de missões

No primeiro quartel do século XVIII, o Vale do Cariri foi povoado “por criadores de gado provenientes da Bahia e de Pernambuco, atraídos pelas terras férteis e pelas fontes perenes de água” (DELLA CAVA, 1985, p.27). No final do mesmo século, a cidade do Crato “surgiu com sendo a mais populosa e o centro mais importante do Vale” (Ibid, p.27). No Cariri, o crescimento econômico e populacional, relaciona-se com os elementos religiosos. O contexto religioso da região é importante para entendermos o surgimento de Juazeiro do Norte. O cenário religioso antes de 1860 foi descrito da seguinte forma:

Assim sendo, deteriorava-se a vida religiosa coletiva do Vale. As classes inferiores tinham apenas contatos marginais com a Igreja oficial, limitados, via de regra, às festas dos dias santificados e aos feriados importantes, quando então se realizavam procissões solenes e comemorações sociais nos centros urbanos. Rara era a participação nas liturgias sacramentais; até mesmo o batismo e o matrimônio eram negligenciados, em virtude de serem pouco freqüentes as visitas dos escassos sacerdotes às zonas rurais ou, então, porque os honorários clericais estavam acima do alcance dos pobres. Apenas as missões ocasionais, normalmente pregadas por padres estrangeiros – no caso do Cariri, quase sempre capuchinhos – levavam a religião às classes inferiores na escala social (DELLA CAVA, 1985, p.30).

A região do Cariri é marcada pelas “santas” missões. Nelas os religiosos europeus pregavam a necessidade de conversão das pessoas em pecado num cenário de aproximação do fim do mundo. Freqüentes pelo Nordeste brasileiro, no Cariri as missões dos capuchinhos no século XVIII foram importantes no processo de colonização da região. Os capuchinhos italianos, da Ordem dos filhos de São Francisco de Assis, eram responsáveis pelo aldeamento, a Missão de Miranda (que veio a dar origem à cidade do Crato, onde nasceu o Padre Cícero), “onde se catequizavam os índios Cariús, Quixeréu, Curianê, Calabaça e Icozinho” (BARROS, 1988, p.64). As missões tinham como objetivo a “salvação das almas”, num contexto onde “a oratória dos missionários contribuía para a formação de uma imagística cheia de imagens e ameaças de inferno, castigo para os pecadores e, finalmente, o fim do mundo” (BRAGA, 2008, p.99). Tais imagens também despertavam várias interpretações, o que provocava materialização do divino nos missionários católicos, percebidos como homens dotados do dom da profecia. “Assim foi com o capuchinho italiano Frei Vitale de Frascarolo, que pregou no Cariri, no princípio do século XIX. Depois de sua morte, foi-lhe atribuída uma profecia sobre a destruição do mundo” (DELLA CAVA, 1985, p.30).

Campos (2008) considera que a penitência (prática freqüente em tempos medievais) foi introduzida no Brasil “pelos primeiros missionários católicos, a quem se pode atribuir a inserção da forte tendência a crenças milenaristas e messiânicas entre os habitantes das regiões brasileiras mais isoladas e interiores” (CAMPOS, 2008, p. 153). Tais práticas estão presentes na fundação de Juazeiro do Norte e são consideradas pela mesma autora como “tradição cultural” (CAMPOS 2007). Usamos aqui os mesmos argumentos, no sentido de que as associações religiosas de leigos por mim estudadas, guardam resquícios desses elementos tradicionais¹⁰. Em nosso caso, o tripé “penitência, crenças milenaristas e messiânicas” não age

¹⁰ Aqui é pertinente trazer uma discussão relevante acerca da oposição entre religião “popular” e “oficial” (THEIJE, 2001). É importante percebermos as associações religiosas como espaços que unem ao mesmo tempo, aspectos tradicionais e contemporâneos, apreendidos e modificados no cotidiano desses indivíduos. O pensamento binário “religião popular *versus* religião oficial” usado como distinção antagônica, tende a esconder dinâmicas e tensões que marcam a pluralidade desses grupos (REENSIK, 2007) e que podem excluir aspectos relevantes para uma melhor compreensão. Essa mesma pluralidade se configura como desafio para adaptação

de maneira marcante, como é nos grupos de penitentes fixados em Juazeiro e na região do Cariri, mas, ainda assim, pode ser identificado nas Associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. Na Associação São João Bosco constatamos muitos associados que reproduzem histórias de seus antepassados e buscam viver nessa sintonia. No caso da Associação Nossa Senhora Auxiliadora, esses elementos tradicionais estão mais diluídos, isso porque sua organização está bem mais próxima dos preceitos romanos. Os dois grupos estão situados na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, sob a responsabilidade dos padres Salesianos, instituição italiana que contribuiu fortemente para modificar as cores mais fortes da penitência. Mas não significa que inexistem, convivem numa pluralidade de idéias, originando diversas interações. Seu Noé, integrante da Associação São João Bosco, demonstra suas raízes tradicionais:

Aí Padim Ciço conversava mais ele [*avô do entrevistado*] no caminho, aí ele dizia: "Francisco Gomes, no futuro vem uma estrada negra, que você num caminha quinze metro, já é um cemitério, uma cruz..." Essa pista [*rodovia asfaltada que liga as cidades de Juazeiro e Crato*], né? Agora nós tamo sabendo que é essa pista. E mais adiante vem uns besouro preto que acaba com o povo. É as mota [*motocicletas*], em nosso pensamento é essas mota. Tá tudo certo, né. Ele dizia tudo isso. E a pedra do horto vai virar pão. Meu padinho, como é que a pedra vira pão? E como é que não tá virada? Quanto não é uma carrada de pedra do horto pra cá? Aí essas coisa tudo foi do tempo de meu avô. (SEU NOÉ, 75 anos)

Antes da década de sessenta do século XIX, o Ceará pertencia a uma província diocesana cuja sede episcopal ficava em Recife (BRAGA, 2008, p.40). No ano de 1861, Dom Luís Antônio dos Santos foi nomeado primeiro bispo do Ceará. A necessidade de uma grande reforma fez o bispo traçar objetivos de uma política para diocese. Entre os principais objetivos estavam: "(1) Restaurar o prestígio da Igreja e a ortodoxia da sua fé e (2) remodelar o clero, tornando-o exemplar e virtuoso, de modo que as práticas e crenças religiosas do Brasil pudessem ficar de acordo com a fé católica, apostólica e romana de que a Europa se fazia então estandarte" (Ibid, p.35). Nesse sentido, como realização maior, foi fundado o Seminário Episcopal do Ceará em 1864. O seminarista Cícero ingressa na segunda turma, em 1865, e comunga do surgimento de um novo tempo: reestruturar as bases católicas no Ceará à luz de institucionalização romana.

desses grupos no tempo atual, onde o "secularismo" não foi capaz de proporcionar a decadência da religião, mas transformou costumes que (re) configuram uma nova situação (BERGER, 2005). Nesse trabalho apresentamos as associações religiosas como esse espaço que revela a possibilidade de elementos constitutivos de diversas ordens, numa adaptação aos novos tempos, mas também numa vitalidade de preservação de ideais e valores tradicionais (moralidade campesina). É com relação a esse último aspecto que nos referimos quando destacamos a dimensão "tradicional" de Juazeiro do Norte. Em um de seus artigos, Roberta Campos trata a tradição "menos como discurso e representação e mais como algo experimentado afetiva e materialmente" (CAMPOS, 2008, p.150). Partilhamos também dessa idéia.

Esse movimento “de implantar ou consolidar o modelo eclesial tridentino, diversos prelados, em consonância com as diretrizes romanas, haviam iniciado um esforço para a reforma de Instituição Católica, sendo adequadamente designados como bispos reformadores. Em razão de uma vinculação mais expressiva com a Cúria Romana, esse modelo de fé reformado passou a ser conhecido como Catolicismo Romanizado nos meios eclesiais e acadêmicos” (AZZI, 2000, p.24). Ralph Della Cava (1985, p.35-38) define “romanização” do catolicismo brasileiro como “essa nova era na qual a igreja e o seu clero liderariam a substituição do ‘catolicismo colonial’ do Brasil pelo ‘catolicismo universalista’ de Roma, com toda a rigidez hierárquica, moral e doutrinária que tal transição implicava”. A região do Cariri será combatida em suas crenças populares, os “líderes” desse movimento religioso serão perseguidos para que o controle institucional seja mantido. Padre Cícero e seu Juazeiro surgem nesse cenário.

1.2 O sonho: Cícero e a cidade

Um pequeno vilarejo com dois mil habitantes, quase todos ligados ao trabalho nas fazendas de açúcar. Cinco famílias proprietárias das terras. Uma capela dedicada a Nossa Senhora das Dores. Uma escola e 32 prédios com tetos de palha. Duas ruas: a rua Grande e a rua dos Brejos. Era esse o cenário do ano de 1875, descrito pelo historiador Ralph Della Cava (1985). Quatro anos antes, em 24 de dezembro de 1871, um padre recém-ordenado¹¹, com 28 anos de idade, “foi convidado para celebrar a Missa do Galo na Capela de Nossa Senhora das Dores” (BRAGA, 2008, p.73). O jovem Padre Cícero Romão Batista, natural da cidade do Crato, sede do município, gastou cerca de três horas, a cavalo, até chegar ao distrito.

Sem intenção de permanecer como capelão, o padre continuou ministrando sacramentos para os moradores em domingos e dias santos, até que um sonho modifica o destino dele e do lugar:

Certa vez, ao anoitecer de um dia exaustivo, após ter passado horas a fio a confessar os homens do arraial, atravessou, pesadamente, o pátio da capela, em direção ao prédio da pequenina escola onde estava provisoriamente alojado. Aí, no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono e a visão fatal se revelou: 13 homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a *Última Ceia*, de Leonardo da Vinci. O padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. (...) No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parcos pertences em pequenas

¹¹ A ordenação do Padre Cícero aconteceu em 30 de setembro de 1870.

trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam a impressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço 'para salvar o mundo' mas, caso os homens não se arrependessem depressa, Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente, para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: 'E você, Padre Cícero, tome conta deles'. (DELLA CAVA, 1985, p.26)

A interpretação do sonho pode ser vasta, mas iremos tomar apenas alguns aspectos que interessam à pesquisa. O relato do sonho era sempre evocado pelo Padre Cícero para explicar sua decisão de permanecer na cidade. O principal motivo de querer ficar no povoado de Juazeiro era exercer plenamente seu sacerdócio, o chamado divino foi confirmação de um desejo maior de cuidar dos pobres e pecadores. A escolha sacerdotal de Cícero tem a ver com sua infância e juventude, etapas em que a vivência numa atmosfera religiosa e social influenciou seus ideais. Nos sonhos há cenários de um tempo social específico, com elementos cotidianos, imagens que permeiam crenças e sugerem a compreensão do mundo. O sonho do jovem padre é um prenúncio do fim dos tempos, idéia propagada com muita intensidade no século XIX. O medo da morte alimenta a necessidade de arrependimento, única alternativa para salvação do mundo. De acordo com autores como Ralph Della Cava, Riolando Azzi e Antônio Mendes Braga, a Igreja Católica, em seus moldes coloniais, desenvolveu maneiras de catequizar os povos potencializando o medo (ainda que as pessoas também desenvolvessem seus próprios medos, independente da Igreja). Os missionários pregavam a iminência do fim do mundo e, por isso, a necessidade de conversão. Os camponeses sofrem com a pobreza, os aflitos precisam de consolo e o chamado divino aponta um escolhido. Após o sonho, no dia 11 de abril de 1872, Padre Cícero decide ficar e faz da cidade sua imagem e semelhança, um espelho que reflete a necessidade de aliviar a dor com o remédio da crença.

Primogênito e único filho homem, Cícero Romão Batista nasceu em 24 de março de 1844, na cidade do Crato/CE. Filho de Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana (Dona Quinô), tinha duas irmãs, Maria Angélica Baptista (Mariquinha) e Romana Batista. Era uma família de "poucas posses", o pai "era um pequeno comerciante de tecido e ferragens e a mãe era dona de casa" (BRAGA, 2008, p.30). "O seu primeiro passo concreto rumo ao sacerdócio ocorreu entre os 16 e os 17 anos, quando foi encaminhado ao prestigiado colégio do Padre Inácio de Souza Rolim na cidade de Cajazeiras, Paraíba" (Ibid, p.31). Um fato marcante, ocorrido quando Cícero tinha 18 anos, foi a morte de seu pai, vítima de uma epidemia de cólera que afetou o estado do Ceará. O socorro diante do quadro de calamidade

espalhada no Cariri, partiu do missionário Padre Ibiapina (veremos em tópico posterior) e seus seguidores, numa demonstração de envolvimento e apoio às vítimas (inclusive o jovem Cícero, que também contraiu a doença). Essas ações de solidariedade e apoio espiritual exercido pelo “profeta” Ibiapina irão marcar profundamente a vida de Cícero. O padre torna-se para Cícero um ícone no exercício desse sacerdócio engajado.

A morte do pai traz muitas incertezas para o futuro de Cícero, o sustento da família ficou ameaçado, bem como a manutenção dos estudos em Cajazeiras. A solução veio da atitude da mãe em assumir os negócios do falecido e em falar com o padrinho de batismo de Cícero, solicitando ajuda financeira para que a trajetória do neófito não fosse interrompida. O “coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, rico comerciante local e chefe político do Crato” (Ibid, p.32) aceitou o pedido aflito da viúva e cumpriu com seu papel de padrinho até o término dos estudos de Cícero.

As relações de apadrinhamento possuem grande força e significado no sertão nordestino. A extensão dessa relação penetra na formação das famílias e cria elementos adicionais ao parentesco. Podemos destacar dois aspectos relevantes na escolha do padrinho: (1) alguém que possa educar o afilhado por princípios religiosos, acompanhado-o nos “sacramentos” instituídos pela Igreja Católica; (2) Alguém que tenha posses e melhores condições financeiras para auxiliar o afilhado, na maioria das vezes, mais pobre. Os pais pensam nos padrinhos a partir da proximidade de relações: pode ser alguém da própria família, um amigo bem próximo, o patrão ou a patroa de um dos pais, uma pessoa que desfrute da admiração de outras gerações da família, etc. Em todos esses casos, temos uma agregação dos padrinhos ao círculo familiar, se estabelece uma relação de cumplicidade pela trajetória do indivíduo em questão. Os padrinhos e madrinhas passam a compor a família da criança (quando não são consangüíneos) dividindo responsabilidades e obrigações. Partindo da idéia de SARTI (1986) – de que a pobreza reforça os laços de dependência entre as pessoas – os padrinhos representam na vida dos afilhados, a confirmação de um acordo estabelecido entre seus pais. Nesse acordo, a responsabilidade para com a vida dos filhos é partilhada com o “novo” membro da família, criando assim uma rede de parentesco que reforça os laços de solidariedade.

Ao longo do tempo, o padre Cícero irá tornar-se padrinho de milhares de pessoas, assumirá um papel de proteção e apoio espiritual, acreditando em sua missão frente aos mais necessitados. Sua vida será construída dentro dessa relação de apadrinhamento, onde dezenas de romeiros-afilhados se colocam diante das bênçãos de um padrinho sensível às dificuldades

terrenas. Padrinho Cícero e o seu Juazeiro são possibilidades concretas de dias melhores para quem chega e quer permanecer.

Os grupos religiosos abordados nesse trabalho são frutos das peregrinações de seus antepassados. Padre Cícero e o Juazeiro fazem parte de um marco na vida de quem escolheu novo solo para fincar raízes. A grande maioria dos membros dessas associações são descendentes de romeiros que um dia foram atraídos pelo carisma do “Padrinho Cícero”. Muitos associados contaram a chegada de seus antepassados a Juazeiro. Essa memória é carregada de um novo momento, a origem de uma relação estabelecida entre a vida do caminhante, o padrinho e a cidade. A presidente da Associação de Maria Auxiliadora confirma relato das origens de sua família:

Na época, vovô veio pra cá, que vovô tinha, ele viajava com coisas pra vender, aí vinha aqui pra Juazeiro. E ele conheceu o Pe. Cícero, e ele veio pra cá em 1912, pra morar, em 1912, porque ele conversou com o Pe. Cícero e perguntou... disse que tava com vontade de vir pra cá, veio morar aqui, ele já era casado, aí tava com vontade de vir morar aqui em Juazeiro, o que era que Meu Padrim Cícero achava, aí ele disse que ele viesse, aí ele veio pra cá, vovô veio pra cá em 1912. Aí pronto, o resto dos filhos nasceram aqui em Juazeiro e... Mamãe nasceu em Juazeiro, mamãe nasceu em 25.

Maria Zeneida, 54 anos.

Nos próximos tópicos, faremos um breve histórico sobre as figuras do Padre Ibiapina, Padre Cícero e acontecimentos importantes na cidade de Juazeiro. Com isso, pretendemos traçar um paralelo entre essas informações, no sentido de identificar a piedade e a misericórdia como valores de agregação social e simbólica. As diversas obras sociais e a caridade para com os necessitados marcaram a trajetória de Ibiapina e inspiraram seguidores como Cícero. Este, por sua vez tornou-se orientador e padrinho de milhares de pessoas, construindo uma cidade com a força da religião. Suas ações interferiram no surgimento de irmandades e vários grupos religiosos. Após esse caminho traçado, chegaremos à Congregação Salesiana, que aporta em Juazeiro em 1936, trazendo suas novas devoções.

1.3 O Mestre Ibiapina

O renascimento religioso do Vale do Cariri é atribuído ao Padre Ibiapina, responsável pelas “transformações mais importantes nas estruturas religiosas do Cariri”, nas décadas de 1860/1870 (DELLA CAVA, 1985, p.33). Ibiapina tornou-se padre em 1853, com 47 anos de idade, abandonando a profissão de advogado e dedicando-se inteiramente às missões religiosas. A disposição do “mestre” em caminhar pelas terras do sertão nordestino e o seu

entusiasmo pelo auxílio espiritual e social dos pobres fez dele uma referência para o povo, ricos e pobres, que o recebia com veneração:

Mobilizou trabalhadores submissos e crédulos não apenas para a realização de consertos nas igrejas e nos cemitérios mas, também, na construção de açudes, abertura de poços e cacimbas, bem como planejamento de novas estradas, melhorias essas que foram acolhidas com entusiasmo pelas elites do interior, desejosas, sobretudo depois de 1865, de aproveitarem o surto de prosperidade que as exportações de algodão ainda lhes proporcionariam por mais cinco anos pelo menos. (DELLA CAVA, 1985, p.34)

Uma epidemia de cólera acometeu o sertão na década de sessenta e Ibiapina mobilizou dezenas de voluntários para cuidar dos doentes. Uma das vítimas fatais foi o pai do padre Cícero, Joaquim Romão Batista. O filho Cícero acompanhou todo esforço e assistência do sacerdote. Luitgarde Barros sugere uma relação entre o fato ocorrido e a vivência sacerdotal do padre Cícero:

Aquele ambiente, o engajamento que levava alguns padres a morrerem na luta que Ibiapina e seus seguidores encetaram contra o cólera que acometeu o sertão na década sessenta do século XIX, forjam [sic] na criança e no adolescente Cícero Romão Batista uma crença inquebrantável, a certeza da missão da Igreja de salvar e ajudar os miseráveis. A morte de seu pai e do Padre João Marrocos, atendidos por Ibiapina num lazareto construído por iniciativa deste para tratar os coléricos, liga indissolivelmente o órfão àquele missionário e suas concepções de mundo (...)

O Adolescente que ingressa no Seminário da Prainha já chega formado por uma concepção de mundo, com uma interpretação dos ritos e mitos católicos já decodificados por Ibiapina, sua “fonte de criação”, para usar a expressão de Sartre. Sua identificação com o catolicismo pregado por Ibiapina faz de sua vida no Seminário um tempo de angústia, desencontro com os padres lazaristas franceses e seus ensinamentos, tornando-o um seminarista atípico, desconfiadamente observado pelos professores, sua vocação questionada pelo Reitor Chevalier. (BARROS, 1988, p.17)

O Vale do Cariri recebeu duas visitas de Ibiapina: uma, de outubro de 1864 a fevereiro de 1865; e outra, de julho de 1868 a junho de 1869. Nesse período, o padre construiu as “casas de caridade”, edificações que serviam de “escolas para as filhas dos fazendeiros e comerciantes ricos”, abrigavam “crianças das classes mais pobres”, eram “centros para a manufatura de tecidos baratos” e “convento para sua congregação de freiras¹²”. Em Ibiapina iremos encontrar as sementes dos grupos religiosos compostos por leigos, elas irão se espalhar nesse chão seco e quente doc Cariri cearense. O padre caminhante inovou ao fundar uma congregação de mulheres (também chamada “irmandade de caridade”), onde os membros passam a receber o título de *beatas*, essas mulheres eram orientadas pelo padre no uso de um hábito e faziam profissão de votos como fazem as congregações oficializadas pela Igreja Católica. Essas congregações femininas de Ibiapina não possuíam aprovação de Roma nem do

¹² Relatos extraídos de DELLA CAVA (1985).

bispado brasileiro, eram movidas pela necessidade de agir diante da miséria e do sofrimento, guiadas por alguém considerado profeta divino. O exemplo de Ibiapina foi seguido com devoção pelo jovem Cícero, que sonhava (literalmente) com um sacerdócio que atuasse no combate ao sofrimento do povo.

Antes das demoradas visitas de Ibiapina ao Cariri, suas missões começam a enfrentar a oposição da Igreja. A recém criada diocese do Ceará estava imbuída de um maior controle das ações pastorais, toda manifestação que demonstrasse independência institucional era vista com preocupação pelos superiores eclesiásticos. A iniciativa de Ibiapina em fundar uma congregação religiosa de freiras foi de encontro com essas novas normas diocesanas. Isso fez com que os planos de Ibiapina ultrapassassem os limites de uma licença conseguida apenas “para fazer pregações”, essas ações foram consideradas “uma afronta à autoridade episcopal. Em janeiro de 1863, o bispo do Ceará foi pessoalmente a Sobral. Condenou, de público, as práticas instituídas por Ibiapina e, a despeito da solidariedade geral para com o missionário, ordenou sua saída imediata da diocese” (DELLA CAVA, 1985, p.34).

Padre Cícero surge como um continuador da obra de Ibiapina. Conserva o caráter assistencialista e profético, a atenção e o envolvimento junto ao povo. Torna-se a lembrança viva de uma reforma espiritual e social.

1.4 As Secas e o milagre

A cidade de Juazeiro surge impulsionada pela religião, é ela que dá o tom celeste ao lugar terreno, veste de crença uma região marcada pelo sofrimento e, ao mesmo tempo, pela busca de milagres. Nos anos de 1877, 1888 e 1889 o estado do Ceará sofreu com grandes estiagens, o que “foi suficientemente implacável para desorganizar a já precária estrutura socioeconômica e política da província [...], tornando ainda mais adversa a vida da gente pobre” (BRAGA, 2008, p.149). Usando Marshall Sahlins, Braga (2008) defende que “a seca não foi percebida nem vivida pelas pessoas como fato natural em si. Foi percebida e vivida como ‘fato simbolizado’, assumindo uma nova forma de existência, uma existência cultural, na qual seu desenvolvimento e suas conseqüências foram governados por sua dimensão significativa” (Ibid, p.150). Braga, assim como outros autores antes dele¹³, acredita que “aqueles ciclos foram percebidos e interpretados, sobretudo, a partir de um viés religioso”. Com base nesse argumento, as secas foram encaradas como “castigo divino”, a conversão dos

¹³ Entre esses autores citamos Roberta Campos e Alfredo Soares.

pecadores era necessária, só assim Deus mudaria de idéia quanto à destruição do mundo. O desejo de um milagre que acabasse com o sofrimento e proporcionasse alimento ao corpo e à alma se intensifica em preces e orações.

Em 1877, na primeira grande seca, Padre Cícero acolheu muitas vítimas e por isso foi interpretado como um instrumento de salvação. Muitas pessoas haviam fugido do sertão seco em busca do Vale do Cariri. O padre os acolheu e os enviou “para as terras devolutas do alto do Araripe, obrigando-as a plantar mandioca para aliviar a fome” (DELLA CAVA, 1985, p.44). Mais tarde, “os sobreviventes agradecidos atribuíram sua salvação ao padre, a quem consideravam santo”. Oliveira (1989) narra que “o Padre Cícero suportou heroicamente o flagelo socorrendo, como podia, os flagelados, dando-lhes tudo quanto recebia e ensinando a preparar a macambira, a mucunã das quais tiravam uma espécie de massa com que faziam angú ou mingau” (OLIVEIRA, 1989, p.57).

De acordo com Della Cava, em 1888, diante de outra grande seca:

Padre Cícero, Padre Felix de Moura e Padre Fernandes Távora, então vigário do Crato, uniram suas preces e fizeram uma promessa (...). Caso Deus atendesse ao pedido e terminasse a seca, os três clérigos ergueriam uma enorme igreja em honra ao Sagrado Coração, no alto da serra do Catolé, na extremidade setentrional de Joazeiro. Dizem que algumas chuvas caíram no Vale; pouco depois, o capelão de Joazeiro pôs-se a trabalhar para cumprir a promessa. Nesse ínterim, atribuiu-se ao Padre Cícero e à sua santidade singular o alívio provisório no Vale (DELLA CAVA, 1985, p.45).

Em meio a esse ambiente de preces e orações, o padre e seus fiéis esperavam um sinal dos céus. No ano de 1889 o povo aguardava a chuva, mas ela não veio:

O Padre Cícero, na maior aflição, sem recursos para minorar a situação aflitiva em que estava sua gente, convidava à penitência, à oração; faziam-se promessas. Orações públicas e particulares, tudo se fazia pedindo a Deus que revogasse aquela sentença; não castigasse sua gente ali prostrada em oração fervorosa. (OLIVEIRA, 1989, p.65).

Na primeira sexta-feira de cada mês, sob a responsabilidade da irmandade do Sagrado Coração de Jesus, se fazia a “comunhão reparadora”. Na primeira sexta-feira do mês de março de 1889, um evento irá marcar para sempre o vilarejo. A hóstia recebida pela beata Maria de Araújo se transforma em sangue.

O padre desejou fazer, naquele dia com os associados do Apostolado da oração uma comunhão reparadora maior e mais solene de que costumavam fazer nos outros meses. Passou toda aquela noite confessando homens, preparando-os para a Comunhão Reparadora que fariam no dia seguinte quando deveriam pedir ao Coração de Jesus que usasse de misericórdia para com seus filhos que ali estavam com a intenção de reparar as ofensas que a maioria dos homens lhe fazia sofrer.

Na Igreja, cerca de 8 mulheres, também pertencentes à Irmandade, passaram a noite em orações, segundo os desejos do Coração de Jesus, expressos em suas aparições a Santa Margarida Maria Alacoque.

Pela manhã, ente 4h30 e 5 horas, o Pe. Cícero deixou de atender às confissões dos homens e foi dar a comunhão às mulheres que haviam passado a noite em vigília. Uma delas, Maria de Araújo, ao receber, das mãos do Pe. Cícero, a hóstia consagrada, foi esta transformada em sangue, repetindo-se o fenômeno muitas vezes naquele ano (OLIVEIRA, op. cit., p.66.).

De acordo com Della Cava (1985):

O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da Paixão até o dia da festa da Ascensão do Senhor, por 47 dias a ocorrer diariamente.

Por fim, em 7 de julho de 1889, dia da festa litúrgica do Precioso Sangue, Monsenhor Monteiro, reitor do Seminário do Crato, comandou uma romaria de 3 mil pessoas até o povoado de Joazeiro; muitas dessas pessoas eram oriundas de famílias importantes do Crato. Diante de uma assembléia transbordante, Mosenhor Monteiro subiu ao púlpito e fez um sermão sobre o mistério da Paixão e Morte de Cristo que, segundo os relatos, levou lágrimas aos olhos de seus ouvintes; então agitou no ar um punhado de panos do altar que estavam visivelmente manchados de sangue; tal sangue, declarou, saíra da hóstia que fora recebida por Maria de Araújo e era, segundo o reitor, o próprio sangue de Jesus Cristo. (DELLA CAVA, 1985,p.45-46)

O sofrimento é abrandado com o episódio do milagre. Para o povo, Deus havia voltado seus olhos de misericórdia para os pecadores. O assunto do milagre se espalhou rapidamente por todo o nordeste brasileiro e Juazeiro, a Nova Jerusalém nordestina, passou a ser o destino de milhares de pessoas. A piedade e a misericórdia agem no episódio do milagre como resposta divina ao sofrimento humano. Padre Cícero é percebido como intermediador entre os homens e Deus, para muitos seguidores é considerado até como o próprio Deus. O padre torna-se patriarca de um sertão sofrido e faz desse sofrimento um caminho para alcançar a salvação (CAMPOS, 2007). Até sua morte, Cícero transforma Juazeiro num grande centro religioso, torrão que atraiu novos moradores dispostos a vivenciar essa fé e educar suas gerações futuras em nome dela. Essa lembrança estará presente nos associados de Nossa Senhora Auxiliadora e São João Bosco e irão se misturar às formas trazidas pelos padres salesianos.

Nos próximos três tópicos, últimos desse capítulo, iremos trazer informações da Congregação Salesiana: sua fundação na Itália e sua chegada ao Nordeste brasileiro. Padre Cícero foi o principal responsável pela vinda dessa ordem religiosa para Juazeiro do Norte, moveu suas últimas forças para ter os sacerdotes de Dom Bosco em sua terra.

1.5 Os Salesianos

Giovanni Melchior Bosco nasceu em 16 de agosto de 1815 na cidade de Colle dos Becchi (hoje Castelnuovo), região do Piemonte, Província de Asti, norte da Itália. Bosco tornou-se padre em 1841 e após dezoito anos (1859) fundou a Sociedade Salesiana na cidade de Turim, congregação que atua na formação religiosa e educacional dos jovens.

Preocupado com os problemas sociais vivenciados por jovens excluídos da sociedade urbana e industrial do século XIX, Bosco dedicou-se na elaboração de um “sistema preventivo”. O cerne do sistema, posto em prática pela obra salesiana, era “oferecer à juventude pobre e abandonada os instrumentos necessários para o ingresso no mercado de trabalho, em condições adequadas” (AZZI, 2000, p.38). Uma formação religiosa, educacional e profissional aos jovens seria alcançada através do lema “bons cristãos e honestos cidadãos”.

Incentivado pela Santa Sé, Bosco se empenha em iniciar as missões na América do Sul no ano de 1875. Para o novo continente outras metas são acrescentadas aos objetivos iniciais dos salesianos: “dar assistência aos filhos de imigrantes italianos, que para lá havia afluído em grande número; e ocupar-se da evangelização dos indígenas” (Ibid., p.38). Os salesianos se estabeleceram no Brasil em 1883, com a fundação do Colégio Santa Rosa no dia 14 de julho, em Niterói, Rio de Janeiro. O fundador João Bosco morre em 31 de janeiro de 1888, deixando sua obra espalhada em todo mundo.

“As notícias dos bons resultados que os salesianos vinham obtendo em Niterói e em São Paulo, através de sua atividade educativa, já haviam chegado ao Recife” (Ibid., p.89). No dia 10 de dezembro de 1894 desembarcavam os primeiros salesianos à capital pernambucana.

Para atender ao crescimento vertiginoso dos salesianos pelo mundo, a Congregação havia criado as Inspetorias, que são unidades administrativas regionais que coordenam as atividades de um conjunto de obras salesianas, “tendo à frente um diretor regional, ou Inspetor” (OLIVEIRA, 2005, p.115). No nordeste foi criada, em 1902, a Inspetoria São Luiz Gonzaga, que após alguns anos se fixa na cidade do Recife e responde pela administração das casas salesianas situadas no nordeste brasileiro.

1.6 Os Salesianos e o Padre Cícero

No ano de 1924, Padre Cícero escreveu uma carta ao então Inspetor salesiano do Nordeste, Padre Pedro Rota:

No sentido de fundar aqui (em Juazeiro), um Colégio salesiano venho implorar a V.Ex.Revma. este ato de caridade cristã que é a minha maior, senão a única aspiração que nutro desde muitos anos.¹⁴

O Padre Cícero estava suspenso de suas atividades sacerdotais. Desde 1889, após o milagre da hóstia, enfrentava sérias dificuldades com seus superiores. Os salesianos já sabiam desses acontecimentos e por isso se mantiveram recuados da idéia de fundar um colégio em Juazeiro. Em nova correspondência, Rota esclarece sua posição:

Perdoe-me, Revmo. Padre, se entro num assunto tão melindroso, e para a qual falta-me conhecimento perfeito dos fatos. É por isso que eu não discuto os mesmos fatos, nem ponho em dúvida as retas intenções de V. Revma., porém é indiscutível que uma congregação religiosa não poderá entrar numa diocese sem a explícita licença do Sr. Bispo.

Essa é a maior dificuldade. Porém (e mais uma vez perdoe minha insinuação) por que V. Revma. não tenta remover essa dificuldade reconciliando-se com a autoridade?

Neste último quartel de vida, como coroaia bem V. Revma. Uma existência tão fecunda de benefícios à humanidade! O Brasil Católico inteiro aplaudiria um gesto tão nobre e generoso.¹⁵

Em meados de 1925, Padre Rota é transferido para a Itália, mas continua se correspondendo com o Padre Cícero e torna-se seu amigo. O teor de várias cartas posteriores é justamente o pedido do padre Cícero para que Rota possa ajudá-lo na reabilitação junto à Igreja. Isso passa a ser um objetivo tão forte quanto à vinda dos salesianos para Juazeiro. Sem poder contar com a ajuda do amigo Padre Rota, Cícero não consegue dar continuidade aos diálogos com a Inspetoria salesiana e o sonho de ter a congregação em Juazeiro é interrompido durante alguns anos. Com quase oitenta anos escreve seu testamento em 04 de outubro de 1923, deixando a grande maioria de seus bens para a Congregação salesiana:

Declaro ainda que todos os dinheiros que me foram e continuam a ser dados, como ofertas a mim unicamente, os tenho distribuído em atos de caridade que estão no conhecimento de todos bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado tenho aplicado em bens, que ora deixo, na maior parte para benemérita e Santa Congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde aqui, no Juazeiro, os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos. Desde muito cedo quando comecei a ser auxiliado por esmolos, pelos romeiros de Nossa Senhora das Dores, que aqui chegaram, a par do auxílio eficaz por mim feito para o desenvolvimento desta terra, resolvi aplicar parte das mesmas esmolos recebidas em propriedades, visando assim fazer um patrimônio para ajudar uma Instituição pia e de caridade, que pudesse aqui continuar a sua obra benfazeja. E porque, dentre todas as existentes nenhuma se me afigura mais benemérita de ação mais eficaz e de caridade mais acentuada do que a dos bons e santos discípulos de Dom Bosco, os beneméritos salesianos, a eles deixarei quase tudo o que possuo, conforme adiante declaro. E rogo a esses bons e verdadeiros servos de Deus, os padres salesianos que me façam essa grande caridade, instituindo nesta terra uma obra

¹⁴ Carta do Padre Cícero ao Padre Rota. Juazeiro, 22/09/1924. Extraída de OLIVEIRA (2005, p.491).

¹⁵ Carta do Padre Rota ao Padre Cícero. São Paulo, 23/09/1924. Extraída de OLIVEIRA (2005, p.491).

completa. Estou certo, não só porque conheço a índole deste povo aqui domiciliado, assim como das populações sertanejas que aqui freqüentam e que por meio dos bons conselhos tenho educado na pratica do bem e do amor a Deus e mais ainda porque o pedido que faço, estou certo, repito, que todos os romeiros aqui domiciliados ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim e em louvor e honra à Virgem Mãe de Deus, continuarão a freqüentar este meu amado Juazeiro com a mesma assiduidade, e auxiliarão aos beneméritos padres salesianos, como se fossem a mim próprio, para manutenção aqui da sua obra de caridade cristã, isto é, dos seus colégios nesta terra para todo o sempre, será a maior tranquilidade para minha alma na outra vida (SILVA, 1982, p. 328-329).

Padre Cícero morre no dia 20 de julho de 1934, com noventa anos, sem conseguir a reconciliação com a Igreja Católica e sem ver a chegada dos padres salesianos em sua terra.

1.7 A chegada dos salesianos à Juazeiro

Muitas questões burocráticas precisaram ser resolvidas até a chegada dos salesianos em Juazeiro. A grande herança deixada pelo Padre Cícero gerou impasses com representantes da Igreja Católica e a ausência dos padres salesianos em Juazeiro, para resolver tais questões, atrasou em alguns anos a tão esperada chegada. Após muitos rumores, que colocavam dúvidas na vinda dos padres, no dia 31 de março de 1939 uma missa campal na frente da igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores marca a chegada oficial da Congregação à Juazeiro do Norte. A missa foi presidida pelo primeiro diretor Padre Antonio de Almeida Agra, encarregado de assumir legalmente o patrimônio deixado pelo Padre Cícero. O então bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires, recebeu os salesianos com as seguintes palavras:

Cumprindo a vontade do inesquecível Padre Cícero Romão Batista, que em testamento lhes legara a maior parte de seus bens, a fim de fundarem nessa cidade uma escola para educação profissional e ensino primário, destinada às crianças pobres dessa populosa cidade, os salesianos estão aqui nesta hora, recebendo das minhas mãos a investidura de benfeitores da juventude de Juazeiro (...) para honra de Deus e engrandecimento do querido Brasil” (OLIVEIRA, 2005, p.515).

O colégio salesiano São João Bosco foi inaugurado aos 26 de abril de 1942, em uma construção “com a planta geral em mais de 60% realizada”. Como razão social, foi escolhido o nome *Instituto Salesiano Padre Cícero*, o colégio foi “destinado ao oratório festivo, ao externato primário, diurno e noturno, curso profissional e comercial” (OLIVEIRA, 1994, p.64).

Os primeiros padres, Antonio Agra e Davino Ferreira, se depararam com muitas situações delicadas junto ao povo de Juazeiro. Uma das mais difíceis foi o enfrentamento da comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, grupo messiânico liderado pelo beato

José Lourenço. As terras do Caldeirão, localizadas no município vizinho do Crato, foram habitadas por dezenas de famílias que viviam em comunhão de bens. As referidas terras faziam parte da herança deixada para os salesianos. Padre Agra tentou vários contatos com o beato para resolver questões de posse, todas elas sem sucesso. Uma mobilização do governo republicano, preocupado com as conseqüências políticas do movimento, dizimou toda a comunidade com um fulminante ataque aéreo, provocando cerca de quatrocentas mortes. A posição do Padre Agra foi de apoio.

A fama de um Juazeiro repleto de sertanejos ignorantes e fanáticos era presente nas idéias dos salesianos. Narrativas da obra *Inspetoria Salesiana São Luiz de Gonzaga*, do autor salesiano Luiz de Oliveira, dão conta dessa interpretação e reforçam os objetivos de modificar tal situação:

Os continuadores de Dom Bosco têm diante de si o eminente desafio de fazer evoluir esse estado sócio-religioso daquela vasta região. Têm que contemporizar com prudência, estudar sem precipitações o ambiente encontrado, modificar pacientemente convicções e vivências religiosas estruturadas pelos séculos. (OLIVEIRA, 2005, p.520).

Como veremos nos próximos capítulos, os primeiros associados serão convidados para integrarem as associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. O convite é realizado pelo diretor Padre Agra, que se desloca para as casas dos devotos de Padre Cícero. Há um esforço em “modificar pacientemente convicções e vivências”, transformar devoções, vivenciar as normas da Igreja Católica, modificar a posição da pedra angular fincada no coração de Juazeiro. As novas sementes salesianas foram lançadas em dezenas de famílias na cidade e se misturam às árvores regadas pelas águas da penitência, piedade e misericórdia. Percebemos relações entre o episódio do milagre e a intenção dos salesianos em combater as credices do povo, mas veremos, nos próximos capítulos, que esse combate é ressignificado pelos associados e em muitos casos, os associados juntam os padres italianos às suas crenças e não os consideram reformadores. Ao longo de quase setenta anos os padres salesianos conseguiram influenciar muitas gerações, fortalecendo as devoções de Bosco e Auxiliadora e clareando os tons fortes das práticas religiosas tradicionais, mas não conseguiram apagar da memória que o sofrimento é o caminho para alcançar a salvação. Essa salvação está no chão de Juazeiro de Norte.

CAPÍTULO 2. AS MULHERES DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA

A chegada da Congregação Salesiana à Juazeiro do Norte proporcionou fortes mudanças nas devoções. As novas gerações cresceram sob influência de novos santos italianos, em especial Nossa Senhora Auxiliadora e São João Bosco. Essas mudanças interferiram no cotidiano dos moradores, o que provocou reconfigurações em suas crenças. Os santos italianos ocuparam lugares nas paredes das casas, fotografias e imagens foram postas ao lado de Nossa Senhora das Dores e do Padre Cícero, aumentando as possibilidades de chegar até Deus. As mulheres de Nossa Senhora Auxiliadora vestem seus vestidos brancos e suas fitas cor de rosa e participam massivamente das missas dedicadas à Auxiliadora no dia vinte e quatro de cada mês. A presença das mulheres associadas nas diversas atividades paroquiais é uma grande festa, elas cantam, rezam e conversam, tudo numa partilha de crenças.

A Associação ao longo de seu caminho já recebeu diversos nomes. Isso demonstra a inconstância com relação aos estatutos e às diversas lideranças que assumiram o papel de presidente. Toda essa ausência de rigidez é modificada no início do ano 2000, período em que o Reitor-Mor da Congregação na Itália determina que a ADMA (Associação de Maria Auxiliadora), fundada em Turim no final do século XIX, fará parte da Família Salesiana em todo mundo, unindo-se a um só estatuto. Em suma, a Associação de Nossa Senhora Auxiliadora tornou-se essa versão leiga institucional da Congregação Salesiana e mudou mais uma vez, ao menos oficialmente, de nome. A pequena diferença entre os nomes não foi notada na grande maioria das associadas, para elas a associação é a mesma, livre de muitas amarras. Para a presidente, a responsabilidade junto a Congregação Salesiana aumenta e é necessário criar novos sentidos, acreditar que o caminho se faz.

O elemento mais tradicional que permanece ainda forte no cotidiano da Associação é o jazigo, dividido com a Associação São João Bosco, no principal cemitério da cidade. Por ser acompanhada de perto pelos padres salesianos, a Associação Nossa Senhora Auxiliadora possui grandes dificuldades em assumir as tradições que restam (muitas foram modificadas ou ressignificadas) e isso dá um misto de posturas e discursos. A existência do jazigo hoje provoca tensões entre a presidente e superiores da Congregação.

2.1 O início

Quando os primeiros padres salesianos chegaram à cidade de Juazeiro do Norte, em 1939, iniciaram a criação de grupos de leigos. Havia modelos de grupos vinculados à congregação italiana, entre esses estavam: Associação de Maria Auxiliadora (fundada em 1869 na cidade de Turim), Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (fundada em 1872 na cidade de Mornese) e a Associação dos Cooperadores Salesianos (fundada em 1876, em Turim) (GIACOMETTO, 2000). Em Juazeiro do Norte, os padres recém-chegados buscavam pessoas que pudessem dedicar-se aos trabalhos religiosos e se envolvessem na articulação de novos grupos. Essas pessoas tinham perfis em comum, eram mulheres e homens adultos, sertanejos, afeitos à organização religiosa, ao convívio na Igreja, repletos de um estilo orientado pela piedade. O modelo original dos novos grupos era italiano, mas Juazeiro do Norte tinha seus elementos específicos, a população, em sua grande maioria era formada por romeiros fixados no lugar, todos afilhados de um padre morto há pouco tempo¹⁶, que havia ensinado um jeito de viver a fé.

João Bosco, fundador da congregação, e Maria Auxiliadora, intercessora dos salesianos, são ícones que se destacam como novas devoções trazidas pelos padres salesianos. As duas associações de leigos são batizadas com esses dois nomes e iniciam suas atividades no ano de 1942. Os nomes que demarcam gêneros se estendem aos participantes, as mulheres de Nossa Senhora Auxiliadora e os homens de São João Bosco.

O chamado partia dos próprios padres, que identificavam pessoas e convidavam a fazer parte do grupo. As devoções para com João Bosco e Maria Auxiliadora eram centrais nesse convite, a sugestão era viver em comunhão, individual e coletiva, com essas duas figuras. Os padres eram vistos com muito respeito, em muitos casos até com veneração. Um convite partindo de um sacerdote gerava impactos, funcionava como uma valorização para com aqueles que eram simples leigos. O status de sacerdote era valorizado ao ponto de que uma resposta negativa a um convite feito poderia soar como uma afronta.

2.2 Dia de Maria Auxiliadora

Uma das principais obrigações de uma associada de Nossa Senhora Auxiliadora é a participação nas missas que acontecem dia vinte e quatro de cada mês. Essa data é dedicada a

¹⁶ Padre Cícero Romão Batista faleceu em 20 de julho de 1934.

Auxiliadora e trata-se de um acontecimento especial dentro da tradição salesiana. No início da associação, para ser reconhecida publicamente como uma associada, cada mulher deveria ter um vestido branco, um véu de mesma cor e uma fita no pescoço, com uma medalha de Maria Auxiliadora¹⁷.

Maria Luci Alves, 74 anos, narra como sua mãe foi convidada a participar da Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, logo que os padres salesianos chegaram a Juazeiro:

Minha mãe, minha irmã e o meu cunhado foi quem foi convidado por Pade [sic] Agra. E eu pequenininha, eu sempre via, ouvia e via aquelas propostas do Pade, quando foi lá em casa fazer visita à minha mãe. Aí minha mãe falou pra Pade Agra assim:

- Pade, eu não quero ser de associação não que eu estou de luto do meu esposo e de meu padrim Ciço, e eu não quero tirar meu luto não.

Aí disse assim:

- Não dona, como é o nome da senhora?

- Isabel.

- Não dona Isabel, a roupa branca, a senhora só precisa vestir a roupa branca no dia 24 de maio, ou, 24 de cada mês.

Aí minha mãe:

- Pois pade, eu gosto de fazer minhas coisa pensando, eu vou pensar...

(...) Aí foi o tempo que os salesiano começaram a chegar e minha mãe se entrosou na associação. Aí a primeira coisa quando foi na reunião, aí pade Agra ia passando:

- Pade Agra, eu já resolvi alguma coisa.

Ele disse:

- O que foi dona Isabel?

- Fazer parte da associação de Nossa Senhora, agora o senhor vai dizer o que é que precisa.

Aí ele falou assim:

- Precisa todo mês 24, comparecer à missa de N.S.Auxiliadora.

Nesse tempo era só de manhã, não havia missa de meio-dia, nem de tarde, nem de noite, era só de manhã.

- Um veuzinho branco... aí depois, com a continuação, as senhoras vão receber um distintivo, quer dizer, uma fita, essa fita é da irmandade de Nossa Senhora Auxiliadora.

Aí mãe disse... ficou pensando:

- Eu vou aceitar, eu e minha filha.

Que era minha irmã, a mais velha que casou e veio embora morar aqui. E meu cunhado foi participar da Associação Dom Bosco. Aí minha mãe ficou entrosada e tudo...

Luiza Maria, 86 anos, a mais antiga associada de Nossa Senhora Auxiliadora, entrou na associação quando recebeu a ajuda financeira de um Bispo. Com o dinheiro, ela comprou o vestido, que ainda hoje possui em casa.

(...) quando ele me deu o dinheiro, eu digo: agora eu vou entrar na associação. Porque o povo pelejava muito, eu digo: só entro quando eu quiser. Aí eu vim, comprei o vestido, nesse tempo agente só recebia com um pano na cabeça. Ainda hoje eu tenho o vestido. Comprei o vestido com o dinheiro que Dom Campelo me deu e o paninho da cabeça...

¹⁷ Recordo, claramente, de minha avó, Maria Vieira, também associada de Nossa Senhora Auxiliadora, se deslocando com seus passos lentos para o Santuário do Sagrado Coração de Jesus no dia vinte e quatro de cada mês. Impecável, perfumada, com um vestido branco, um véu sobre a cabeça e uma fita vermelha. Era realmente um dia muito especial...

Nas duas trajetórias narradas, observamos facilidades no ingresso para a associação. Pensamos que no início, quando os padres salesianos chegaram a Juazeiro, ter o apoio dos leigos era fundamental para iniciar os trabalhos pastorais. Era preciso procurá-los e convencê-los a ingressar nas associações e não se pedia muito. Os compromissos se resumiam às missas no dia 24 de cada mês e às reuniões mensais da associação, somando-se a isso um valor simbólico em dinheiro para custear as despesas do grupo. Entendemos que essas facilidades contribuíam para uma maior participação dos leigos, tais incentivos tinha o objetivo de congregar as pessoas em grupos criados nos limites salesianos, isto é, sob a regulação da Igreja. É importante percebermos que os padres desta congregação chegaram como herdeiros da maioria dos bens deixados pelo Padre Cícero, como vimos no capítulo anterior, o que provocou diversos rumores referentes à apropriação desta herança. Isso exigia dos padres um maior envolvimento com o povo, no sentido de tê-los como apoio para desenvolvimento de seus objetivos.

2.3 A estrutura da Associação

A Associação Nossa Senhora Auxiliadora, assim como os muitos grupos de leigos de Juazeiro do Norte, obedece a uma estrutura semelhante às associações reconhecidas oficialmente pelo estado, enquanto pessoas jurídicas. Os principais cargos são (1) Presidente, (2) Vice-Presidente, (3) Tesoureiro e (4) Secretário, e existe um Conselho Deliberativo com cinco membros. Na Associação Nossa Senhora Auxiliadora identificamos apenas três desses cargos: Presidente, Tesoureira e Secretária. A figura da Presidente é central, ela é responsável direta por todas as ações do grupo. O recolhimento do dinheiro é feito pela tesoureira e a leitura da ata da reunião anterior é tarefa da secretária. Os cargos são escolhidos através de eleições que acontecem de quatro em quatro anos, mas o tempo acaba sendo aberto, fazendo com que presidentes permaneçam no cargo durante décadas até o momento que queiram renunciar ou que o vigário sugira novas eleições.

Os documentos encontrados foram poucos, em sua grande maioria são atas de reuniões passadas, com nomes de associadas, todos em poder da atual Presidente, que demonstrou preocupações em fornecer o material para que eu fizesse cópias. A explicação para essa atitude está no esforço de destacar o novo estatuto da Associação (este, ela fez questão de disponibilizar), desconsiderando as muitas tentativas anteriores. Veremos mais à frente essas questões com maiores detalhes.

Identificamos cinco presidentes que passaram pela associação ao longo de sessenta e nove anos de existência, os períodos assumidos por cada uma não são exatos. Os nomes apareceram nas entrevistas com os associados e com a atual presidente Zeneida Pereira. Talvez outras pessoas tenham assumido a presidência, mas não tivemos informações sobre esses possíveis outros nomes. Abaixo as cinco presidentes desde a fundação, em 1942:

- 1) Dona Ritinha (1942 - ?)
- 2) Dona Mocinha (? - 1987)
- 3) Dona Chiquinha (1988 - 1993)
- 4) Dona Nocy (1994 - 1999)
- 5) Maria Zeneida Cardoso Pereira (desde 2000)

As primeiras associadas foram convidadas pelos padres salesianos para ingressarem na Associação, devido à necessidade de fundar os grupos e incentivar a participação dos leigos. Posteriormente o convite para as novas associadas partia das próprias presidentes, o que demonstra a transferência de responsabilidades dos padres para as lideranças. No início, os convites feitos pelos padres eram movidos pela grande necessidade de criar novos grupos, identificar leigos para engrossar os cordões devocionais. Era ainda uma tentativa de obter a confiança de um povo na partilha de crenças e devoções específicas. Com o passar do tempo, as lideranças já haviam sido identificadas e eram pessoas que tinham a confiança dos padres.

As associações recebem forte influência de seus presidentes, cada pessoa que assume tal responsabilidade torna-se referência de um tempo, é um ser humano cronológico que situa as pessoas, como um calendário vivo na memória. Cabe às presidentes manter os grupos, convidar novos associados, assumir os compromissos paroquiais e prestar conta das ações desenvolvidas com o vigário paroquial. As presidentes incorporam a própria associação, são figuras centrais para todos os associados e para os padres salesianos. O período que passam na presidência variam de acordo com a vontade e as relações estabelecidas, se a presidente assume com grande interesse o cargo. Possuindo a confiança dos associados e bom trânsito entre os padres, tende a permanecer durante muito tempo.

2.4 Os muitos nomes da Associação

Na grande maioria das vezes que ouvi as associadas se referirem ao grupo, percebi a expressão *Associação de Nossa Senhora Auxiliadora*. Mas em algumas entrevistas, identifiquei que algumas se referiram com o nome *Irmandade de Nossa Senhora Auxiliadora*, outras ainda falaram *apostolado*. Uma das explicações encontradas é que muitos grupos de leigos eram anteriormente chamados de irmandades ou apostolados, grupos tradicionais como a Irmandade do Santíssimo Sacramento e o Apostolado da Oração tornaram-se referência quando o assunto são grupos organizados na Igreja. Com a chegada dos salesianos muitos elementos são trazidos, a organização dos grupos remete-se ao berço italiano, sendo que o nome *associação* é bem comum na congregação. Tudo se mistura às informações do lugar, as referências são aglutinadas, sugerem novas situações. Os nomes também são muito confundidos, troca-se associação por irmandade, se referem à Auxiliadora apenas como Nossa Senhora e não é difícil encontrar mulheres que têm dúvidas quanto ao nome do grupo.

Em minha entrevista com a atual presidente, Maria Zeneida, vi documentos antigos que apontavam outro nome, ABANASA (Associação de Base Nossa Senhora Auxiliadora). Soube que se tratava de um estatuto feito nos anos noventa, formulado pela diretoria de então. Pela reação de Zeneida, fitando os papéis, entendi que o estatuto foi elaborado de maneira independente, distante de um acompanhamento inspetorial vindo do centro administrativo do Recife. Lendo o documento, Zeneida falou:

(...) Juazeiro do Norte, estado do Ceará, 18 de fevereiro de 1990. Mas não foi em 18 de fevereiro de 1990, criaram isso aqui, fizeram um estatuto, mas um estatuto todo fora das coisas do... Não vinda do Recife, tá entendendo? Um estatuto que foi formado, que foi feito aqui, pelas pessoas daqui mesmo, que foram, na época eram da diretoria, deixa eu ver aqui... em noventa... era... (...) Botaram isso daí como se a associação fosse como uma associação de base. Foi uma fundação aí que fizeram como na associação de base, mas não é... Que até fizeram nessa época, eu até me lembro, que fizeram um estatuto próprio, mas um estatuto que não foi registrado, esse estatuto, na, na... Como é... Nesse livro grosso não tem uma data de nada não?

A ABANASA foi criada com o objetivo de tornar-se pessoa jurídica para solucionar questões locais que surgiram. Zeneida narrou que houve, nos anos noventa, uma doação, por parte de uma associada, de um imóvel residencial. Ser reconhecida juridicamente foi um pré-requisito para que a associação fosse proprietária do imóvel. Usar o nome *Associação Nossa Senhora Auxiliadora* seria um nó burocrático com a congregação salesiana, alternativa evitada. O caminho mais fácil foi rebatizar a associação e a regularizar com outro nome. O registro aconteceu e a casa, em meio a muitas confusões com os familiares da associada

falecida, foi herdada pela associação. Hoje funciona um centro de catequese, administrado pelo vigário paroquial. Percebemos que também há alianças entre determinados padres com as presidentes. Essa aliança permite decisões que não passam pela inspetoria, são resolvidas entre as partes diretamente envolvidas. Acredito que nesse caso específico da casa, isso aconteceu.

Em meio aos papéis descobri outro nome que a associação recebeu: *Pia União das Filhas de Maria Auxiliadora*, nome inspirado nos primeiros grupos salesianos na Itália, como a Pia Sociedade de São Francisco de Sales (primeiro nome dos salesianos) e a Pia União das Filhas da Imaculada. Não foi possível localizar o período, mas acreditamos que pode ter sido na década de setenta, isso porque a secretária foi identificada como alguém que atuou no grupo nessa década. Esses dois nomes citados anteriormente não vingaram, a organização como pessoa jurídica perdeu-se no tempo. O grupo continuou a ser chamado *Associação de Nossa Senhora Auxiliadora* e as mulheres continuavam a participar das missas no dia 24 de cada mês, com seus vestidos brancos, véus e fitas.

Um fato acontecido na Itália, em 05 de julho de 1989, gerou profundas transformações nos salesianos em todo mundo. Nessa data, o 7º sucessor do Padre Bosco, O Reitor-Mor Padre Egídio Viganó, reconheceu a pertença da Associação de Maria Auxiliadora à família salesiana (GIACOMETTO, 2000, p. 152). Isso significou que a Associação de Maria Auxiliadora, fundada na cidade italiana de Turim em 1869 pelo próprio João Bosco, começava a fazer parte dos grupos oficialmente reconhecidos pela congregação e estavam aptas a serem criadas mundo a fora, todas obedecendo a um único regulamento, oficial e romano. Os novos ventos não tardaram chegar a Juazeiro do Norte. Nessa cidade, a *Associação de Nossa Senhora Auxiliadora* ganhou mais um nome, dessa vez com a força oficial da congregação, com as bênçãos do sucessor de Dom Bosco e do Papa. No novo batismo passou a chamar-se *Associação de Maria Auxiliadora*, ou simplesmente, *ADMA*.

2.5 O novo regulamento da ADMA

Na capa do regulamento há uma gravura de um quadro do pintor italiano Lorenzone. No quadro, pintado em 1865, Auxiliadora está no alto, ladeada por anjos, com a mão direita segurando um cetro e a esquerda segurando um menino. Ao redor e embaixo estão os apóstolos e os evangelistas (Anexo 01). O quadro original está no Santuário de Maria Auxiliadora, na cidade de Turim, e é símbolo maior da proteção de Auxiliadora para com a congregação salesiana. A imagem é reproduzida com frequência em santinhos, cartazes e

diversos meios de divulgação. Na mesma capa do regulamento, o título chama nossa atenção: Novo regulamento da Associação de Maria Auxiliadora. O pequeno livro pertence à presidente Zeneida, na primeira página consta a caligrafia dela com o nome *Associação Nossa Senhora Auxiliadora* (grifo meu) e a data 04 de setembro de 2000, Aracajú. O nome escrito pela presidente não foi ADMA (Associação de Maria Auxiliadora), mas o nome pelo qual a associação é conhecida ao longo de quase setenta anos em Juazeiro do Norte. Na capital sergipana aconteceu um encontro regional da ADMA. Foi lá que Zeneida recebeu o novo regulamento, no mesmo ano em que assumiu a presidência. O novo regulamento confirmava a ADMA como grupo oficialmente reconhecido como parte da família salesiana¹⁸.

Uma carta do 8º sucessor de João Bosco, o Reitor-Mor Padre Juan Vecchi, endereçada ao Sr. Cláudio Priante, em 22 de agosto de 1997, é o primeiro documento do novo regulamento. Priante é o presidente da Associação Primária ADMA, que tem sede em Turim. A carta destaca o reconhecimento da associação como uma estância laical, menciona o cuidado que o sucessor teve em fazer as devidas alterações e oficializa a devolução definitiva do regulamento “para que alimente a vida dos membros em devoção a Nossa Senhora, a Auxiliadora de Dom Bosco”. A carta, também, ratifica a centralização da Associação Primária ADMA de Turim na condução leiga dos trabalhos em todo o mundo.

No Proêmio, constam dados oficiais da trajetória da associação desde o início. Fundada por Bosco, a ADMA é definida como “um instrumento privilegiado para promover a veneração ao Santíssimo Sacramento e a Maria Auxiliadora dos Cristãos”. Consta que foi erigida canonicamente no Santuário de Maria Auxiliadora, em Turim, aos 18 de abril de 1869, e erigida em Arquiconfraria pelo Papa Pio IX. O texto menciona que “finalmente, a 24 de julho de 1989, o Reitor-Mor, juntamente com o seu conselho, reconheceu oficialmente a agregação da Associação de Maria Auxiliadora à Família Salesiana”.

¹⁸ O que a congregação define como família salesiana é um conjunto de grupos sintonizados numa só organização, centralizada na Itália. Existem três grupos centrais que se destacam na congregação: Os Salesianos de Dom Bosco (padres e irmãos consagrados), as Filhas de Maria Auxiliadora (freiras também consagradas por votos religiosos) e os Cooperadores Salesianos (leigos que se dedicam às obras da congregação). Os padres fazem parte do principal grupo da congregação, o cargo de maior destaque, o Reitor-Mor, é sempre preenchido por um padre salesiano, considerado o sucessor direto de João Bosco. Em segundo lugar na hierarquia, estão os chamados irmãos coadjutores, religiosos que também fazem parte do primeiro grupo, eles dividem os principais trabalhos com os padres, mas não é permitido a esses homens assumirem cargos importantes como, por exemplo, direção de colégios. As Filhas de Maria Auxiliadora são freiras que possuem uma estrutura semelhante aos padres, trabalham na área educacional e em missões por vários países do mundo. Percebe-se certa independência dos padres, tendo superiores que respondem em níveis regionais. O terceiro grupo é a versão leiga da congregação, são homens e mulheres, casado(a)s ou solteiro(a)s que auxiliam nos trabalhos pastorais, fazem seus votos de compromisso com a ordem. De acordo com dados do ano de 2000, depois desses três principais grupos, vêm vinte grupos reconhecidos oficialmente pela congregação e outros vinte e sete aguardando resposta do pedido de pertença enviado à congregação (desses vinte e sete grupos que aguardam resposta, sete são brasileiros).

O regulamento está estruturado em dois capítulos e dois apêndices. Os dois capítulos correspondem à Natureza (I) e a Estrutura (II) da Associação de Maria Auxiliadora, neles constando dezesseis artigos. No conteúdo percebemos a intenção de “espalhar pelo mundo a devoção à Virgem invocada por Bosco com o título de Auxiliadora” e de alcançar as classes populares, oferecendo “um itinerário de santificação e apostolado, de acordo com o carisma de Dom Bosco” (p.08). Constatamos, também, a preocupação em reconhecer “o Reitor-Mor, sucessor de Dom Bosco, como pai e centro de unidade de toda a família”. O artigo 4º estabelece seis principais compromissos do associado:

- (1) Viver e propagar a devoção a Maria Auxiliadora, segundo o espírito de Dom Bosco e em harmonia com a renovação da família salesiana;
- (2) Valorizar, em sintonia com a Igreja, a participação na vida litúrgica, de modo particular nos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, na prática pessoal da vida cristã;
- (3) Renovar, dinamizar e viver as práticas de devoção popular, tais como: a comemoração no dia 24 de cada mês, o terço, a novena em preparação à festa de Maria Auxiliadora, a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora;
- (4) Rezar por todas as vocações na Igreja, laicais, religiosas e ministeriais; e favorecer com os meios disponíveis, as vocações da família salesiana;
- (5) Imitar Maria, praticando a solidariedade em favor dos necessitados e dando atenção aos mais pobres;
- (6) Preencher a vida cotidiana com atividades evangélicas, em particular agradecendo à Deus que age em nós continuamente, e sendo fiel à Ele também na hora da dificuldade e da Cruz, a exemplo de Maria.

Para ser reconhecida como parte da família salesiana, a ADMA recebe um regulamento que dá unidade aos seus objetivos e visa um controle maior por parte da Congregação Salesiana, em sintonia com as diretrizes da Igreja Católica. Esse controle é bem evidente quando o artigo 7º do estatuto menciona que “de acordo com o código de Direito Canônico, artigo 312 a 317¹⁹, e dos privilégios da Congregação Salesiana, cabe unicamente ao Inspetor dos Salesianos erigir a Associação de Maria Auxiliadora na própria circunscrição” (p. 12). Com isso, a crença de que existe uma grande família ligada pela devoção à Maria

¹⁹ O Código Canônico da Igreja Católica prevê no Capítulo II (Das Associações Públicas de fiéis), nos artigos 312 a 317, que a autoridade competente para erigir associações públicas é a Santa Sé (para as associações universais e internacionais), em consonância com os Bispos locais e Congregações Religiosas.

Auxiliadora e Bosco se estende aos leigos, que ganham uma versão popular dessa mesma devoção. A ADMA é o resultado de uma necessidade de incluir os leigos numa organização oficial, sob o controle e vigilância da própria Congregação. O estatuto também prevê o vínculo das ADMA's ao Santuário de Maria Auxiliadora em Turim, onde está o Presidente da Associação Primária ADMA. A justificativa para essa obediência está no artigo 8º, que interpreta a presença constante de Maria desde a construção do Santuário como vínculo a um lugar sagrado: “Pode-se afirmar que Maria não só interveio na sua construção, como também jamais a abandonou depois de construída. Eis por que a Associação, que se espalhou por toda parte, é convidada a estar unida àquele lugar sagrado” (p. 13).

2.6 Dona Chiquinha

Francisca Santos, conhecida como Dona Chiquinha, recebeu o convite para participar da Associação em 1987, por intermédio da então presidente Dona Mocinha. O chamado foi bem vindo, já que Chiquinha não participava de nenhum grupo e tinha necessidade de manter-se ocupada nas pastorais da igreja. O convite implica em mostrar um novo sentido para a vida do associado, quem chama oferece um espaço para estar em coletividade, uma oportunidade de partilhar devoções e preencher seu dia a dia. Após um ano participando Dona Chiquinha assume a presidência, fato que marcou sua vida:

Na diretoria eu participei seis anos, entre presidente e outros cargos lá que eu peguei, né? Fiquei seis anos. Aí lá eu conheci muita coisa, eu senti que foi onde mais eu encontrei a espiritualidade, foi lá na Associação N.S. Auxiliadora. Fui lutar com aquelas pessoas idosas, bem idosas e elas me enriqueceu muito com isso. Que até no Encontro de Casais [ECC] eu não encontrei essa espiritualidade que eu encontrei em N.S.Auxiliadora, na irmandade de N.S.Auxilidadora. E sei que eu fiquei por seis anos... nunca mais saí de nada... quer dizer, saí da associação e fiquei em outros cargos e até hoje, né? Não saí mais da Igreja.

Dona Chiquinha considera que muitas conquistas foram alcançadas no período em que esteve à frente da Associação. De acordo com ela, de duzentos e setenta componentes a associação pulou para quatrocentos e setenta, realizando diversos trabalhos sociais e espirituais. Chiquinha destaca a organização da adoração ao Santíssimo Sacramento, realizado em dois dias e uma noite, além da assistência aos idosos e doentes, atividades que envolviam grande parte do grupo. Notamos que mencionar tais ações é importante para que Dona Chiquinha evidencie crescimento durante o período em que esteve no comando da Associação.

O título de “Auxiliadora” nem sempre é mencionado, outros nomes são citados para descrever Maria. Desde os 13 anos de idade, Dona Chiquinha venera Nossa Senhora e sua trajetória demonstra que não há um vínculo exclusivo com Nossa Senhora Auxiliadora. Aos treze anos ela alimentava uma forte devoção por Nossa Senhora do Desterro, durante muito tempo exerceu tal devoção. Quando entrou na Associação, elegeu Nossa Senhora Auxiliadora como norteadora de seus caminhos. Após se afastar da presidência, em 1993, Dona Chiquinha se dedicou a um intenso convívio mariano, desenvolvendo uma devoção especial por Nossa Senhora de Medjugorje. Chegou a viajar para antiga Iugoslávia e mobilizou um grupo de pessoas na construção de uma capela particular dedicada à Nossa Senhora de Medjugorje.

Claro que diante de uma paróquia salesiana, onde Maria Auxiliadora é destaque, o posicionamento dos padres, quanto às escolhas de Chiquinha, nem sempre foram de apoio. Até mesmo o fato de construir uma capela ao lado de sua residência, em caráter particular, desperta preocupações. Dona Chiquinha é uma senhora inquieta e defende com muita disposição suas idéias e percepções. A entrevista que fiz com ela aconteceu no Santuário Salesiano, ao lado da sacristia; quando o assunto de sua experiência em Medjugorje veio à tona, Dona Chiquinha me fez uma revelação: Nossa Senhora é vista por ela como Deus Mãe.

Ah, eu não esqueço nunca, passei oito dias lá [*em Medjugorje*]. Muito momento feliz que eu passei. Passei oito dias em Roma e oito dias lá. Não esqueço nunca, foi uma viagem... uma coisa que Nossa Senhora fez na minha vida. Marcante. Não tenho condição de esquecer mais nunca. Aquilo que eu observei, as graças, os milagres, as coisas que... foi fantástico. Tanto que eu digo com toda sinceridade. Eu sei que Igreja ignora isso que eu falo [*frase não entendida*]... eu falo abertamente, eu não tenho medo de falar de jeito nenhum, digo a qualquer pessoa, Nossa Senhora é vista por mim como Deus Mãe, ela não é Deus Pai, ela não é Deus filho, Deus Mãe. E eu digo com conhecimento, eu não to dizendo que acho que ela... eu tô dizendo com conhecimento bíblico e pelas mensagens que ela escreve. Isso com toda certeza [*com ênfase*]. Ela é ignorada. Pode gravar que...

Em tom baixo, Chiquinha perguntou se eu não gostaria de conhecer sua Capela. Aceitei de pronto, pois notei que seria um lugar onde ela ficaria bem mais à vontade pra falar. Dona Chiquinha mora a três quadras do Santuário, ao lado de sua casa foi erguida a capela de Nossa Senhora de Medjugorje. Perguntei se poderia gravar a conversa, mas ela não permitiu. O tom era de desabafo com relação à postura de muitos padres salesianos, defensores, segundo ela, de uma visão extremamente “machista” da Igreja. Para Chiquinha, há uma revelação mariana que evidencia uma nova configuração: a face feminina de Deus como condutora da Igreja Católica. Chiquinha acredita que essa idéia é capaz de reconstruir a Igreja, ela seria alguém que decodifica as mensagens de Maria e revela aos frequentadores da capela.

O caso de Dona Chiquinha demonstra que as informações partilhadas pelos associados de Nossa Senhora Auxiliadora podem distanciar-se do ideal pregado pela Congregação Salesiana. O controle desejado em relação às devoções não é cumprido, os indivíduos aderem de acordo com seus interesses e ocasiões. Maria torna-se bem mais do que um título, ela ao mesmo tempo é uma só (assim com prega a Igreja Católica) e é muitas. A devoção específica à Maria Auxiliadora é partilhada por muitos associados, mas distancia-se de um interesse da Congregação que deseja algo mais uno e regulado de acordo com as diretrizes de Roma.

2.7 A atual Presidente

Os antepassados de Maria Zeneida Cardoso Pereira, 55 anos, vieram do estado de Alagoas. Seu avô era comerciante de jóias e viajava muito para Juazeiro do Norte, essas vindas constantes despertaram a vontade de fixar-se no lugar. Como tantos outros viajantes, ele disse seus planos ao Padre Cícero e pediu seus conselhos. Com o consentimento do padre, chegou para morar em 1912, acompanhado de sua esposa. A mãe de Zeneida nasceu em 1925.

Com a vinda posterior de várias Ordens Religiosas (como os padres salesianos e os padres Franciscanos), a cidade foi dividida em bairros paroquiais. Ainda hoje identificamos os bairros de nomes: Salesianos, Franciscanos e Matriz, que estão em volta das grandes igrejas. Assim, a evangelização dos religiosos foi direcionada para os bairros de mesmo nome. Na época da infância de Zeneida, os habitantes que moravam de aluguel não tinham lugar fixo e isso fazia com que essas pessoas participassem de missas e novenas em várias Igrejas existentes, sem manter vínculos com determinada paróquia:

Porque a gente morava em casa alugada, então agente não tinha, ninguém tinha uma paróquia certa, porque quem morava em casa alugada não tinha uma coisa certa. Mas na época, agente ia... Não tinha aquele negócio de paróquia, mesmo. A gente vinha missa na capela de Nossa Senhora Auxiliadora, porque na época, já depois que a gente se mudou aqui pra Rua São Paulo, aqui em cima, aí a gente ia pra missa nos franciscanos, ia lá no Salesiano, ali na capela de Nossa Senhora Auxiliadora, que era no colégio, ia lá na Matriz, não tinha aquela coisa certa, mas todo mundo gostava de missa, dessas coisas. Agora, minha devoção, que eu devo, assim, a devoção, o amor a Nossa Senhora e tudo, é a papai.

As influências religiosas de Zeneida vêm principalmente de seu pai, devoto fervoroso de Imaculada Conceição. Quando voltava das viagens que fazia (era também comerciante), levava todos os filhos para igreja, ensinou-os a rezar o ofício de Nossa Senhora. Quando criança, Zeneida escutou muitas histórias contadas pelo avô materno sobre a vida do Padre Cícero.

Acreditamos que essas influências religiosas foram fundamentais no envolvimento de Zeneida com as atividades da igreja. A devoção a Nossa Senhora foi conservada e brotou com o nome de Auxiliadora, os sentidos foram revividos e ressignificados no tempo.

Quando Maria Zeneida foi convidada para participar da Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, ela não imaginava que iria se tornar presidente por mais de dez anos. O convite aconteceu no início do ano de 1993, pela então presidente Dona Chiquinha. Sete anos depois Zeneida assumia a presidência e lá permanece até o momento da escrita dessa dissertação. O chamado de Dona Chiquinha é parte de um convite devocional, a ex-presidente coloca-se como porta-voz da própria Nossa Senhora Auxiliadora, de acordo com relato de Zeneida:

Eu tava rezando um terço num abrigo e Chiquinha me convidou pra fazer parte da Associação. Foi em 93, no comecinho de 93, então... Na época eu disse a ela que eu não... Talvez não desse certo, e coisa e tal... Aí ela disse: não, mas você... e Nossa Senhora que tá lhe chamando. A gente diz muito isso, que quem tá chamando não é a gente, mas é Nossa Senhora. Nossa Senhora tá lhe chamando! Eu digo: então eu vou pensar. Mas, depois, antes de eu sair do abrigo, eu já disse a ela que ia, ia participar das reuniões. Aí, eu fui a primeira reunião, passei uns seis meses participando das reuniões e depois, em maio, foi que eu recebi a fita, como associada de Nossa Senhora Auxiliadora.

Nos discursos de Zeneida é possível notar certa ambiguidade quando ela se refere aos tempos passados e presentes. Existe um marco divisor entre a *Associação de Nossa Senhora Auxiliadora* e a *Associação de Maria Auxiliadora (ADMA)*, as normas foram modificadas com o estatuto atual e Zeneida representa, ela mesma, esse marco. Com ela, a Associação ganha um novo status e muitas dessas regras ainda não estão internalizadas. A fita é um exemplo da ambiguidade, antes a cor era vermelha; com a ADMA, passou à cor rosa e todos os grupos ADMA's do Nordeste usam a mesma fita.

Entrevistador: São todas da mesma cor?

Zeneida: Todas. E agora tá pelo menos... No Nordeste todinho é essa cor. Nordeste todinho. Padronizado.

E: As pessoas usam mais isso quando?

Z: Na reunião. Todo mundo vai pra reunião com essa fita.

Quando a associada resolve ingressar precisa cumprir o prazo de seis meses até ser admitida. Esse tempo é estabelecido para que as pessoas percebam que há um compromisso, uma responsabilidade a ser assumida; a qualquer momento podem desistir da idéia. É também uma maneira da Inspeção Salesiana filtrar àqueles que não desejam ardentemente a associação. Interessa aos padres pessoas que se envolvam nos trabalhos pastorais e sintam-se

parte substancial do grupo, esse é o sentido para eles próprios. Após esse período, há uma celebração onde são entregues as fitas, a partir desse momento a associada é reconhecida publicamente como membro da ADMA.

Zeneida: Sempre eles pedem para pessoa passar, pelo menos, de seis... É como o aspirantado, como, não, é um aspirantado, né? Pra poder entrar, pra saber se é isso mesmo que você quer, pra ter segurança do que é que você está fazendo. Porque na... Agora, a gente tem na Associação, muita gente que entrou, mas... Entrava, dizia: “eu quero ser da Associação”, esse mês, no outro mês, não... Com pouco tempo recebia a fita, então não sabia o que era que queria. E hoje, ó, muita gente saiu porque não tinha segurança do que queria. Então lá, a Inspeção pede, o delegado da Associação, que agente passe, pelo menos, uns seis meses... É de seis meses a um ano no aspirantado, pra poder entrar na Associação.

O processo de eleição de Zeneida foi inusitado. Eleita Vice-Presidente num mandato de quatro anos, acabou substituindo a Presidente que não estava assumindo o cargo. Com vários compromissos e uma viagem familiar para Manaus, a então Presidente deixou o cargo temporariamente para Zeneida assumir. Suas constantes ausências, posteriormente, levantaram desconfiança ao restante da diretoria, que se mobilizou para falar com o vigário e sugerir o nome de Zeneida para Presidente em definitivo.

2.8 O Plano Funerário

Em 1956 a Associação Nossa Senhora Auxiliadora se juntou à Associação São João Bosco para construírem um jazigo no principal cemitério da cidade de Juazeiro do Norte. A presidente Dona Ritinha e o presidente Joaquim Cordeiro, líderes respectivamente dos dois grupos, encabeçaram a construção. Zeneida conta que, no início, todos pagavam uma taxa mensal e esses valores eram guardados para que, quando acontecesse um falecimento, houvesse meios de arcar com as despesas.

Nos anos em que Dona Chiquinha esteve como presidente, havia assistência aos mortos. Chiquinha recorda que todas tinham esse direito e eram prontamente atendidas quando faleciam. Destaca ainda a experiência obtida com a morte:

Mandei fazer em oficina, a cama [sic] ardente, agente preparou tudo. Dava todo apoio, toda a assistência... quando morria uma pessoa da associação a gente dava tudo completo, fazia enterro, completinho, completinho, completinho. Eu tive uma experiência muito grande, espiritualmente, nesse trabalho, inesquecível, nunca mais eu me esqueci, de grande experiência que eu tive lá dentro, sobre isso, uma pessoa vive enterrando defunto direto. Aí eu tive grandes experiências que eu não tinha antes, que eu não compreendia e que nada eu compreendia daquilo ali. Eu tive muita experiência,

foi um enriquecimento com isso, muito, muito, sobre a outra vida. Porque nada eu entendia, foi uma experiência fantástica.

Com o passar do tempo, segundo Zeneida, começa a surgir um desequilíbrio entre os falecimentos e o dinheiro disponível, num determinado mês era gerado um custo maior do que o que se tinha em caixa. Na década de noventa surge uma funerária de nome *Anjo da Guarda* que ousa em seu marketing comercial e experimenta um aumento espetacular em número de clientes (veremos detalhes da funerária no capítulo III). As associações percebem nesse caminho uma maneira de acabar com os problemas do caixa limitado. Zeneida conta como foi o início no Plano Funerário Anjo da Guarda:

O primeiro plano funerário surgiu com Chiquinha, foi Chiquinha que fez. Na época eram uns três grupos que tinha no plano funerário, que eram de dez pessoas cada grupo, mas hoje... Aí depois passou pra Nocy. Nocy criou mais, colocou mais gente no plano funerário, aí, depois de mim, hoje tem setenta e poucas pessoas, setenta e três... Eu tenho até ali dentro o.... No plano funerário.

Surge aqui a maior tensão observada por nós, entre a institucionalização da ADMA e a tradição dos sepultamentos na Associação. Zeneida havia me dito que o número de associados chegava a duzentas pessoas. Em nossa conversa descobro que o número de associados ligados ao plano funerário é de setenta e três associados. Faço, então, a seguinte pergunta:

Entrevistador: Desses que, cerca de duzentos, esse número de setenta e três, mais ou menos, no plano funerário? Porque nem todo mundo tá no plano funerário?

Zeneida: É assim, nem todo mundo tá no plano funerário, por que o plano funerário é assim, é pra quem... Antes colocava qualquer pessoa, mas era um custo muito alto, então foi se... Assim... Se fazendo uma, uma... Uma seleção. Vamos colocar no plano quem precisa realmente do plano, por que tem pessoas que podem fazer seu plano próprio, plano funerário, então a gente vai colocar, deixar no plano quem realmente precise. Aí surgiu aqui o Anjo da Guarda [*Funerária*] e o povo começaram fazendo plano particular, porque colocava já a família toda, aí eles... Foi feito isso, muita gente... E depois nós saímos de casa em casa, visitando, sabendo quem, realmente, precisava do plano, pra que continuasse naquele plano. Aí foi tirado muita gente, foram tiradas muitas pessoas, que agente pagava cento e cinquenta e tantos reais de plano, cento e setenta e tanto, hoje agente tá pagando cento e trinta e um reais, e mais... É... Foi feito essa penerada...

Mesmo havendo a preocupação em proporcionar direitos a quem mais necessita, constatamos que havia algo muito maior que justificava tal atitude. O custo, em relação ao número de pessoas, não varia tanto, quanto mais pessoas maior será o pagamento efetuado na funerária. A questão principal, assim entendemos, está localizada em outro espaço, o dilema entre participar da associação motivado pela devoção à Nossa Senhora Auxiliadora *versus*

participar da associação com o interesse em ser beneficiado materialmente com as despesas do sepultamento. Essa mesma questão surgiu no começo da Associação, quando notamos que alguns padres ajudavam financeiramente na compra de um vestido. Mas aqui a grande diferença é que a institucionalização da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) não prevê vínculos com um jazigo e essa situação é agravada, assim entendemos, pelo fato disso ocorrer na cidade de Juazeiro do Norte, lugar interpretado pela Igreja como espaço de fanatismo religioso. Essas evidências que trazemos são confirmadas por depoimentos (vimos alguns no capítulo anterior e retomaremos essa discussão na conclusão) e em conversas em minha vivência na cidade. De um lado o espírito, do outro a matéria:

Ficou de um jeito, que a gente... O povo vinha dizer que queria participar da Associação Nossa Senhora Auxiliadora porque tinha visto o sepultamento de um membro. Aí eu digo: “Não. A devoção de Nossa Senhora Auxiliadora tá em primeiro lugar”. Ou você é devoto de Nossa Senhora ou então não adianta você entrar na Associação Nossa Senhora Auxiliadora. Pra entrar só pelo caixão, é besteira. Aí fui batendo nessa tecla, muita gente ficou com raiva, teve gente que se afastou da Associação, depois que eu entrei, porque disse que eu não queria mais pagar o plano funerário, eu digo: “Não, não é isso não. Eu tô é conscientizando, conscientizando”. Por quê? Porque não tem condições. Morreu uma irmã de um cidadão, num final de semana, no outro final de semana era reunião de Nossa Senhora Auxiliadora, tava ele e a mulher: “Eu quero ser membro da Associação, eu quero entrar na Associação Nossa Senhora Auxiliadora, como é que agente faz? E o que é que faz pra entrar? E eu quero que bote meu nome, porque agente entra e não já ganha o caixão?” Eu digo: “Não. De jeito nenhum. Você primeiro, precisa ser devoto de Nossa Senhora Auxiliadora, querer entrar porque quer ser um membro da Associação Nossa Senhora Auxiliadora como devoto, mas não pelo caixão, nem pelo que você vai ter como benefício. Benefício maior vai ser a graça que você vai alcançar, por intercessão de Nossa Senhora”. Aí ficou aquela coisa, aquele mal estar, mas depois o povo foram se habituando, tinha até as meninas que eram da diretoria, diziam assim: “Zeneida, daqui uns dias não vai ter mais ninguém na Associação, porque tu pega pesado”. Eu digo: “Não, eu não pego pesado”.

Com a institucionalização da ADMA, fizeram-se necessárias reuniões ordinárias que mantivesse o acompanhamento da Inspeção em relação aos grupos. Nesse sentido, foram estabelecidas duas reuniões anuais com os presidentes das ADMA's de todo o Nordeste, na sede da Inspeção Salesiana, em Recife. Na primeira reunião que Zeneida participou, ela explicou todo o funcionamento da Associação em Juazeiro, inclusive comentou sobre o vínculo com plano funerário. Após o depoimento notou-se um grande mal-estar e fez-se necessário um forte posicionamento do Bispo, delegado das Associações:

Zeneida. Então, quando foi uma vez, eu, na reunião que eu fui, na primeira reunião que fui, eu disse como era, ficaram perguntando como era a Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, qual era o objetivo e tudo. E eu coloquei essa questão desse caixão, né, do povo. Menino! Isso serviu, assim, de chacota, tá entendendo? Porque ele disse: “Olhe, é o único lugar, no mundo todo, onde existe ADMA, que existe essa história de plano funerário pra sepultar pessoas. Existe túmulo feito pela associação de Nossa Senhora

Auxiliadora, é o único”. Porque tem os túmulos dos salesianos, né? Não é um túmulo feito pela associação, por duas associações salesianas, né? Aí, ele foi e disse que não, que era pra quando eu chegasse aqui, era pra acabar com o plano funerário...

Após risos e mal-estar, Zeneida procurou o Bispo no final da reunião para estabelecer um diálogo. A presidente interveio argumentando que esta prática era muito antiga e que acabar com ela não seria possível. O acordo estabelecido com o Bispo foi de que, já que não era possível acabar, houvesse uma tentativa de diminuição desse vínculo. Isso explica porque o Plano Funerário possui um número menor de pessoas. O vínculo funerário não é propagado nas reuniões, esses assuntos são tratados, individualmente, somente com aqueles que tem seus nomes no Plano. O que predomina nas reuniões mensais é a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora, expressa em cantos, orações, preces e gestos.

A narrativa do episódio do Recife provocou preocupações em Zeneida pelo de sua fala estar sendo gravada. Fez com que a presidente pedisse para que eu não interpretasse que o Bispo queria acabar com o plano funerário. Argumentei que se havia algo que ela não quisesse que eu revelasse, era só expressar. Zeneida defendeu a postura do Bispo, argumentando que seu impulso inicial foi consequência do choque causado pela narrativa em público. Na conversa particular, ele demonstrou maior compreensão.

É porque foi assim, ele na época, quando ele soube, ele ficou, realmente, ele ficou assim... Chocado. Ele disse: “A senhora vai deixar continuar um negócio desse? O povo entrar na Associação pelo caixão?” Aí ficou aquele mal-estar. Mas aí, quando foi no final da reunião, eu conversei com ele e ele disse assim: “Olhe Dona Zeneida, pois vamos fazer o seguinte, a partir de agora, quando a senhora chegar lá em Juazeiro, a senhora vai dizer às pessoas, que as pessoas vão entrar na Associação, não... Vão permanecer no plano funerário, quem tá no plano funerário. Mas a partir daí, só se for uma pessoa realmente pobre, que necessite, como na época era, no início, né?” Que era feito assim, se você realmente necessitasse, aí você entrava... elas faziam seu sepultamento. Aí ele disse: “Só se a pessoa, realmente, precisar. Aí a senhora vá e coloque. Mas, não uma pessoa entrar já com esse intuito de ganhar um caixão e o túmulo”.

Zeneida defende, com entusiasmo, a participação dos associados motivados pelas devoções, em especial, salesianas. Em muitos casos citados por ela, há sepultamentos no túmulo movidos por essas devoções e expressas pela pessoa ainda em vida. Nessas situações há méritos que precisam ser levados em conta. Quando perguntei se as pessoas que estavam na lista do plano possuíam, de fato, devoções, e isso predominava em suas relações, Zeneida disse que não poderia julgar as pessoas. Em nossa opinião, as motivações são individuais e estabelecer um número de pessoas que estão na associação pela devoção é, realmente, um julgamento que não nos cabe. Há devoções e há, ao mesmo tempo, necessidades materiais,

essas coisas se misturam e se confundem, para os associados não há contradições nisso. Mesmo assim, Zeneida separa e dá ênfase nos vínculos devocionais:

Agora, eu sei que a maioria é pela devoção. A maioria é pela devoção. São pessoas... As pessoas que estão hoje no plano funerário são as pessoas mais antigas, pessoas que, realmente, entraram na Associação por devoção a Nossa Senhora Auxiliadora. Tem, também, muita gente que hoje pode pagar um plano funerário, tem o seu plano particular, mas que diz: “Eu quero ser sepultada no túmulo de Nossa Senhora Auxiliadora, eu quero tá lá com minha mãe”. Que elas dizem até assim: “Quero ser sepultada no túmulo da minha mãezinha”. É uma questão de devoção. Eu acho que hoje, pra gente fazer... Porque tem muita gente que tem seu plano, mas que tem a devoção, quer ser sepultada lá. Tem gente que tem seu túmulo, a família tem um túmulo, mas quer ser sepultado lá por devoção. E tem gente que é por necessidade, realmente, por necessidade, que não tem. Tem pessoas que pagam um plano funerário... Eu tenho um caso de uma senhora, que ela paga um plano funerário, ela não, não é só ela, mas um bocado, e elas pagam o plano funerário, tem condições de pagar o plano funerário, mas elas não têm túmulo. Umas querem ser sepultadas pela devoção e pela necessidade e outras só pela necessidade, essa questão da necessidade, poucas, são poucas. Assim... hoje em dia, do túmulo, eu acho que... Sei lá... Eu não saberia dizer...

Tem uma, que ela diz: “Não, eu podia ir pra qualquer outro túmulo, mas eu quero ser sepultada...”. Inclusive, tem gente que guarda assim... Tem um zelo tão grande, que elas chegam... Tem uma mulher, é uma senhora que é aposentada, e ela chega todo começo de ano, porque hoje ela tem problemas de saúde e tudo, ela só vai na reunião... O mês de janeiro é sagrado, ela vai e dá a contribuição dela do ano todinho, então ela diz assim, ela chega, tem aquela devoção, aquela lembrança, aí diz assim, pertinho do mês de novembro, ela diz: “Olhe, esse daqui, esse dinheirinho aqui, é pra ajudar, botar uma tinta, uma coisa no túmulo”. Tem aquele zelo, aquela coisa. Tem aquelas que chegam, também, aí diz assim: “Isso aqui é pra festa de Nossa Senhora, pra ajudar na festa de Nossa Senhora. Eu quero o andor de Nossa Senhora bem bonito”.

Percebemos, também, vários casos de pessoas que não pertencem à Associação e são sepultadas no túmulo. Esses casos acontecem quando pessoas próximas morrem e não possuem lugar para serem sepultados. Na maioria das situações são pessoas de famílias que conhecem associados influentes ou até mesmo os padres que solicitam permissão da presidente para usar o espaço do túmulo. Em muitos casos o espaço físico não comporta e é necessário negar a solicitação. As situações em que essas pessoas externas são sepultadas no túmulo são vistas pelas presidentes como um ato de caridade. Ceder o espaço é oferecer a oportunidade de descanso do corpo na hora da morte. Uma das associadas fez o seguinte depoimento:

Aí cadê? Nem tinha caixão, nem tinha lugar de cova, não tinha nada. Então a associação, tu sabe, é mais pra caridade, mas Zeneida já tinha dito que por enquanto não ia fazer porque já tinha quatro que não eram associados que foi obrigado ceder, porque não tinha lugar onde botar. Aí eu disse a mulher: tu vai no cemitério, lá tem uma senhora que ela tem túmulo, ela ajeita. Eu sei que Deus é tão bom que ajeitaram, mas se não ele ia lá pro São João Batista. Mas nosso túmulo lá não é só pra associação, se a pessoa não tem lugar é aberto também, porque é mais de caridade. Se nós estamos nessa vida e não fizer caridade, o que é que vamo levar? Não é só pra associação, assim era

egoísmo. Não, é quem precisar, não tem jeito nenhum, a associação cede. Isso aí é lei, todo mundo sabe, os cooperadores de Dom Bosco também sabe, não é só nós, não é só nossa, é deles também.

Um fato bastante curioso que observamos é que as duas presidentes, com quem conversamos, possuem outros planos funerários e túmulos familiares e tem preferência por estes. Não faz parte de seus planos serem sepultadas no túmulo da Associação, apesar de terem esse direito. A explicação que encontramos é que a importância está bem mais no servir do que no ser servido, a presidência é uma missão, trabalhar em prol daqueles que necessitam é parte desse esforço missionário. A classe social dessas presidentes é diferente da maioria das associadas. Dona Chiquinha é esposa de um pequeno empresário e Zeneida é casada com um comerciante, ambas possuem casas próprias e automóveis. Todo o tempo de que dispõem é dedicado à Associação e fazem isso com muito envolvimento e disposição. Para Zeneida, ocupar o cargo de presidente é uma oportunidade de servir, de vivenciar as devoções à Maria Auxiliadora e São João Bosco, de sentir-se útil dentro do trabalho que realiza:

É assim, pelo menos pra mim, na associação, como membro da associação, sem falar da... assim, de presidente, mas como membro em primeiro lugar, como membro da associação, eu toda vida digo: “No dia que eu deixar de ser presidente, eu nunca vou deixar de ser... de ir pra minha reunião, todo mês e tudo”, porquê? Pra mim é um sentimento muito bom, dentro de mim. É uma coisa que eu tenho, eu tô na associação por devoção, por amor a Nossa Senhora Auxiliadora, não é só por estar, mas é porque eu amo Nossa Senhora Auxiliadora, sou, assim, apaixonada por Dom Bosco e tudo... Então, eu tô na associação por devoção, por devoção e por amor a Nossa Senhora Auxiliadora. Estar presidente, pra mim, foi uma oportunidade, uma oportunidade que Nossa Senhora me deu de fazer, assim, mais alguma coisa, alguma coisa a mais, que só como membro eu não podia fazer, me deu pra que eu pudesse lutar, assim, pra melhoria da associação, pelas coisas que eu acredito que a associação pode fazer e pode ser. Pra mim, é esse sentimento de muito amor. Eu tenho muito amor e muito carinho pelas associadas, também, pra mim é assim, como se fosse tudo minhas, minhas... assim, pessoas da minha família, pra mim elas não são, assim, uma pessoa qualquer, não, como só uma pessoa da associação, mas elas... Eu sinto delas, também, aquele carinho muito grande... por mim... das vezes que eu já tive doente, que fui operada, e tudo... aquele zelo, aquela visita delas, porque é um trabalho, também, que acho muito bonito, da associação, é aquele da visita, da oração, por que a associação vive muito também de fazer visita, as associadas que tão doente, que hoje não podem mais ir pras reuniões.

2.9 A Tesoureira

Idália de Jesus Mendonça tem 71 anos e é tesoureira da Associação de Nossa Senhora Auxiliadora e o braço direito da presidente Zeneida. O pai era natural de Alagoas e mãe do sítio Cabeceiras, município de Barbalha (12km de Juazeiro), a família paterna de Idália tinha grande respeito pelo Padre Cícero. Aos 18 anos, Antonio, pai de Idália, foi acompanhado de

sua mãe para pedir conselhos ao padre. Queria ir trabalhar na cidade de São Paulo, em 1928, e foi pedir permissão ao patriarca de Juazeiro:

Quando ele tinha 18 anos, em 28 [1928], naquele tempo pedia a ele pra ir pra São Paulo, né? Aí ele veio com minha vó, quando chegou aqui, se ajoelhou nos pés dele, deu a bênção a ele e pediu:

- Meu Padrim, eu vim pedir licença ao senhor pra mim ir pra São Paulo.

Ele olhou assim pra meu pai e disse:

- Meu filhinho, quer ir pra São Paulo?

Meu pai disse:

- Quero.

Ele disse:

- São Paulo já foi bom, mas hoje não presta mais. Você vai.

De acordo com Idália, os anos passaram e sua mãe, por falta de notícias, pensava que ele havia falecido, o que fez com que procurasse novamente o Padre Cícero:

- Meu filho morreu, não vejo mais meu filho.

Aí ela veio aqui pra Juazeiro, chegou e falou com meu Padrinho, ela não disse o nome de meu pai.

- Meu padrinho, eu vim perguntar se meu filho ainda volta.

Ele disse:

- Antonio?

Ela disse:

- Sim senhor.

- Volta.

Cinco anos depois, em 1933, Antonio volta e promete para si mesmo que não retorna para São Paulo enquanto sua mãe for viva. Casou no mesmo ano e em 1938 nasceu Idália. Em 1950, quando a mãe de Antonio já havia falecido, ele volta para São Paulo com sua esposa e a pequena Idália. Em São Paulo nasceu mais um irmão. Ao todo foram vinte e três anos na cidade, dezoito anos dedicados por Idália à Igreja dos padres Josefinos, trabalhando como recepcionista e catequista. Idália também participou da Irmandade das Filhas de Maria, o grupo foi extinto pelo padre local que solicitou aos associados que queimassem suas fitas e faixas da irmandade (Idália não nos explicou os motivos da ação do padre). Idália ficou revoltada com o pedido do padre e decidiu guardar os pertences em casa, ajoelhou-se diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição e prometeu nunca mais colocar uma fita no pescoço.

No ano de 1973, quando Idália estava bem adaptada à cidade, o pai decide voltar para o Ceará, dessa vez para cidade de Juazeiro do Norte, um lugar sagrado e escolhido por ele para passar o final dos seus dias:

Ele nunca gostou de São Paulo. Meu pai desde 28 que ele conhecia São Paulo, mas ele tinha, assim, ele não gostava de São Paulo, trabalhava e tudo e dizia assim: Se eu morrer em São Paulo eu não vou me salvar [sic], eu quero morrer em Juazeiro. O negócio dele era Juazeiro. Aí nós compramos uma casinha lá, tinha duas de alugueis, aí, de repente, ele deu aquela vontade de vim pra cá, aí vendeu, aí viemos, compramos a nossa na Senhora Santana [sic] e até hoje eu to lá, 37 anos moro ali, nessa casa mesmo, foi meu pai que comprou. Ele faleceu, minha mãe faleceu, meu irmão faleceu, mora só eu, Jesus, Maria e José, nós três em casa.

Em Juazeiro, Idália concluiu seus estudos e escolheu tornar-se professora, dedicando vinte e quatro anos de sua vida ao ensino. Gaba-se de nunca ter solicitado nenhuma licença e de ter tido apenas nove faltas durante todo esse tempo por motivo de uma greve no município.

Quando Dona Chiquinha convidou Idália para participar da Associação Nossa Senhora Auxiliadora, há 15 anos, veio à mente o episódio que aconteceu em São Paulo. Idália havia prometido diante de Nossa Senhora da Conceição, não colocar mais nenhuma fita no pescoço. Foi desabafar com o Padre salesiano Manoel, que incentivou ela a aceitar o convite de Chiquinha.

Pra mim é uma irmandade santa, eu tenho muita fé em Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco. Não entrei por causa de caixão não, amor que eu tenho a Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco. Olha, Zeneida, eu, Chiquinha, muitos aí... é amor mesmo. Queria que você viesse aqui um dia filmar era o mês de maio...

No comentário de Idália, percebemos a ênfase no interesse espiritual e devocional como escolhas para participar da associação. Com essa postura, Idália não quer ser identificada como alguém que tem interesse material, idéia criticada na associação, principalmente entre as pessoas que integram a coordenação do grupo.

2.10 As Devoções

São muitos os santos citados pelas associadas. Misturam-se santos reconhecidos pela Igreja, santos populares, apostolados, padres salesianos, papas e até mesmo objetos, como o rosário, são citados como devoções. Os santos são companhias para senhoras que enfrentam a solidão, eles escutam suas lamentações, protegem-nas das doenças e dores, fazem parte de um ambiente familiar. Idália, que perdeu os pais e o único irmão, disse que mora “com Jesus, Maria e José”. A “companhia” de Antonia Dias, 71 anos, é o Coração de Maria e o Coração de Jesus.

As devoções salesianas, em especial João Bosco e Maria Auxiliadora, estão presentes nos depoimentos das associadas. Algumas delas, são casos de um maior convívio com os

religiosos salesianos, aprenderam desde cedo essas devoções e isso faz com que as relações estabelecidas com esses santos sejam seguras e bem conscientes:

Suzete. Por incrível que pareça, como eu aprendi no berço a amar a família salesiana, esses são os meus preferidos [*silêncio*]. Precisa citar?

Entrevistador: Eu acho bom.

Suzete. Então o amor é muito forte por Nossa Senhora Auxiliadora, Dom Bosco e os outros da família salesiana.

As devoções relacionadas aos salesianos são incentivadas pelos líderes religiosos. Os principais santos, João Bosco e Maria Auxiliadora são constantemente lembrados pelos líderes nas reuniões. Na associação Nossa Senhora Auxiliadora, a presidente Zeneida se esforça para orientar os membros na escolha das devoções salesianas:

Mas, à medida que muitos deles... a gente foi levando, a cada reunião, uma história de São João Bosco, um modo de ação de São João Bosco, como ele agia com a juventude, a preocupação pastoral e tudo... aí as pessoas já mudou, essa mentalidade mudou.

Em muitos casos, várias associadas têm suas trajetórias traçadas nas devoções tradicionais de Juazeiro e por isso desconhecem detalhes da Congregação Salesiana. Elas freqüentam as reuniões, mas não se detêm nas informações passadas. Apreendem com dificuldades o que é ensinado:

O meu problema é porque o que é de Deus, tudo é importante pra gente. E essa devoção de Nossa Senhora Auxiliadora, eu achei muito importante porque é uma graça que a Igreja deu pra nós, que a gente que não sabe de nada, só pode saber de alguma coisa que tem importância ou não tem, se for alguma pessoa que explique pra gente. E das reuniões que eu tenho assistido aqui, cada vez mais eu recebo explicação, agora o senhor vai desculpar, mas nada fica, que eu tenho problema na cabeça. Não me lembro de nada, até uma reza que eu rezo, na hora que eu tô rezando eu sei, depois esqueço. Mas, se Deus quiser, eu continuo até o fim de minha vida, na religião de Nossa Senhora Auxiliadora, fazendo parte até o que eu puder fazer, porque às vezes a gente quer e não pode. Tem dia que eu não posso ir pra reunião, que eu tenho problema nas pernas, fico só com a vontade mas não venho.

Nessa investida dos líderes, podemos perceber que nem sempre essa escolha devocional é “acatada” pelos associados, numa entrevista perguntei a uma senhora quais as devoções dela, ela respondeu:

Nossa Senhora Auxiliadora, Sagrado Coração de Jesus, que são os santos de minha devoção, que eu tenho uma forte devoção por eles. Meu Padim Ciço, ave Maria, eu

tenho muita fé em meu Padim Ciço também, tudo o que eu peço a meu Padim Ciço eu vejo. Tenho muita fé em meu Padim Ciço, porque ele também dizia, o povo disseram que ele dizia que quando a pessoa pedia as coisas na vida da gente, pedisse a meu Padim Ciço e a Nossa Senhora das Dores. E eu tenho uma fé em Nossa Senhora das Dores também, que é a padroeira do Juazeiro e... Tenho muita fé nos santos.

No momento dessa resposta, a presidente se aproximou, ouviu as devoções tradicionais enumeradas e perguntou: “Tem fé em Dom Bosco?” No mesmo momento a idosa “lembrou” do santo salesiano e o citou com ênfase, lembrando da passagem de sua relíquia por Juazeiro:

Tenho. Demais. E agora foi que eu criei mais fé, com a relíquia de São João Bosco. É tanto que eu tava com o adesivo aí, tá na minha bolsinha. Eu achei muito bonita a relíquia de Dom Bosco, muito mesmo.

Tendo como exemplo esse caso, observamos que as devoções podem ser “ensinadas” ao recém associado, mas suas escolhas podem ser distintas dos santos sugeridos. Os associados fazem suas próprias escolhas e conseguem conciliar discursos na presença dos líderes religiosos. As devoções enumeradas pelos participantes são muitas e distintas, abaixo alguns exemplos:

Eu sou muito devota do Apostolado da Oração, meu Padrim Ciço, Frei Damião, eu tenho devoção com Frei Galvão, Papa João Paulo II, Padre Francisco.

Nossa Senhora de Guadalupe e São Francisco. Eu tenho muito amor por meu Padim Ciço, também.

O santo maior que eu tenho é Jesus. Adepois de Jesus eu me agarro com todos. São Benedito, São Fernando, São Damázio, São Tomé [rísos]. E Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Maria Auxiliadora, eu sou fã de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e Maria Auxiliadora dos Cristãos. Toda noite eu tenho uma novena dela, eu rezo.

Nossa Senhora Auxiliadora, Dom Bosco, Sagrado Coração de Jesus, que é meu grande protetor.

Imaculada Conceição e Jesus Sacramentado. São os meus prediletos. Aí depois desses três vem meu Padrim Ciço, vem São Miguel, que eu tenho devoção a São Miguel, os três anjos São Miguel, São Gabriel, São Rafael, eu tenho devoção com eles. Aí vem os outros, Nossa Senhora Auxiliadora já faz parte de Nossa Senhora, que é uma só, né?

Tenho. Dom Bosco, tem São Lourenço, que eu gosto muito, São Francisco das Chagas, né? Vários, vários. Porque quando eu rezo, eu sempre rezo unido com todos os santos.

Sou muito devota de São Miguel Arcanjo, né? E eu acho que a pessoa que é devoto de São Miguel Arcanjo não pode ter medo de morte. De jeito nenhum. Eu não penso em morte. Eu penso em vida. Acredito que na hora que Deus me chamar, eu acredito que eu vou com muita alegria.

O Coração de Jesus, primeiramente. E o meu Padrinho Ciço, que ele é o nosso diretor; e N.S.Auxiliadora. Não rezo meu rosário todo dia, mas tenho devoção com meu rosário, não passo um dia sem não rezar um mistério.

Há uma crença popular de um santo conhecido como São Lunguinho²⁰, acredita-se que quando alguém perde qualquer objeto deve solicitar ajuda desse santo. Quando o objeto é encontrado, o agradecimento é feito com três saltos. Na Associação Nossa Senhora Auxiliadora, também encontramos uma devota de São Lunguinho:

Idália. Primeiro, Nossa Senhora Auxiliadora. Tem um santo que eu não sei porque que eu me apeguei com ele: São Lunquinho [*risos*]. Tudo que eu quero São Lunguinho me dá [*risos*]. Então, Nossa Senhora Auxiliadora, Mãe Rainha...

Entrevistador: Eu botei São Lunguinho, viu?

Idália. Bote. São Francisco e Santa Terezinha. E o Coração de Jesus, esse aí eu não esqueço...

As devoções configuram-se como uma forte característica na Associação Nossa Senhora Auxiliadora. Entendemos que um provável motivo para isso é a inserção das mulheres no ambiente religioso, suas participações em celebrações e festas é uma marca, isso permite que o universo religioso seja procurado com intensidade e os muitos santos podem ser reflexo dessa busca.

A Associação Nossa Senhora Auxiliadora, principalmente após integração oficial com a congregação, tornou-se bem mais próxima dos anseios romanos. O perfil da presidente também ajudou nessa aproximação, já que é alguém simpática às normas. Mas essa aproximação não significa que as associadas aderem aos mesmos interesses institucionais, elas criam seus próprios sentidos e abraçam muitos elementos ao mesmo tempo, muitas têm dificuldades até para pronunciar a sigla ADMA, para elas Auxiliadora é bem mais do que um nome e uma instituição.

²⁰ São Longino (do latim Longinus) ou Longuinho, como é popularmente conhecido, é um santo não-canônico da Igreja Católica. Viveu no século primeiro, tendo sido contemporâneo de Jesus Cristo. Acredita-se que tenha sido o centurião na crucificação que reconheceu Cristo como "o filho de Deus".

CAPÍTULO 3. OS HOMENS DE SÃO JOÃO BOSCO

A vivência de quase duzentas pessoas na Associação São João Bosco nos permite defender a hipótese de que, diferente da Associação Nossa Senhora Auxiliadora, participar desse grupo é colher os frutos de uma semente plantada a mais de um século. Há um vínculo entre o Padre Cícero do final do século XIX e os associados em questão. Padre Cícero uniu um povo em torno de uma crença religiosa, com base no catolicismo, que tem na cidade de Juazeiro do Norte um solo fértil ao seu crescimento. As modificações estão sempre acontecendo, as negociações são feitas a todo instante, mas a tradição continua nos caminhos da Associação. Ser associado de São João Bosco é a confirmação de que se vive e se morre com os antepassados, habitando o mesmo solo, lembrando o passado como maneira de colher no presente um fruto que garanta a vida eterna. O jazigo é prova cabal desse sentimento.

A Associação São João Bosco se manteve distante do controle institucional da Congregação Salesiana. Essa distância proporcionou uma maior ligação com a tradição religiosa da cidade e conservou determinados comportamentos. A devoção ao Padre Cícero configura-se como ponto importante nessa tradição, os associados conservam esse elemento em suas vidas.

Sendo os estatutos uma tentativa de organização dos trabalhos leigos, veremos que o poder de elaboração de tais documentos influencia nas relações estabelecidas entre leigos e sacerdotes. No caso da Associação São João Bosco há certa independência em suas ações, garantidas pelo atual estatuto. Substituindo o estatuto de 1957, o novo estatuto surge na década de oitenta, quando a Associação São João Bosco recebe seu atual presidente. O aumento de associados foi significativo, passando de quarenta membros para quase duzentos, trinta anos depois. O aumento pode ser explicado pela atenção dispensada aos serviços funerários, uma marca da atual gestão.

Defendemos que as coletividades são influenciadas por trajetórias individuais. Nesse sentido, a trajetória do atual presidente irá gerar forte influência na estrutura da Associação, ao ponto de desvincular-se de um acompanhamento da congregação. Essa trajetória específica proporciona outras relações, vistas com preconceitos pelas autoridades da Congregação Salesiana.

Nos objetivos da Associação, o plano funerário passa a ser central nas relações dos associados com o presidente, fazendo com que a idéia assistencial prevaleça diante das iniciativas pastorais salesianas. O presidente defende que os aspectos sociais devem significar

um compromisso da Igreja Católica, nisso consiste seu trabalho, mesmo indo de encontro com o ambiente salesiano.

3.1 O Regulamento de 1957

Há sempre distâncias entre os documentos escritos e a vida das pessoas, os regulamentos das associações não dão conta dos múltiplos sentidos que impulsionam alguém a participar de um grupo, os motivos que estabelecem vínculos entre indivíduo e grupo vão muito além de um regulamento. Esses documentos demonstram que toda estrutura está montada numa perspectiva ideal, tendo como base preceitos e normas orientadas pela Igreja Católica. O que não impede de que alterações sejam feitas, inspiradas por um modo de vida diferenciado, um estilo alimentado por um Juazeiro religioso.

Os regulamentos dão status de oficialidade às associações, são documentos que asseguram direitos e deveres aos associados. No caso da Associação São João Bosco podemos considerar que eles possuem duas funções importantes: de um lado é o controle da congregação quanto aos objetivos dos grupos de leigos, já que são elaborados com base em outros estatutos oficiais da Igreja; de outro lado, funcionam como autonomia na forma como os leigos conduzem os trabalhos. Para figurar esse último sentido, é pertinente lembrar que os padres salesianos possuem um período de permanência em cada lugar, que pode variar entre quatro e oito anos²¹, isso faz com que muitas modificações ocorram na vida paroquial. Cada padre possui uma forma de trabalho que pode ir de encontro a um formato associativo. Diante disso, os regulamentos equilibram as relações entre sacerdotes e leigos. Os regulamentos são provas materiais da existência de uma organização, reconhecidos por padres anteriores e, acima de tudo, aprovados pelos fiéis associados.

Também na Associação São João Bosco não encontramos um vasto material de documentos. Conseguimos um regulamento da Associação São João Bosco com o senhor Lázaro Nascimento. O documento pertencia a seu falecido pai, Manoel Nascimento, que era associado desde 24 de abril de 1942. O regulamento é de uma data posterior, 01 de janeiro de 1957. Iremos agora analisar partes do referido documento, buscando demonstrar os elementos institucionais e locais.

A estrutura do regulamento está organizada em doze artigos, inseridos em quatro pequenos blocos. O primeiro bloco diz respeito às condições de aceitação do associado, o

²¹ Esse tempo pode ser maior ou menor, a decisão cabe à Inspeção Salesiana, instituição regional, localizada em Recife/PE, que responde pela indicação e permanência dos padres em cada lugar.

segundo descreve os deveres dos participantes, no terceiro estão os direitos adquiridos, no quarto e último bloco estão as recomendações.

Sobre as condições de aceitação, percebemos uma clara comunhão com a Igreja Católica. Consta no regulamento que:

Art. 1. Para ser associado de Dom Bosco é necessário crer em tudo que crê e ensina a Santa Igreja Católica, Apostólica Romana. Admitem-se somente pessoas de vida boa, que gozem de reputação social. Quanto ao estado civil, podem ser casados, solteiros ou viúvos, contanto que não sejam menores de 16 anos, nem maiores de 60.

Art. 2. Não serão aceitas nesta associação pessoas que pertencem a seita condenada pela Igreja, ou que tomam parte nas reuniões da mesma.

Os organizadores convidavam pessoas que estivessem sintonizadas com os trabalhos na Igreja. Pessoas que não gozavam “de reputação social” estavam em outros lugares, ocupados com outros sentidos dados à vida. As primeiras linhas do regulamento reforçam a discriminação de um estilo de vida não aceito pela Igreja. O artigo dois possui um forte posicionamento centralizador da Igreja Católica Apostólica Romana, há uma grande preocupação que os diversos grupos formados estejam em sintonia com a estrutura da Igreja. Com relação a outras crenças, é muito pouco provável que, no início, um indivíduo que possuía outros vínculos religiosos fizesse parte de uma associação como esta. Consideramos que os artigos iniciais fazem parte de uma preocupação mais geral da Igreja e, conseqüentemente, da Congregação Salesiana. Os associados, por sua vez, captam de seus modos essas informações e as interpretam dentro de suas vidas cotidianas. O receio de que outras religiões invadam Juazeiro do Norte faz com muitos associados demonstrem preocupações, criando explicações que atribuem os problemas sociais como conseqüência do surgimento de outros credos, como a maçonaria, por exemplo. Seu Noé, 75 anos, associado, narra o que acredita ser o início da violência no Juazeiro:

Aí nós vinha a meia-noite, aquele horror de moça com os namorado e nós, mãe e tudo. Ninguém bebia cachaça... Num tinha essa história de beber cachaça, tudo naquela farra, naquela brincadeira, né? Eu ainda me lembro no dia que começou essa bandidagem. Nós vinha de uma missão de Frei Damiano, um bocado de gente, não tinha nem essa pista aí, só a estrada velha. Aí quando nós chegamo mermo ali em Seu Zé Viana, aí às doze hora tinha essa mudança de carro, vinha três carro do Crato e três carro do Juazeiro, como é que chamava... era a meia-noite, os bode, a maçonaria. Vinha três carro do Crato e três do Juazeiro, pra tratar de assunto da maçonaria. Porque eles adava [sz] tudo de preto, né? Aí quando nós cheguelo ali, nesse tempo ainda não tinha nada contra nós, aí botou a cabeça de fora, aí:

- Tudo eguando, né magote de besta, espiando aquele véi falar!

Mermo assim, né, com Frei Damiano. Chamou nois tudo de égua. Aí pronto, aí o mundo desandou, né.

Sobre os deveres dos associados, o antigo regulamento determina seis artigos:

Art. 3. É obrigação principal de todo associado tender à perfeição cristã, com a observância exata dos Mandamentos da Lei de Deus e à prática das virtudes evangélicas, sobretudo da caridade.

Art. 4. Os associados auxiliarão, de um modo particular, as obras de D. Bosco em todos os seus setores.

Art. 5. Cada associado deverá contribuir mensalmente com a cota de Cr\$ 8,00. Quem deixar passar 3 meses sem pagar, perderá todos os direitos e privilégios dos benefícios da associação.

Art. 6. Todo associado obedecerá às ordens da Diretoria e cumprirá os artigos do regulamento, tanto particular como geral.

Art. 7. Durante as sessões, é proibido conversar e de qualquer modo perturbar a ordem.

Art. 8. Os sócios cooperarão para o brilho do mês de maio, das novenas e Festas que se realizarem no Santuário do Sagrado Coração de Jesus.

Ser santo é uma meta possível aos associados. Ainda que os santos figurem como sendo seres superiores, de uma vida repleta de renúncias, de uma dedicação exclusiva e ações exemplares, o leigo também é convidado para essa posição. A “perfeição cristã” enunciada no regulamento é a santidade alcançada no mundo. O próprio santo João Bosco convida seus seguidores à santidade em suas memórias biográficas: “Deus quer que todos sejamos santos. Esta é a vontade de Deus: vossa santificação. Ele nos dá todos os meios para nos salvarmos e nos diz: agora vós é que deveis pensar em servir-vos desses meios” (GIACOMETTO, 2000, p. 47).

Não é frequente esse fervor em busca da santidade nos homens da associação São João Bosco. Alguns poucos associados são mais fervorosos nesse objetivo de vida, participam ativamente de trabalhos pastorais, partilham de um universo próximo aos santos e os tem como modelo a ser seguido. Isso faz com que imprima em suas vidas um comportamento em consonância com diretrizes e intenções da congregação. José Pimentel é um desses homens que acreditam na santidade como algo que pode ser atingida por qualquer pessoa que queira²². Ele sente-se incluído nessa possibilidade porque considera que as suas características, não valorizadas pelo mundo terreno, recebem importância num plano celeste. Sendo assim, a riqueza material, o status social e a formação intelectual não contam ponto nesse caminho de santificação.

²² Em diálogo com minha orientadora, tomei conhecimento de que esse episódio se aproxima da visão mais atual da Igreja sobre santidade. Alguns beatificados são pessoas comuns, como Santa Chiara, por exemplo. Isso demonstra que Pimentel, que consideramos alguém muito atuante na igreja (ele é membro do Centro de Cooperadores salesianos e outros movimentos), deve ter influências desse ponto de vista.

Eu acho que vale a pena ser santo como eles. E não é difícil, que pra ser santo não precisa ser rico, não precisa saber leitura, não precisa saber nada [risos]... Eu acho.

O dever exposto no regulamento para “auxiliar as obra de Dom Bosco”, bem como as novenas e festas no Santuário do Sagrado coração de Jesus, é seguido pela minoria dos associados. Além do Presidente, que em geral participa dessas ações, poucas pessoas estão envolvidas nos trabalhos pastorais propostos pelos padres salesianos. A relação estabelecida pela grande maioria dos associados de João Bosco é apenas com a associação, com os domingos de reunião uma vez por mês, com o pagamento de mensalidades para receber os benefícios. Passamos para o artigo que menciona a contribuição mensal como maneira de assegurar “os direitos e privilégios da associação”.

O jazigo das associações foi construído no ano de 1956. O regulamento aqui analisado é de um ano depois, 1957. O que nos faz acreditar que tal documento foi estruturado por ocasião da construção do jazigo e do benefício em ser sepultado no local. A ênfase no artigo que prevê a inadimplência dos associados demonstra a preocupação com a administração do jazigo, pois é preciso certa despesa para manter o local e para sepultar seus associados. Com isso, é importante que todos cumpram seus pagamentos no prazo mensal estabelecido. No próprio regulamento, temos uma página destinada ao controle dessas contribuições, o associado levava o seu documento, realizava o pagamento e recebia a confirmação da diretoria. Consideramos que a construção do jazigo das associações foi fundamental para o início de novas relações, o vínculo com esse benefício faz com que muitos homens estabeleçam relações diferentes das expectativas da Congregação.

O terceiro item do regulamento trata dos direitos dos associados, consta de três artigos:

Art. 9. Os associados gozarão dos merecimentos de uma missa, a ser celebrada no segundo domingo de cada mês, às 6:15 no Santuário do Coração de Jesus. A esta missa, deverão comparecer todos os associados. Os associados participarão também de todos benefícios espirituais de todos os atos religiosos por eles assistidos no dito santuário. Todo ano, terão direito a um retiro espiritual de três dias.

Art. 10. (a) Tres [sz] meses depois de inscrito na associação, todo sócio, se doente e estando quites com a mesma, ouvido antes o parecer da comissão de sindicância, terão direito a consulta médica.

(b) Receberão um auxílio de Cr\$ cada sessão.

(c) Em caso de morte, todo sócio reconhecido pobre e que esteja nas condições a que se refere o art. 10, receberá da Associação o caixão fúnebre.

(d) Terão direito à sepultura no túmulo da associação.

(e) O trabalho e o material necessário para o fechamento da prateleira do túmulo, fica a cargo da família do falecido associado.

Art. 11. A associação tem seu distintivo que consiste num broche com a efígie de D.Bosco e a uma bandeira cuja forma será determinada pela diretoria em consulta apropriada.

A missa celebrada no segundo domingo de cada mês é ainda um ponto de encontro dos associados de Dom Bosco. Após essa celebração, eles se dirigem ao salão paroquial (prédio localizado em frete à Igreja) para realizarem o pagamento e participarem da reunião. Os benefícios que tratam da assistência aos doentes e aos mortos tornaram-se motivos importantes na Associação São João Bosco, o pagamento em dia assegura tais benefícios.

O último artigo do quarto capítulo refere-se à uma recomendação:

Art. 12. Todos se esforcem em promover o progresso da Associação, tanto espiritual como temporal, trazendo novos sócios, concorrendo com auxílios pecuniários, praticando à risca o regulamento, afim de merecerem as melhores graças e bênçãos de Deus, de Maria SSma. Auxiliadora e de São João Bosco. Amém.

O regulamento convoca todos os associados de Dom Bosco a se comprometerem com a associação. O documento destaca a necessidade de um “progresso” nos planos espiritual e terreno. O prêmio pelo empenho e dedicação serão as graças de Deus, de Maria Auxiliadora e de São João Bosco.

3.2 Severino Saraiva

Severino nasceu na cidade de Barbalha/CE em 23 de agosto de 1958. Sua família tinha grande respeito e devoção ao Padre Cícero, sendo constantes as viagens à Juazeiro para pedir orientações ao padre sobre remédios naturais. O que determinou a vinda da família para Juazeiro, no final da década de sessenta, foi a transferência da mãe de Severino, funcionária de uma agência dos correios, por força de um decreto presidencial no governo militar. O decreto determinava que todas as agências de pequeno porte deveriam ser fechadas e que os funcionários seriam realocados em agências maiores, de acordo com escolha pessoal.

Em Barbalha, a família já era envolvida em atividades religiosas. Ainda na década de sessenta, o pai era líder religioso e coordenava o grupo católico Legião de Maria. Francisco também tinha forte envolvimento na organização de festividades religiosas na Capela do Bom Jesus do Caldas, atividades que reuniam grande número de pessoas. Durante todo ano havia diversas festas como: São José no mês de março, Nossa Senhora no mês de maio e Bom Jesus no mês de agosto, todas repletas de gente que vinham de diversos distritos rurais da cidade de Barbalha.

No ano de 1982, com a família já atuando em movimentos da Paróquia Salesiana, o então vigário italiano Padre Pedro Lapo convida Francisco Saraiva para uma conversa:

- Saraiva, eu queria que você fosse tomar conta da Associação São João Bosco.
- O que é que tá acontecendo, Padre.Pedro?
- Não, é porque os associados tão morrendo e não tá tendo uma assistência que eles necessitam.

Observamos que nessa narrativa feita por Severino, há uma ênfase na sua chegada à associação, no sentido de que, para ele, a partir daquele momento o grupo ganha uma organização e segurança que antes não tinha. Não estamos aqui questionando se essas melhoras realmente aconteceram, mas que a citação representa, a nosso ver, uma maneira de chamar atenção para importância da chegada e permanência deles na associação. Isso é claro numa outra fala de Severino:

- A associação não tava cumprindo com a sua finalidade, quer dizer, morria um associado, a família chegava pra vir buscar o Caixão e, simplesmente, a associação não tinha dinheiro, e disse [*referindo-se ao Padre Pedro*]:
- Olhe, você que tem iniciativa, que sabe lher dar com essas coisas, você tente reerguer a associação, se conseguir, continua, se não, eu vou fechar.

O destaque aqui é a assistência aos mortos. No momento, antes de pai e filho chegarem, “a associação não tava cumprindo com a sua finalidade”. A principal finalidade, descrita por Severino nessa fala, é exatamente o cuidado com os mortos e para isso lá estavam eles, dispostos a solucionar tais dificuldades. O desafio foi aceito e os trabalhos iniciam com modificações no estatuto. Duas modificações são destacadas por Severino: tornar a associação de caráter misto (já que até então só era permitido o ingresso de homens) e tornar claras as finalidades do grupo. Com relação à primeira modificação, avaliamos que diante de uma associação falida, abrir espaços para as mulheres era a chance de dobrar o número de participantes, já que os homens casados poderiam incluir suas esposas e seus filhos como beneficiados na associação. Severino narra que quando chegou à associação, existiam, no máximo, quarenta associados. Ele considera que essa seria a principal dificuldade do grupo, já que as contribuições eram “insignificantes diante das necessidades”:

- Aí... Foi abrindo os espaços, aí:
- Ah, eu queria colocar minha esposa, eu tenho um filho, queria colocar, pode?
 - Pode.

Hoje nós temos o quê? São, praticamente, famílias inteiras.

A segunda modificação teve como objetivo especificar as atividades que deveriam ser exercidas pelos associados. Em nossa avaliação isso está ligado às práticas dos organizadores, são trabalhos exercidos por eles e considerados como pertinentes à associação, o que não significa que os associados cumpram com essas finalidades. O Artigo 2º e os parágrafos 1º e 2º foram lidos pelo próprio Severino:

Art. 2º - No preenchimento de suas finalidades a Associação de São João Bosco realizará:

- a) Promoção religiosa e social das famílias
- b) Catequese para adultos
- c) Catequese para empregadas domésticas
- d) Círculo Bíblicos
- e) Atuação nas solenidades festivas da Paróquia
- f) Toda e qualquer forma de Serviço Social e de Ação Católica emanadas do Pontífice, dos Bispos e do Pároco.

§ 1º - Estas e quaisquer outras atividades da associação de São João Bosco serão exercidas com inteira submissão e obediência à Igreja Católica Apostólica Romana.

§ 2º - A Associação de São João Bosco terá duração indeterminada.

Severino Saraiva é advogado e conhece com profundidade os documentos oficiais da Igreja Católica. Essas informações dão a ele segurança em muitas interpretações que faz dos documentos oficiais. Os parágrafos acima vinculam o grupo a uma obediência direta à Igreja institucional. A duração “indeterminada” da Associação também representa, em nossa opinião, algo bem consciente, no sentido do fortalecimento do grupo no enfrentamento com os padres salesianos, submissos ao Bispo Diocesano e ao Vaticano. Isso ainda está bem claro no seguinte artigo do regulamento:

Art. 26º - Fica reservado única e exclusivamente ao Sr. Bispo Diocesano, a autoridade para dissolver a Associação de São João Bosco e o seu patrimônio, depois de ressarcidos os compromissos existentes, reverter-se-á em favor das obras das vocações sacerdotais e religiosas diocesanas.

3.3 A Estrutura

O Artigo 3º do novo estatuto define os seguintes cargos na Associação São João Bosco: Diretor Espiritual, Presidente, Vice-Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro, 2º Tesoureiro e três conselheiros. O Diretor Espiritual, de acordo com o § 1º, “será nomeado pelo Exmº. Sr. Bispo Diocesano, podendo ser o Pároco ou outro Sacerdote da Congregação Salesiana”. Esse parágrafo assegura ao presidente um diálogo direto com o Bispo Diocesano, evitando que seja escolhido alguém da Congregação salesiana que pense de maneira divergente.

O Artigo 4º determina a competência do Presidente. São quatro itens que dão a ele todo o controle da Associação:

- a) Administrar a Associação;
- b) Representá-la ativa e passivamente, judicial e extra-judicialmente;
- c) Praticar qualquer operação que seja do interesse da Entidade, de acordo com as normas estabelecidas nestes estatutos;
- d) Planejar, orientar e supervisionar as atividades da associação.

Os demais cargos são funções pontuais. Cabe ao Vice-Presidente apenas “substituir o presidente, quando do impedimento do mesmo e praticar todos os atos a ele referentes” (Art. 5º). Ao secretário compete “redigir as atas, responsabilizar-se pelo recebimento e emissão de correspondência” e “substituir o presidente e o vice, quando do impedimento dos mesmos” (Art. 6º). Ao tesoureiro compete “receber as mensalidades, depositar os valores recebidos em poupança e assinar recibo de retirada para cobrir despesas juntamente com o presidente” (Art. 7º). Em nossa pesquisa não identificamos as pessoas que ocupam outros cargos na diretoria. Perguntamos, por ocasião da entrevista com Severino, mas ele não mencionou nomes, somente os cargos. Acreditamos que a responsabilidade é assumida somente por ele, mesmo não tendo total segurança de nossas palavras. Os associados, também, não sabem dessas informações específicas da organização interna.

O artigo nono, encerra todo o poder do presidente prevendo que “a duração do mandato da diretoria será por tempo indeterminado e quando houver eleição, os membros da diretoria anterior poderão ser reeleitos, respeitando assim a vontade soberana da assembléia”. A assembléia citada no estatuto são os associados, pessoas simples que desejam vivenciar suas devoções e ter um lugar digno para ser sepultado.

As reuniões acontecem no segundo domingo de cada mês, após a missa das 6:00 no santuário do Sagrado Coração de Jesus, momento que os associados também são convidados a participar. O novo estatuto também prevê no artigo 17º essas missas mensais como dádiva aos associados:

Os associados gozarão dos merecimentos de uma Missa a ser celebrada no segundo domingo de cada mês, às 6:00 horas no Santuário do Sagrado Coração de Jesus. A esta Missa, deverão comparecer todos os associados. Os associados participarão também de todos os benefícios espirituais de todos os atos religiosos por eles assistidos no dito Santuário (Art.17º)

De acordo com Severino, a Associação de São João Bosco possui 177 (cento e setenta e sete) associados, desses, 87 (oitenta e sete) são homens e 90 (noventa) são mulheres. A grande maioria (60%) são agricultores e domésticas. 167 (cento e sessenta e sete) fazem parte do plano funerário, tendo direito ao funeral e ao sepultamento. Na realidade, nas reuniões que participei e nas informações que obtive, só os homens marcam presença, o que nos faz interpretar que as mulheres são esposas e filhas, que possuem apenas as relações de benefícios no plano funerário. Ou seja, na prática, ainda é uma associação masculina. Posteriormente iremos relatar uma dessas reuniões acontecida em fevereiro de 2010.

3.4 O Plano Funerário

O Estatuto da Associação Nossa Senhora Auxiliadora, quando trata dos direitos dos associados, deixa claro que “em caso de morte, todo associado que estiver com as suas mensalidades em dias, terá direito ao funeral completo, ou seja, uma urna funerária simples, mortalha e valas” (Art. 18º). E ainda que “terão direito à sepultura no túmulo da Associação São João Bosco, localizado no Cemitério de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” (Art. 19º).

Uma das primeiras iniciativas de Severino como presidente foi a abertura de uma conta poupança para depositar as contribuições mensais dos associados. Na época, o acesso à conta era permitido à três pessoas da coordenação. Outra modificação que trouxe uma marca para associação foi a atenção exclusiva para os benefícios referentes ao funeral e ao sepultamento, que proporcionou uma busca por serviços funerais que atendessem à associação de maneira satisfatória:

Dentro de pouco tempo nós estabelecemos o seguinte, que a partir daquele momento, todo associado teria direito ao caixão, ou a urna. Na época era aquele caixão popular, aí com o andar do tempo agente fez uma outra proposta, que foi não dar aquele caixão

simples, mas já uma urna. E para garantir a assistência funeral ao associado, ao falecido, agente fez um plano funerário, que era aquela quantiazinha simples, mínima, que agente tirava da contribuição de cada um e de acordo com o número de sócios fazia o plano. A primeira funerária que nós fizemos esse plano foi com a funerária Santo Antônio, mas a funerária Santo Antonio, ela não dava uma assistência que agente achava que o falecido era digno, que a família ficaria satisfeita com o atendimento, não com a morte, mas com o atendimento que se dava. Então quando foi no ano de 2000, eu propus a eles mudar para o Anjo da Guarda.

Severino relata muitas vantagens com o plano funerário Anjo da Guarda, empresa que cresce significativamente na região do Cariri. Segundo o presidente, sua decisão em aderir ao plano “Anjo da Guarda” influenciou a coordenação da Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, que seguiu o mesmo caminho e explica os motivos dessa adesão:

É porque eles também faziam lá no Santo Antonio [*funerária anterior*], agora aconteceu um fato triste, lamentável, uma associada que, chegando... compraram o caixão, levaram pra Igreja, na hora da missa lá, o caixão se quebrou. Uma situação vexatória. Nesse tempo eu já tava lá no Anjo da Guarda. Aí eu conversando com Dona Neci, que era presidente na época, aí ela disse: "Severino, você ainda tá lá no Santo Antonio?" Eu digo: "Não, mudei pra o Anjo da Guarda porque a assistência é total". Negócio fantástico a assistência deles, uma distância de até 60 km nós não pagamos nada... E eu mudei pra lá. Levou a idéia, também, lá pra lá [*Associação Nossa Senhora Auxiliadora*] e a partir daí, entrou.

Entre as vantagens destacadas por Severino estão o abatimento de cinquenta por cento nas consultas médicas e nos exames laboratoriais e uma porcentagem menor de descontos em exames complexos, como a ultrassografia, por exemplo. Outra vantagem que Severino menciona é a assistência que a empresa oferece aos que vem a óbito em outras cidades, citou como exemplo o falecimento de um associado no ano de 2005, na cidade de Fortaleza. Após um contato com a empresa, comunicando o falecimento da pessoa e as circunstâncias, Severino disse que “quarenta minutos depois o falecido já tava tendo assistência”. No dia seguinte, às 5 da manhã, o corpo chegou à cidade de Juazeiro. Mesmo sendo uma distância maior do que o que a empresa previa naquele ano (60 km), o diálogo proporcionou facilidades. Severino comenta, animado, que hoje a assistência da empresa foi ampliada, abrangendo todo o país. Citou outro exemplo, desta vez na cidade de Salvador, onde os trâmites ocorreram com sucesso. Após esses comentários Severino confessa orgulhoso:

É tanto que era já pra mim ter saído da diretoria há muito tempo, mas o pessoal não quer.

3.5 As Reuniões

Como dissemos, as reuniões acontecem no segundo domingo de cada mês, às 7:00, após a missa no Santuário. Em fevereiro de 2010, participei da reunião mensal. Dias antes, em conversa com Severino, soube que essa reunião seria a primeira depois da volta da Associação para o espaço do salão paroquial. A explicação para o afastamento foi um atrito com o vigário anterior. Há um mês a Inspeção Salesiana deu posse a um novo padre, o que proporcional o retorno da Associação São João Bosco para o ambiente paroquial. Soubemos notícias de outros atritos com o mesmo padre, alguns grupos e comunidades também enfrentaram dificuldades.

No relato de Severino, observamos que existem vantagens em partilhar o túmulo com a ADMA, esta goza de trânsito livre com a Congregação Salesiana e isso ajuda no reconhecimento da Associação São João Bosco. De acordo com Severino, esse foi o diálogo entre ele e o padre anterior:

- Eu não posso acabar com a associação. Não é juntamente com a ADMA?
- Aí eu digo:
- É, trabalhamos juntos. Sempre em sintonia. Tudo que é preciso fazer lá no túmulo é dividido, rachado entre nós. Quem tiver mais disponível assume o trabalho, apresenta a conta pro outro.
- Não posso impedir vocês... Mas o nome aqui eu não vou constar mais não.
- Agora eu quero dizer a você, que é o primeiro padre salesiano que toma essa posição.

Severino acredita que essa foi uma questão pessoal. Durante o período que a Associação São João Bosco se afastou da Paróquia, ao todo mais de um ano, as reuniões ficaram acontecendo na própria residência do Presidente, ou melhor, não haviam reuniões, apenas o pagamento era efetuado.

Cheguei às 7:05 do dia 14 de fevereiro de 2010, Severino e dois senhores estavam sentados num círculo de onze cadeiras, numa sala de paredes amarelas. Quando chego, cumprimento todos com aperto mão e também me sento. Severino fala das pessoas que não tem condições físicas de comparecer, justifica a sala vazia como consequência do longo período sem reuniões em que os associados ainda não tinham conhecimento do retorno. Os dois senhores se mostram bem atentos, sempre afirmando com a cabeça e escutando as palavras proferidas por Severino.

Severino retoma o assunto de antes, estava contado sobre seus sonhos premonitórios. Narrou que na última quarta de madrugada sonhou que estava no cemitério, acompanhado de

seus pais e de um associado. Tratava-se de um sepultamento e mais duas pessoas desconhecidas também estavam presentes. Severino estava com receios do que poderia acontecer. Lembrou de outro sonho em anos anteriores, onde num domingo, antes da reunião, seu pai sonhou com um associado dizendo que havia morrido. Severino perguntou de quem se tratava, mas seu pai não soube dizer, disse apenas algumas características como: estatura baixa, pele morena e cabelos brancos. Severino ficou pensando e concluiu, após alguns instantes, que poderia ser Seu Cirilo ou Seu Pio. Ao chegarem à reunião, alguém veio avisá-los do falecimento de Seu Pio.

Severino ainda contou outro sonho que teve com o associado João Cirilo, cuja esposa morreu em 12 de dezembro de 2008 (é impressionante a exatidão que Severino tem das datas). No dia 03 de fevereiro de 2009 João Cirilo faleceu. Severino havia sonhado com ele dizendo as seguintes palavras: “Deus deu, Deus levou e louvado seja Deus”. Após esses relatos, Severino inicia a reunião, todos ficam de pé, fazem o sinal da cruz, rezam duas breves orações, reza uma Ave-Maria e encerra novamente com um sinal da cruz, em seguida todos ficam sentados. O presidente faz um extenso relato da situação da associação (penso que toda essa preocupação tem haver com minha presença): diz o número de associados, o saldo atual e as despesas com o túmulo (limpeza geral, pintura da capela e troca das portas de madeira). Fala de um projeto, que ele acredita na viabilidade, que consiste em revestir a capela com cerâmica e construir de nove a quinze espaços individuais, sanando as carências do jazigo. Avisa que no próximo domingo haverá a assembléia paroquial e que ele estará representando a associação.

Continuando, Severino abre espaço para falar sobre a vida de Dom Bosco (acredito que foi mais uma tentativa em trazer o assunto da espiritualidade salesiana como reforço às ações da associação), destacando que a Associação São João Bosco é única no mundo, “só existe na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus”. Narra a passagem das relíquias de Dom Bosco pela cidade²³ como um momento de veneração aos restos mortais “de alguém que marcou a história da Igreja e da humanidade. Exemplo de vida, santidade e trabalho social. Promoção social da juventude”.

Após esse momento, o associado Francisco Ferreira pergunta quais associações que tem direito ao jazigo. Severino responde que o jazigo foi criado “pelas duas associações primitivas salesianas de Juazeiro, Nossa Senhora Auxiliadora e Associação São João Bosco” e

²³ As relíquias de Dom Bosco foi uma iniciativa da Congregação Salesiana Italiana de enviar restos mortais de João Bosco para visitação em todos os lugares do mundo em que a ordem religiosa está. Em Juazeiro do Norte, as relíquias estiveram expostas no mês de janeiro de 2010.

é exclusivo para essas duas associações, podendo ceder espaço para “grupos de caráter eminentemente salesiano”, como é o caso do grupo Cooperadores Salesianos.

A reunião é encerrada à 7:32 com as orações do Pai-Nosso e da Ave-Maria, pedindo por todos os associados que não puderam ir e para que tenham um bom inverno. No final invoca o Sagrado Coração de Jesus, São João Bosco, Nossa Senhora Auxiliadora, São Domingos Sávio e São Francisco de Sales. Logo após as carteiras são carimbadas, confirmando o pagamento efetuado. Permaneço na sala para entrevistar os dois associados, sob o olhar atento de Severino.

3.6 O interesse pelo túmulo e a devoção

Quando perguntei a Severino se os associados estavam interessados pelas devoções ou pelos benefícios funerários, ele respondeu:

Olhe, tem um... assim como na Associação de Nossa Senhora Auxiliadora, tem uma ala que entrou, puramente, porque tinha um lugar pra se enterrar; então, o pensamento inicial deles era esse, a preocupação é ter um lugar pra se enterrar. Mas, à medida que muitos deles... agente foi levando, a cada reunião, uma história de São João Bosco, um modo de ação de São João Bosco, como ele agia com a juventude, a preocupação pastoral e tudo... aí as pessoas já mudou, essa mentalidade mudou:

- Porque é que você quer ser associado de São João Bosco?

- Não, pela espiritualidade. Pela importância do trabalho dele. E eu quero estar onde tiver algo com a denominação dele.

Ainda existe aquele que é uma preocupação, exclusivamente, pelo benefício recebido.

Severino já tinha conhecimento do que houvera no Recife com a presidente da Associação Nossa Senhora Auxiliadora (ver capítulo anterior) e defendeu o benefício funeral como uma assistência social necessária, sendo obrigação dos grupos e da Igreja Católica assistir aos menos favorecidos:

Até Zeneida me falou que o Bispo emérito, encarregado de acompanhar a ADMA, ignorou essa assistência aqui, queria até extinguir:

- Acabe com isso! [*como se fosse o Bispo falando*]

- Não, não é assim não, tem que agir com prudência. O que eu posso estabelecer é que, daqui pra frente, só faz parte da ADMA quem tiver uma devoção pelo santo [*como se fosse Zeneida*]

Mas chegar e ferir direitos adquiridos, se isso dentro de um plano constitucional isso é grave, imagine isso dentro de um plano espiritual. Cadê a ação social da Igreja? Cadê o espírito de caridade dela? Ela pede tanto do povo e dá o que em troca? Então são coisas que...

3.7 Ser presidente

O papel de presidente requer muita dedicação e disponibilidade, são quase duzentos associados, muitos em idade avançada, que podem falecer a qualquer momento. Quando isso acontece, pode ser durante o dia ou pela madrugada, alguém da família telefona para Severino avisando determinado falecimento e ele se desloca para funerária para encontrar-se com algum familiar do falecido. Lá o presidente dá entrada na documentação e acompanham todos os passos, incluindo velório, missas e sepultamento no jazigo da Associação. Percebo que Severino se identifica muito com o trabalho, sente-se útil e acredita que exerce uma missão divina, sabe o nome de todos os associados e tem uma memória privilegiada com datas de falecimento e detalhes das vidas dos seus protegidos. Quando perguntei qual o seu sentimento em estar à frente da Associação São João Bosco, Severino respondeu, contando episódios:

Rapaz, é gratificante. Porque se você fosse olhar por um lado meramente humano, assistencialista: "Não, isso que eu estou fazendo qualquer outra pessoa poderia fazer". Mas, você se colocar à disposição de quase duzentos associados, pra mensalmente está com eles, porque além da presença nas reuniões, da sua contribuição, eles gostam de parar e conversar, de passar os seus problemas, suas angústias, um problema pessoal, um problema familiar, e você poder ouvi-los e ajudá-los com palavras [*barulho*]... E quando eles caem numa fase de doença, que você pode visitá-los, conforta, e pede um padre, e você traz um padre pra confessar... Quando você vê a alegria e o sorriso estampado no rosto dele, aí você sai de lá dobrado, sai mais satisfeito do que ele. Um dia desses eu tava conversando com Zeneida: "Olhe, não é brincadeira não, você tá na sua casa, duas horas da manhã toca o telefone, atendeu:

- É da casa de seu Severino? O associado fulano de tal faleceu agora. O que é que eu devo fazer?

- Leve um documento dele, daqui a dez minutos eu estou na funerária lhe esperando.

Aconteceu, por exemplo, de numa noite só ter três falecimentos, era eu chegando em um e saindo pro outro, de 10 da noite às 4 da manhã. Era eu chegando... Já tava com o coração batendo [*ruído*]... Quem foi que faleceu dessa vez? Então, é gratificante você poder prestar um serviço, uma assistência. Você vê que é um pessoal abandonado, muitos deles abandonado pela própria família...

A postura de Severino é, algumas vezes, de um esclarecedor dos mistérios divinos. Ele é alguém que detém muitos conhecimentos religiosos e acredita que esses conhecimentos podem esclarecer idéias radicais que se fazem na cabeça de muitos associados "ignorantes". Mas é um posicionamento que não humilha o associado, a maneira de abordar determinados temas é divertida e envolvente. Conversando com Severino, perguntei sobre a devoção dos associados para com o Padre Cícero, ele citou alguns que tinham "idéias radicais" e contou um episódio que aconteceu com um associado já falecido:

Tem uns, também, com idéias radicais, aquela concepção que o Padre Cícero era Deus. Até um dia na reunião, Seu Francisco, ele é falecido, ele saltou lá: "Olhe, meu padim

Cícero é Deus, eu não quero minha salvação, a não ser, dada pelas mãos dele”. Aí foi preciso eu falar até um pouco irritado com ele: "Pois, se o senhor tiver esperando isso, você vai pras profundezas dos infernos, Seu Francisco" [risos].

- "Não me diga uma coisa dessas" [risos].

Eu digo:

- “Olhe, a gente tem que crescer em consciência, Padre Cícero foi um devoto do Coração de Jesus, como é que ele pode ser o Coração de Jesus?”

- “Mas é porque ele disse, que se o pai eterno botar uma pessoa no inferno, ele tira, mas, se ele botar, o pai eterno tira, então ele é maior do que Deus?” [risos]

- “Não pode, o Senhor tá errado”. Ele pegou foi um texto do profeta Isaías, lá atrás, que diz assim: "Que a porta que Deus fecha, ninguém abre, e a porta que ele abre, ninguém fecha". Ele fez esse discurso, num sermão, e o povo tava dizendo que ele é que era Deus”.

- "O Senhor ouviu ele dizer isso?"

- "Não, foi que me disseram".

- "Então lhe disseram errado" [risos].

Tava uma catequese meia forte, aí depois, eu começava a brincar com ele e mostrar o outro lado da coisa.

- "Sabe que você tinha razão?"

- "Pois é. Olhe, eu não quero que o senhor acabe com sua devoção com o Padre Cícero não, mantenha ela, mas essas concepções, vá tirando da sua cabeça. Sei que Deus perdoou os ignorantes, mas eu tô aqui para conscientizar vocês, acerca das realidades espirituais".

Severino me contou vários sonhos premonitórios que teve, muitos deles com os associados. Geralmente, nos sonhos, o associado avisa do seu falecimento e no dia posterior, ou alguns dias depois, a morte é confirmada. Pergunto se ele sente-se bem com essa facilidade de prever fatos. Severino responde citando uma passagem da vida de João Bosco, que também sonhava com o futuro, onde alguém diz para o padre que gostaria de ter “um pouco desses dons”. Bosco responde: “Amiguinho, se Deus lhe desse uma pequena parcela dos dons que ele me deu, imediatamente você correria aos prantos, aos pés dele, pedindo pra retirar de imediato”, conta Severino aos risos. Para ele, “a responsabilidade é grande”, ele acredita que é difícil conviver com isso, acorda assustado e angustiado após sonhos de premonição, isso por não poder fazer nada diante de situações de morte. Pergunto se ele acredita que os sonhos tem haver com a função de estar à frente da Associação:

Eu acho que sim. Porque eu sou muito ligado com eles. Não é a toa que tô mais de 20 anos na presidência, querendo sair e eles não deixam eu sair. Eu tenho afeição com eles, eu gosto deles, sabe? Porque quando você não tem afeição [*palavras não entendidas*], deu as costas, esqueceu tudo... Mas, eu fico com a imagem, com aquela situação deles vividas, as histórias que eles me contam, os sofrimentos que passam, então aquilo não consegue sair não, sabe? Eu acho que é em função disso. Tem uma ligação recíproca, tanto eles têm afeição e confiança na pessoa, como eu tenho afeição e confiança neles, eu acho que é exatamente isso que marca.

3.8 O Padre Cícero e o cemitério do Socorro

Acreditamos que as influências de um Juazeiro tradicional, traduzido pela figura do Padre Cícero, estão presentes na vida dos associados. Percebemos esses elementos bem mais fortes na Associação São João Bosco do que na de Nossa Senhora Auxiliadora, e aqui defendemos que quanto mais distante da institucionalização, mais em contato com práticas religiosas conservadas. Não que essa tradição não esteja presente nas mulheres de Auxiliadora, mas são mais apagadas. Talvez a associada Suzete expresse bem isso quando compara sua devoção com a de sua mãe:

Suzete. Sobre o Padre Cícero, eu tenho muito amor por ele, eu sei o quanto ele é importante na nossa cidade, mas eu não tenho muita devoção a ele. Porque é assim, Junior, a vida do Padre Cícero, às vezes a gente vê tanto fanatismo, não é? E eu não tenho, assim, fanatismo. Eu gosto, eu amo, mas, tudo comum.

Entrevistador. Talvez já fosse uma relação um pouco diferente se for levar em conta vovó, por exemplo, a senhora acha?

Suzete. Acho, eu acho. Porque no sentido de mamãe, ela já tinha uma devoção mais forte do que a minha [*silêncio*]. E também, no sentido, que ela tinha muita história sobre ele, ela foi batizada por ele [*silêncio*]. E também, ela conviveu, assim, com os mais velhos, que tinham uma dedicação muito forte, então tudo isso influenciou mais a vida dela. Enquanto eu, influenciou mais a família salesiana.

Na Associação São João Bosco, histórias do Padre Cícero são lembradas com referências aos antepassados. De alguma forma, o fato do Padre estar sepultado no mesmo cemitério onde o associado será sepultado, provoca realização e conforto em muitos. Aqui podemos destacar a proximidade entre os aspectos materiais e imateriais, o benefício necessário do jazigo se funde às suas devoções, morrer é ao mesmo tempo receber assistência da associação e ter a satisfação de ser sepultado no mesmo cemitério onde o santo de sua devoção está. As trajetórias de muitos associados tocam a vida do Padre Cícero. No dia 20 de julho de 1934 o velho padre respira pela última vez. Antonio Isidoro Cabral, hoje com 79 anos, completava, nesse mesmo dia, quatro anos de idade:

Antonio. É uma coisa que fica falando, todo mundo vai falando aí a gente nunca esquece. Me lembro como hoje. Eu lembro até da roupa que mamãe fez pra mim.

Entrevistador. Como era a roupa seu Antonio?

Antonio. A roupa era assim, eu não me lembro como é que chamava não, sei que era calça e camisa, tudo pregado, preto, pra o luto de meu Padim Cicho. Lá em casa todo mundo vestiu preto.

Entrevistador. Então o senhor acha o aniversário do senhor uma data alegre ou triste?

Antonio. Eu acho alegre. Não acho triste não.

Os pais de Seu Antonio foram sepultados no cemitério de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, pergunto se tem algum sentido ser enterrado no mesmo cemitério, por causa dos pais:

Não é tanto por causa deles, que eu acho que adonde a gente for enterrado agente se encontra [sz]. Meu desejo, mais também, sabe o que é? É que eu ouvia meu pai falando, que disse que meu Padim Ciço disse: que a pessoa que se enterra no Socorro não se perde. Meu Padim Ciço dizia isso: Oh, a pessoa que se enterra ali no cemitério do Socorro, se ele não for pro céu, mas nosso Senhor transforma numa fumaça e solta no mundo, mas que não se perde. Aí eu não queria ir pra aquele canto ruim não [rzsos]

Eu nascido e criado aqui. Foi o primeiro cemitério que eu conheci, aí eu quero ir é prali [sz] um dia quando eu morrer. Mas não quero ir agora não [rzsos].

De acordo com relato extraído da obra *O Joazeiro Celeste (2007)*, de Francisco de Alencar Barbosa, o poeta João de Cristo Rei e Seu Roque, zelador do Cemitério do Socorro, testemunham a importância de ser enterrado naquele cemitério:

Sim, era que meu pai falava que Meu Padrinho Ciço dizia. Aquele cemitério ali do Socorro, né? Hoje aqui tem muito cemitério, aqui como o parque das Flores e outros e outros. Mas, aquele dali é o antigo, aí ele dizia assim: 'Óie', quem morrer e tiver a felicidade de morrer aqui dentro do Juazeiro, na terra da mãe de Deus, e se enterra nesse cemitério, para o inferno não vai (p.113-114).

Manoel Lopes Gomes, conhecido como Noé, tem 74 anos e nasceu na zona rural de Juazeiro do norte. Seu avô (pai Gomes) ia buscar o Padre Cícero na igreja Matriz, levava o cavalo celado e vinha puxando, conversando com o padre. Noé nos contou muitas histórias e demonstrou forte devoção. Com relação ao cemitério do Socorro, disse:

Home, quem é que não tem gosto de se enterra onde meu padim Ciço tá enterrado? Todo mundo tem gosto de ser enterrado onde meu padim Ciço tá enterrado. Vem romeiro de fora atrás de ver. Agora de manhã eu tava na missa, dia de Nossa Senhora das Candeias, uns romeiros que nunca vieram aqui disse: "Onde é a cova de meu padim Ciço?" É um prazer. Os sacerdote que vem de fora diz, que nem esse padre que vem de... "É o maior prazer do mundo eu tá celebrando nos pés de meu padim Ciço que tá sepultado". Padre que vem de longe, que nós não sabe da verdade e eles sabe de tudim. Que pade Ciço já era santo, nasceu santo... Aí nós ama muito aquele Socorro porque ali tá nossa família toda enterrada e sabe que... Todo cemitério é um, o importante é a alma da gente, né. Mas aquele cantinho é bom [rzsos].

3.9 Os valores econômicos

José Pimentel, 75 anos, entrou na Associação de São João Bosco no ano de 1975. Depois de muitos anos assumiu um compromisso pastoral aos domingos pela manhã, o que o impediu de participar das reuniões no segundo domingo de cada mês. Mesmo assim, Pimentel passava pelo salão paroquial apenas para efetuar seu pagamento.

A funerária Anjo da Guarda tornou-se uma das maiores empresas do ramo funerário do estado do Ceará, seu expressivo crescimento foi atingido, principalmente, pelas vendas de planos populares para coletivos de dez pessoas. Para aderir ao plano, juntavam-se familiares e vizinhos no intuito de fechar um grupo de dez clientes e usufruir das vantagens de descontos em consultas médicas e exames. Como o valor pago por Pimentel na Associação era um pouco mais alto (devido às despesas associativas), ele percebeu, no plano direto com a funerária, vantagens interessantes. A família de Pimentel, sendo grande, nem foi preciso procurar outras pessoas, tudo ficou resolvido na mesma casa.

Avaliando que o plano diretamente na funerária era mais em conta, já que na associação apenas ele usufruía dos benefícios (nunca havia pensado em colocar sua família no plano funerário da associação), Pimentel decidiu sair da Associação São João Bosco e vincular-se diretamente na funerária Anjo da Guarda, estendendo os benefícios a toda sua família.

José Pimentel era muito amigo de meu pai, os dois estavam sempre juntos e participavam de diversas atividades paroquiais. É, também, alguém que gosto muito e visito sempre que vou a Juazeiro. Por ocasião dessa pesquisa, o convidei para andar comigo nas casas dos associados, já que ele conhecia muitos deles e isso iria facilitar meu acesso²⁴. O tema da pesquisa acendeu o interesse de Pimentel, ele começou a calcular os valores que pagava e refletia sobre vantagens e desvantagens da Associação. Fomos ao Sítio São José, zona rural de Juazeiro do Norte, fazer uma entrevista com Seu Noé. Antes da apresentação Pimentel vai logo puxando conversa:

Pimentel. Eu pago dez. Aí quando entrou o Anjo da Guarda... eu fui besta, porque lá não tem túmulo. Mas eu vou voltar pra associação, eu vou negociar com Severino.

Noé. Eu pago... Eu já paguei janeiro, fevereiro e março. Eu só pago assim, porque eu moro longe, né.

Pimentel. Tá pagando quanto?

²⁴ A presença de seu Pimentel foi fundamental. Há muitos anos eu não via muitos daqueles associados, muitos tinham apenas a referência de meu pai. Na apresentação, seu Pimentel se encarregava de me (re) apresentar.

Noé. Agora foi quatro.

Pimentel. Só é quatro?

Noé. Eu e Maria, porque era vinte e um, era três e cinquenta.

Pimentel. Pois o Anjo da Guarda tá ficando muito caro...

Noé. Cada um de nós é quatro, mas lá é dez...

Pimentel. Vai ser vinte agora.

Noé. Aí eu paguei vinte... Três meses... Três vezes quatro [*pensando*]... Doze com doze... Paguei vinte e quatro reais, deu e Maria, paguei seis mês, né.

Pimentel. Foi bom demais.

Noé. Aí agente tem direito o túmulo. É bom.

Entrevistador. E é o senhor e a esposa?

Noé. É eu e minha irmã.

Entrevistador. E a esposa?

Noé. Não tenho esposa não, tá com muitos anos. Esse aqui é fii de quem? [*perguntando sobre mim*]

Pimentel. Não é fi de cumpade Joaquim?

Noé. E é? Êêmm [*me dá um abraço*]. Da finada Maria [*minha avó*].

Esse diálogo me fez pensar nas relações econômicas estabelecidas em torno do jazigo da Associação. De acordo com Severino, um sepultamento custa em média R\$ 1.300,00 (Hum mil e trezentos reais), valor difícil de levantar de uma só vez em casos de morte. A associação São João Bosco aliou essa necessidade financeira à devoção religiosa, mas essa devoção religiosa se sobressai sobre a primeira, ela é marcada pelo vínculo das pessoas com um Juazeiro transcendente, lembrado constantemente no decorrer de suas vidas. José Pimentel dedica boa parte de tempo para os trabalhos pastorais, ele integra a diretoria de uma comunidade, faz parte do Centro de Cooperadores Salesianos da cidade, é catequista aos domingos e integra o grupo do terço dos homens. Essa mesma pessoa calcula os gastos com o plano funerário para fazer a escolha mais acertada. O sentido da vida de Pimentel, assim como de outros, não está no valor econômico que desembolsa mensalmente, mas ocupa uma dimensão religiosa que transcende suas necessidades materiais.

Os aspectos que dão características diferenciadas à Associação São João Bosco podem ser explicados pelo cuidado demonstrado com os benefícios funerários dos associados; nesse

sentido, a figura do presidente ajudou nessa organização. Outro fato relevante é que não há nenhum grupo homônimo na Congregação Salesiana, permitindo que um caminho seja traçado com maior independência e distante de uma maior fiscalização institucional. A forte personalidade do presidente, no enfrentamento com os padres salesianos, permite uma maior liberdade de ações nesse grupo. Outra justificativa, não menos importante, é que na Associação São João Bosco há pouquíssimas contrapartidas, os associados precisam apenas efetuar seus pagamentos mensais e para isso não há grande exigências, como a presença nas reuniões mensais, os associados podem realizar o pagamento na residência do presidente a qualquer momento. Todos esses elementos reforçam diferenças entre as duas associações, mas não esconde a parceria estabelecida entre os dois grupos. Há opiniões divergentes entre os dois presidentes, mas esses são unânimes em afirmar que a parceria é muito importante, talvez como sendo uma forma nobre de praticar caridade e misericórdia para com quem precisa.

CONCLUSÃO

Para Marshall Sahlins (1997), “a cultura não tem a menor possibilidade de desaparecer enquanto objeto principal da antropologia [...] e de todas as ciências humanas” (SAHLINS, p. 41), o autor defende que só ela é capaz de nomear e distinguir “a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos”; e ainda: “as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam-se essencialmente como valores e significados”. Ao longo de quase setenta anos, as Associações Nossa Senhora Auxiliadora e São João Bosco organizaram suas práticas culturais de acordo com suas visões de mundo. Esse mundo partilhado pelos associados não é homogêneo e não obedece a nenhum script, ele é antes de tudo permeado de “moralidade e [...] emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão” (Ibid, p.48), que é diverso e múltiplo. Se o mundo é ensinado, apreendê-lo significa escolher caminhos e trilhá-los durante a existência. Nesses caminhos, as associações religiosas modificaram-se, reinventaram-se, criaram e recriaram seus cotidianos. As raízes de um Juazeiro antigo se misturam a novos elementos urbanos e geram processos de transmissão. As associações religiosas devem ser compreendidas aqui como espaços que unem, ao mesmo tempo, aspectos tradicionais e contemporâneos, apreendidos e modificados no cotidiano desses indivíduos.

Juazeiro do Norte não se resume aos aspectos religiosos, é bem verdade. A segunda maior cidade do estado do Ceará cresce a passos largos ano após ano²⁵ e modifica constantemente seu cenário urbano, gerando uma diversidade de formas e conteúdos culturais. Nessa dissertação, privilegiamos as transformações que tocam o caráter religioso da cidade, optando pelos elementos que fizeram de Juazeiro um dos maiores centros de peregrinação do Brasil. Essas transformações, nesse ambiente católico, são evidenciadas nas relações dos atores locais com a Igreja Católica Apostólica Romana. No final de sua vida, o Padre Cícero estabeleceu vários contatos com os padres salesianos, convidando-os para fundarem sua obra na cidade e buscando ajuda para sua situação diante da Igreja Romana. Consideramos que a presença dos padres salesianos, em Juazeiro, traduz o desejo irreparável do padre Cícero em fazer as pazes com Roma. Cícero alimentava a preocupação em ser aceito pela Igreja, não como pastor de um povo fanático, e sim como um servo obediente e fiel a um Catolicismo Institucional Romano. Abaixo, trecho de uma carta enviada pelo Padre Cícero, em 1925, ao então Inspetor Salesiano Padre Pedro Rota, amigo e principal apoio nessa busca de Cícero. No

²⁵ Censo IBGE 2010: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

breve texto, Cícero demonstra preocupação com a transferência do salesiano para Itália, estava se esvaindo suas últimas esperanças de conseguir sua reconciliação com a Igreja:

Vejo que a sua retirada do Brasil a todos os seus amigos vos causa muitas saudades e a mais uma falta irreparável. De fato, com quem posso eu contar, d'ora em diante, para tão desejada solução do caso mais importante da minha vida, já em seu último quartel, se em torno de mim só enxergo, só percebo má vontade, que parece, cada vez mais agravante (SILVA, 1989, p.70).

O Padre Cícero morre em 1934 sem conseguir realizar o sonho da reconciliação. Com a morte do padrinho de Juazeiro, os salesianos chegam para erguer sua instituição italiana em solo cariense. A mesma sensação de Roma, com relação aos habitantes de Juazeiro, é reproduzida pelos primeiros salesianos, como podemos perceber nas idéias do Padre Carlos Leôncio, transcritas por Azzi (2003):

Não vou falar propriamente dos antecedentes deste rumoroso caso de fanatismo religioso do nordeste, donde emerge a figura já hoje lendária deste sacerdote, e que perdura ainda nos remanescentes devotos e afilhados do Padim Cirão [sic] (AZZI, 2003, p.371).

E ainda por ocasião de sua visita à Juazeiro:

Ainda estava bem vivo o fanatismo religioso, agora para os padres do 'Padim Cirão' [sic]. Não podia eu sair de casa sem acompanhamento de homens e mulheres que não só queriam beijar-me as mãos, de joelhos, mas até a batina, pedindo bênção. (Ibid, p.371)

A Igreja Romana se fez presente em Juazeiro por intermédio da Congregação Salesiana e combate as práticas religiosas locais com base em normas e leis canônicas. No segundo capítulo, acompanhamos o conflito entre o Bispo salesiano e a presidente da Associação Nossa Senhora Auxiliadora, conflito este motivado pela revelação de que havia um benefício funerário para as associadas. Tais informações preocuparam o Bispo e as imagens desse Juazeiro “fanático” devem ter ressurgido mais uma vez. Mas há limites impostos a essa romanização, e eles se fazem nas relações dos associados em seus espaços de convívio. Para eles é possível estarem nas associações em companhia de muitos santos e ao mesmo tempo desfrutarem do direito do jazigo, não há contradições como poderia acreditar um eclesiástico. Nesse espaço há uma comunhão possível entre o material e o imaterial. O jazigo não é apenas um lugar desejado pelos que não tem um “buraco pra se enterrar” [sic]²⁶, esse desejo impulsiona sacrifícios que, por sua vez, gera um valor econômico (APPADURAI,

²⁶ Frase proferida por José Pimentel, associado de São João Bosco.

2008). Mas não é só um valor econômico que atrai essas pessoas, o jazigo também é um símbolo que revela a organização de suas próprias experiências humanas e, enquanto símbolo, traduz valores e significados. Nas associações Nossa Senhora Auxiliadora e São João Bosco, o jazigo sintetiza o *ethos* de um povo e sua visão de mundo (GEERTZ 1989). Os membros sempre recriam, à sua maneira, suas crenças e práticas de forma relativamente independente dos líderes, ainda que sempre em relação a eles. Tudo se mistura e isso não representa transgredir normas, essas diferenças se encontram quando a presidente, diante do Bispo, afirma que manter o plano é necessário à caridade. Essas dimensões se comunicam quando associados elegem santos, reconhecidos por Roma, como guias de suas vidas.

Após Dona Chiquinha enumerar vários santos de sua devoção, perguntamos se ela também tinha devoção ao Padre Cícero. Chiquinha respondeu:

Tenho também. A pessoa morou em Juazeiro e não teve devoção ao Padre Cícero, impossível, né?

Essa resposta nos faz concluir que a cidade de Juazeiro do Norte incorpora uma religiosidade além dos nomes. Não citar o nome do Padre Cícero não significa dizer que sua presença não interfere nas famílias com lembranças, cantos, rezas, quadros, etc. Perguntada sobre sua devoção ao Padre Cícero, Maria Suzete responde, reproduzindo algumas idéias sustentadas pela Igreja Romana e pelos Salesianos:

Sobre o Padre Cícero, eu tenho muito amor por ele, eu sei o quanto ele é importante na nossa cidade, mas eu não tenho muita devoção a ele. Porque é assim, a vida do Padre Cícero, às vezes a gente vê tanto fanatismo, não é? E eu não tenho, assim, fanatismo. Eu gosto, eu amo, mas, tudo comum.

Em muitas entrevistas, com os devotos de Auxiliadora e Bosco, o nome do Padre Cícero não era mencionado num primeiro momento. Isso demonstra tentativas da Igreja Romana em apagar essa referência, mas não significa dizer que o padre não está presente na imagem transcendente de um Juazeiro santo, partilhada também pelos associados. A figura do padre está enraizada na maioria das famílias, nas gerações passadas e também presentes, ligadas a uma forma de crer. Muitos associados são firmes nessa devoção.

Defendemos que há um elo entre o Padre Cícero e os associados, esse elo é materializado no jazigo. Com isso não afirmamos que há consciência desse vínculo entre os associados, mas antes de tudo, ele se faz por meio de uma crença criada e regada ao longo do tempo e se tornou parte substancial do lugar.

Essa crença juazeirense é composta de imagens e situações que evocam, em nosso caso, um desejo católico de piedade e misericórdia (CAMPOS, 2008). Esses sentimentos estão presentes nas falas e ações dos associados. Assim, eles se revelam nesse *ethos* que permeia muito da religiosidade e da identidade do lugar, por mais que a cidade não seja só religião. Os primeiros missionários, enviados pela Igreja romana, chegaram ao Cariri cearense determinados a salvar almas, que eles consideravam quase perdidas. As imagens desse cenário apocalíptico foram conduzidas em nome da mesma piedade e misericórdia, afinal de contas eles acreditavam serem canais divinos predestinados a salvar multidões antes da chegada do fim do mundo. Ibiapina cruzou os sertões movido pela piedade e misericórdia para com os sofredores sedentos de pão e assistência. A força do padre, movido pelo desejo de servir, realizou diversas obras sociais, concluindo com êxito sua missão divina.

A mesma piedade e misericórdia foram reveladas a Cícero num sonho em que “um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente... Carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros... Vestidos de farrapos”. Nas palavras de Cristo, diante dos flagelados, uma ordem: “E você, Padre Cícero, tome conta deles”²⁷. O recém ordenado padre, movido pela força da piedade e misericórdia, escolheu Juazeiro para concretizar o sonho profético e tornar-se padrinho, santo e Deus, de um povo sedento de proteção.

Deus, na interpretação dos homens, agiu com piedade e misericórdia com seus filhos que sofriam e morriam com a falta de água, enviando uma prova material de sua presença. Prova esta, materializada em sangue na boca de uma beata pobre, pelas mãos do piedoso e misericordioso Padre Cícero.

Era preciso ser piedoso e misericordioso diante do sofrimento e esse estado, que rouba forças e abafa a vida, é também outro elemento que teve “papel fundamental na produção do sagrado em Juazeiro do Norte” (CAMPOS, 2007) e está ligado aos dois primeiros. O padre, convicto de sua missão junto à sua Santa Igreja Católica, recebeu o fardo de uma suspensão. Durante toda a vida buscou se reconciliar com a sua Igreja romana, que lhe virou às costas. Seu Noé, associado de São João Bosco, entende o sofrimento vivenciado pelo Padre Cícero:

Quando o Pade Ciço foi excomungado, ele chegou em Roma, ele foi sofrendo embaixo do porão do navio, sofrendo no canto mais ruim do mundo. Ele chegou lá em Roma, como um criminoso, como um ladrão. Aí o papa... [*pensandô*] Pio XII... Era, n'era? Acho que era Pio XII naquele tempo, n'era? Aí disse: Agora, Pade Ciço, você vai abrir aquela porta, uma porta que abra de cem em cem ano. Aí pade Ciço: Eu vou vê. Por milagre da Mãe de Deus, aí [*barulho como se abrisse a portã*], oxê, aí pade Ciço foi obisuvado [*siz*]. Aí abriro o baú, Pade Ciço, aí quando abriro o baú era os papé tudo guardado e o Pade Ciço sofrendo inocente, tava em Roma como um criminoso.

²⁷ Frases que relatam o sonho do Padre Cícero, retiradas de DELLA CAVA, 1985, p.26.

Ao mesmo tempo, milhares de pessoas chegam de todos os lugares para a terra prometida. Marcados pelo sofrimento, famílias inteiras encontram piedade e misericórdia no acolhimento do velho padre. Envolvidas pelos mesmos sentimentos, muitos pedem pra ficar e reconstruir suas vidas nesse lugar santificado. Juazeiro cresce respirando piedade e misericórdia.

No final de sua vida, Padre Cícero busca piedade e misericórdia nos representantes da Igreja, são as últimas tentativas de reconciliação antes da morte. Não conseguindo realizar seus desejos, Cícero roga para os “bons e verdadeiros servos de Deus, os padres salesianos” para que façam a “caridade” de instituir “nesta terra uma obra completa”²⁸.

Os padres salesianos pisam o chão de Juazeiro à luz da frase de seu fundador João Bosco: “O Senhor colocou-nos nesse mundo para os outros”. Diante da fama de um Juazeiro repleto de sertanejos fanáticos, os salesianos precisam vivenciar a piedade e a misericórdia para com eles. Os motivam a participar das associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, numa vivência das novas devoções.

Foi com piedade e misericórdia que, os então presidentes, Joaquim Cordeiro e Dona Ritinha se empenharam na construção de um jazigo comum para as duas associações. Os presidentes atenderam a um chamado para que dedicassem seu tempo aos outros, numa demonstração de piedade e misericórdia. Cuidar do outro num momento de sofrimento, como é o instante da morte, passa a ser um compromisso nobre. Muitos outros que vieram após estes, também responderam à missão com um sim.

As associações foram organizadas através de estatutos, as normas definiam deveres e direitos dos associados, o direito material era de ter um lugar para serem sepultados. O lugar, onde foi erguido o jazigo é o mesmo onde o piedoso e misericordioso Padre Cícero está sepultado. Mesmo considerando o jazigo como sendo a materialização do elo entre o Padre Cícero e os associados, acreditamos que esse elo transcende essa materialização, ele atinge desde as motivações dos primeiros missionários até aqueles associados que não possuem devoção ao padre Cícero. O elo consiste na incorporação de uma religiosidade que toca um Juazeiro santo e sagrado na mente das pessoas. As pessoas se movem por esse sentimento, mesmo que o vinculem a nomes diversos.

A Igreja Católica Apostólica Romana está presente em toda nossa explanação, começando pelos missionários, passando pelo Padre Cícero e a Congregação Salesiana e

²⁸ Frases do testamento do Padre Cícero, retirado de SILVA, 1982, p.328-329.

terminando nas associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. Em todas essas etapas houve interferências e tentativas de fazer valer sua força enquanto instituição modelo de poder. Agiu em situações como: a catequese no novo mundo, a romanização de práticas populares, o controle diante da interpretação dos milagres em Juazeiro, as punições aplicadas ao Padre Cícero, a chegada dos salesianos na América do Sul e no Brasil e a aprovação do estatuto da Associação de Maria Auxiliadora (ADMA). Todos esses acontecimentos modificaram e ressignificaram as práticas religiosas na cidade de Juazeiro do Norte, mas ao mesmo tempo não conseguiram apagá-las. O jazigo, além de ligar o patriarca de Juazeiro às associações, é a prova de que essa *religiosidade etérea* foge do controle da Igreja Católica e busca outras formas de sobreviver.

As novas gerações não estão nas associações São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora, esses grupos são, há muito tempo, ambientes de idosos. Acredito que, no caso da Associação São João Bosco, alguns filhos ou netos sejam beneficiados com o plano funerário, mas eles nunca participam das reuniões mensais. Os mais jovens das associações talvez sejam os próprios presidentes, eles sabem da importância de suas escolhas naquele espaço. O que os move é ainda a piedade e a misericórdia, elas abrandam o sofrimento dos outros. Se poucos jovens, futuramente, sentirem-se chamados para atuar nesses dois grupos, os grupos não se acabarão, irão continuar porque outros idosos esperarão por isso.

Se existe, assim como acreditamos, um sentido religioso que habita e age sobre Juazeiro do Norte, deve haver nesse chão, resquícios de piedade, misericórdia e sofrimento que se impregnam em muitos que lá estão e, também, nas mochilas amarrotadas de alguns viajantes que deixam a cidade. Ainda que as novas gerações estejam mais distantes das práticas religiosas iniciais, há algo que ainda move e tenta conexão com a vida que habitou o lugar. No ano passado, após realizar as pesquisas de campo para esta dissertação, uma situação me chamou bastante atenção. Abri minha carteira de bolso (velha e despedaçada) e tomei um susto quando percebi que carregava comigo há anos fotos de São João Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. Havia naturalizado isso. Mesmo que eu pense em comprar uma carteira nova e guardar as fotos em outro lugar, talvez os resquícios do chão de Juazeiro me induzam a encontrar outras formas de agir. Sinto que acabo de concluir uma dessas ações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun (2008). **A vida social das coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense.

AUGÉ, Marc (1999). **O Sentido dos outros: Atualidade da antropologia**. Petrópolis/RJ: Vozes.

_____ (2005). **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas/SP: Papius.

AZZI, Riolando (2000). **A obra de Dom Bosco no Brasil – Vol I**. São Paulo: Editora salesiana.

_____ (2002). **A obra de Dom Bosco no Brasil – Vol II**. São Paulo: Editora salesiana.

_____ (2003). **A obra de Dom Bosco no Brasil – Vol III**. São Paulo: Editora salesiana.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar (2007). **O Joazeiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Pe.Cícero**. Coleção de Antropologia: Movimentos religiosos no mundo contemporâneo. São Paulo: Attor.

BARRO, Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barro (1988). **A terra da mãe de Deus: um estudo do movimento religioso de Juazeiro do Norte**. Brasília: Livraria Francisco Alves / Instituto Nacional do Livro.

BEOZZO, José Oscar (2004). **Padre Cícero nos textos e no contexto do seu tempo**. In Anais Pe. Cícero do Juazeiro: E... Quem é Ele? III Simpósio Internacional.

BERGER, Peter L (2005). **Pluralismo Global y Religión**. In Revista de Estudios Públicos. N° 98. p.05-18.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. (2010). **Outras histórias: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/CE**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. (2008). **Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Bauru: EDUSC.

CAMPOS, Roberta B. C. (2007). **Para Além do Milagre do Juazeiro: sofrimento como sacralização do espaço, o caso dos Ave de Jesus – Juazeiro do Norte**. In Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. V.13, n.1, jan./jun., 2007. p. 161-173.

_____. (2008). **Como Juazeiro do Norte se tornou a terra da Mãe de Deus: Penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar**. In Religião e Sociedade. 28(01): 146-175.

_____. (2009). **Contaçon de “causos” e negociaçon da verdade entre os Ave de Jesus, Juazeiro do Norte - CE**. In Etnográfica. 13(1): 31-47.

COLEMAN, Simon (2002). **Do You Believe in Pilgrimage? Communitas, Contestation and Beyond**. Anthropological Theory. 2002; 2; 355-368.

DELLA CAVA, Ralph (1985). **Milagre em Joaseiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

DURKHEIM, Émile (1989). **As formas elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulinas.

HERTZ, Robert (2004). **A Contribution to the study of the collective representation of death** IN: Death, Mourning, and Burial: a cross-cultural Reader / edited by Antonius C.G.M. Robben.

HERVIEU-LÉGER, Daniele (2005). **O peregrine e o convertido. A religião em movimento**. Lisboa: Gradiva.

GIACOMETTO, Rosana; MARTINELLI, Antonio; RINALDI, Fabio (2000). A família Salesiana de Dom Bosco. Roma: Instituto Salesiano Pio XI.

GEERTZ, Clifford (1991). **Negara – O Estado Teatro no Século XIX** – In Memória e Sociedade. DIFEL/Ed.Bertand Brasil.

_____. (1989). **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

MAUSS, Marcel & DURKHEIM, Émile (1981). **Algumas formas primitivas de classificação – contribuição para o estudo das representações coletivas (1903)**. IN: MAUSS, Marcel. Ensaios de Sociologia. São Paulo: Perspectiva.

MAUSS, Marcel (1979). **A Expressão Obrigatória de sentimentos (1921)**. In Mauss: Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ed.Ática.

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de (2004). **Romarias e o Juazeiro do Padre Cícero**. In Anais Pe. Cícero do Juazeiro: E... Quem é Ele? III Simpósio Internacional.

OLIVEIRA, Amália Xavier de (1989). **O Padre Cícero que eu conheci**. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1989.

OLIVEIRA, Luiz de. (1994). **Centenário da presença salesiana no Norte e Nordeste do Brasil – Vol II**. Recife: Escola Dom Bosco de artes e ofícios.

_____ (2005). **Inspetoria Salesiana São Luiz de Gonzaga – Vol I**. Recife: Escola Dom Bosco de artes e ofícios.

PARKER G. Cristián (1998). **Modern Popular Religion: a Complex Object of Study for Sociology**. In International Sociology. Vol. 13. nº 2. p.195-212.

QUINTÃO, Antonia Aparecida (2002). **Lá vem o meu parente: as irmandades de pretos e pardos no Rio de Janeiro e em Pernambuco – século XVIII**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

REESINK, Mísia Lins (2007). **Pour une perspective concentrique du catholicisme brésilien**. In Social Compass. 54(2). p. 313-331.

REIS, Edilberto Cavalcante (2004). **Padre Cícero, a diocese do Ceará e o processo de romanização**. In Anais Pe. Cícero do Juazeiro: E... Quem é Ele? III Simpósio Internacional.

REIS, João José (1999). **A Morte é uma Festa – Ritos fúnebres e revolta Popular no Brasil do Século XIX**. São Paulo: Companhia da Letras.

SAHLINS, Marshall (1997). **O “Pessimismo Sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção**. Parte I e II. Mana 3(1): 41-73 e Mana 3(2):103-150.

SARTI, Cynthia Andersen (1996). **A família como espelho – Um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo. Editora Autores Associados.

SILVA, Antenor de Andrade (1982). **Cartas do Padre Cícero**. Salvador: Escolas Profissionais Salesianas.

_____ (1989). **Padre Cícero: mais documentos para sua história**. Salvador: Escolas Profissionais Salesianas.

STEIL, Carlos Alberto (2008). **Introdução** IN CSORDAS, Thomas J. (2008). *Corpo, Significado, Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

_____ (2003). **Romeiros e Turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa**. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 9, n.20, p.249-261, outubro de 2003.

_____ (1996). **O Sertão das Romarias – Um estudo antropológico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis/RJ: Vozes.

THEIJE, Marjo de (2001). **Da “religião popular” ao “religioso” e à “ordem religiosa”, ou como conceptualizar o catolicismo na prática**. In *Revista Antropológicas*, UFPE; Recife, Ano VI, n° 01. p.01-26.

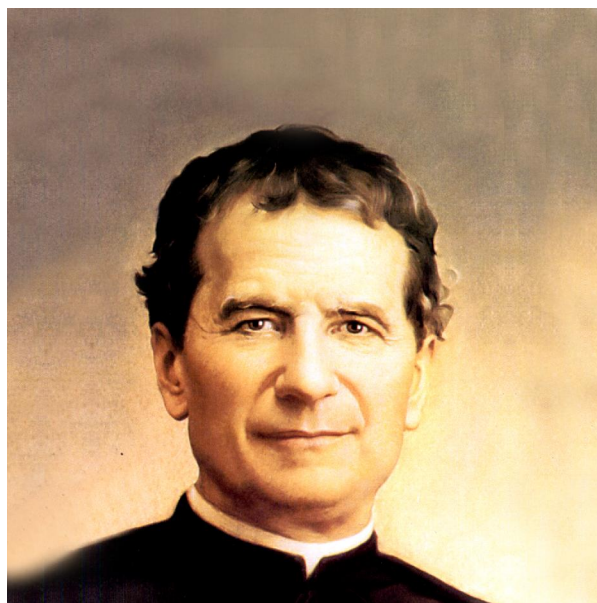
TURNER, Victor (2008). **Dramas, Campos e Metáforas. Ação simbólica na sociedade humana**. Tradução: Fabiano de Moraes. Niterói/RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

WACQUANT, Loïc (2006). **Seguindo Pierre bourdieu no Campo**. In *Revista de sociologia e política*. UFPR; Curitiba, n° 26: 13-29.

ANEXO A – PINTURAS DE MARIA AUXILIADORA E SÃO JOÃO BOSCO

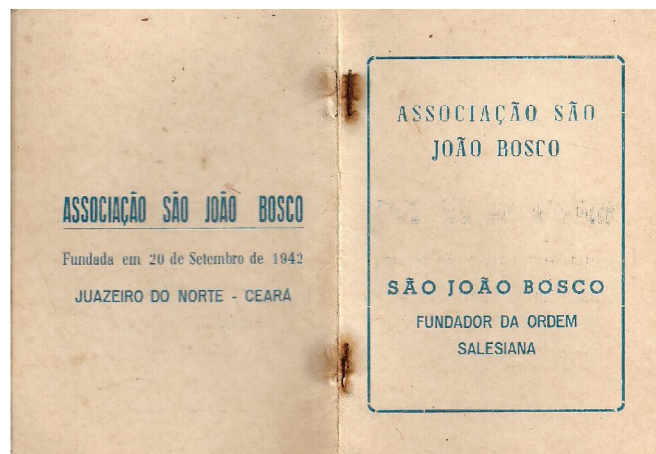


Maria Auxiliadora

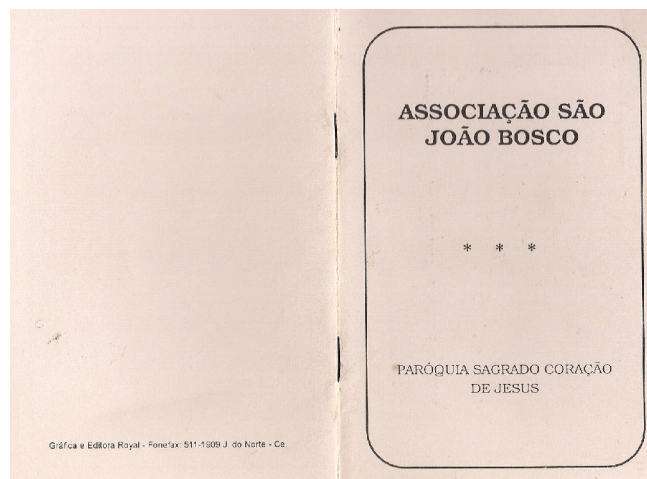


São João Bosco (1815-1888)

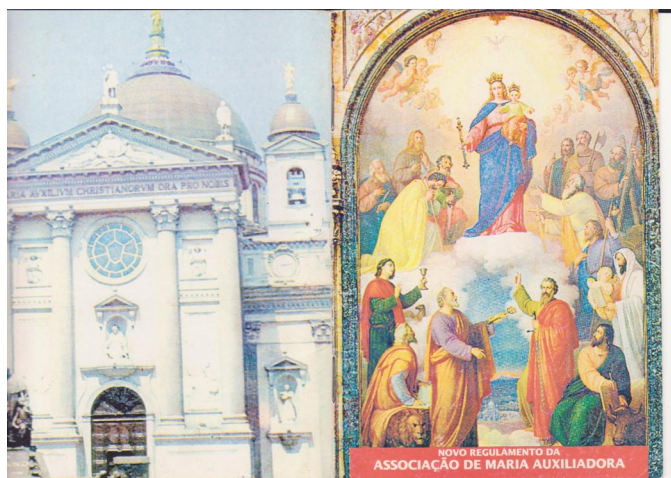
ANEXO B – CAPA DOS ESTATUTOS DAS DUAS ASSOCIAÇÕES



Estatuto Associação São João Bosco - 1957



Estatuto Associação São João Bosco – 1993 (Atual)



Estatuto da Associação Nossa Senhora Auxiliadora (hoje ADMA) – 1997

ANEXO C – FICHAS DE CADASTRO E CONTROLE DAS DUAS ASSOCIAÇÕES

<p align="center">ASSOCIAÇÃO DE MARIA AUXILIADORA</p> <p align="center">PARÓQUIA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS Juazeiro do Norte — Ceará</p> <p>NOME: _____</p> <p>FILIAÇÃO: PAI: _____</p> <p>MÊS: _____</p> <p>NASCIMENTO: DIA: _____ MÊS: _____ ANO: _____</p> <p>NACIONALIDADE: _____</p> <p>ENDEREÇO: RUA: _____</p> <p>Nº: _____ BAIRRO: _____ FONE: _____</p> <p>DATA DE ADMISSÃO: _____</p>	<p align="center"><u>Oração e Consagração a Maria Santíssima Auxiliadora</u></p> <p>Ó Santíssima e Imaculada Virgem Auxiliadora, a vós nos consagramos inteiramente, vos prometemos trabalhar sempre para maior glória de Deus e para a salvação das almas.</p> <p>Suplicamos-vos que lanceis vossos olhos piedosos sobre a Igreja, seu augusto chefe, os sacerdotes e os missionários; sobre a família brasileira, nossos pais, parentes e a juventude exposta a tantos perigos; sobre os pecadores, os moribundos e as almas, do purgatório.</p> <p>Ensinai-nos, Mãe terníssima, a copiar em nós as virtudes de São João Bosco, de modo especial, a angelica modestia, a humildade profunda e a ardente caridade.</p> <p>Fazei, Ó Maria Auxiliadora, pela vossa poderosa Intercessão, que saíamos vitoriosos contra os inimigos de nossa alma na vida e na morte, a fim de que participemos de vossa coroa de Glória no Céu. Assim seja.</p>	<table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <tr> <td rowspan="12" style="writing-mode: vertical-rl; transform: rotate(180deg);">CONTRIBUIÇÕES MENSAIS</td> <td>ANOS</td> <td>1</td><td>2</td><td>3</td><td>4</td><td>5</td><td>6</td><td>7</td><td>8</td><td>9</td><td>10</td><td>11</td><td>12</td> </tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> </table>	CONTRIBUIÇÕES MENSAIS	ANOS	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12																																																																																																																																															
CONTRIBUIÇÕES MENSAIS	ANOS	1		2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12																																																																																																																																																	

Ficha de cadastro, oração e ficha de controle das contribuições
Associação de Maria Auxiliadora - ADMA

<p align="center">MATRICULA Nº _____</p> <p align="center">Paróquia Sagrado Coração de Jesus</p> <p align="center">ASSOCIAÇÃO SÃO JOÃO BOSCO</p> <p align="center">FICHA INDIVIDUAL</p> <p>NOME: _____</p> <p>Endereço: _____ Bairro: _____</p> <p>Data Nascimento: _____ Estado Civil: _____</p> <p>Naturalidade: _____ Estado: _____</p> <p>Profissão: _____ Grau Inst.: _____</p> <p>Trabalho Pastoral: _____</p> <p align="right">Data de Admissão: ____/____/____</p>	<p align="center">CONTROLE DE CONTRIBUIÇÕES</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <thead> <tr> <th rowspan="2">ANOS</th> <th colspan="12">M E S E S</th> <th rowspan="2">ANOS</th> <th colspan="12">M E S E S</th> </tr> <tr> <th>01</th><th>02</th><th>03</th><th>04</th><th>05</th><th>06</th><th>07</th><th>08</th><th>09</th><th>10</th><th>11</th><th>12</th> <th>01</th><th>02</th><th>03</th><th>04</th><th>05</th><th>06</th><th>07</th><th>08</th><th>09</th><th>10</th><th>11</th><th>12</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> <tr><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td><td> </td></tr> </tbody> </table>	ANOS	M E S E S												ANOS	M E S E S												01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12																																																																																																																																																																																																																																	
ANOS	M E S E S												ANOS	M E S E S																																																																																																																																																																																																																																																																						
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12		01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12																																																																																																																																																																																																																																																											

Ficha de cadastro individual e controle de contribuições
Associação São João Bosco

**ANEXO D – FOTOS DE REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DE MARIA AUXILIADORA
JUAZEIRO DO NORTE – 14/02/2010**



Dois momentos da reunião da ADMA, em 14/02/2010



A presidente Zeneida fala às associadas



Homenageia para as aniversariantes do mês

**ANEXO E - FOTOS DE REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO SÃO JOÃO BOSCO
JUAZEIRO DO NORTE 14/02/2010**



Reunião da Associação São João Bosco: Severino (esquerda) e Antonio Isidoro.



Reunião da Associação São João Bosco: associado Francisco Ferreira.

ANEXO F – FOTOS DOS PRESIDENTES ATUAIS DAS DUAS ASSOCIAÇÕES



Maria Zeneida Cardoso, presidente da ADMA em Juazeiro do Norte



Severino Saraiwa, presidente da Associação São João Bosco, em frente do Santuário do Sagrado Coração de Jesus

ANEXO G – FOTOS DE ASSOCIADAS DE MARIA AUXILIADORA

Dona Chiquinha, ex-presidente da Associação.
Na capela localizada ao lado de sua residência



Idália, tesoureira da ADMA



Dona Luíza, a mais antiga associada de Auxiliadora



Maria Suzete



Edite Gomes de Oliveira



Teodorica Maria (Dorinha)

ANEXO H – FOTOS DE ASSOCIADOS DE SÃO JOÃO BOSCO



José Pimentel



Manoel Gomes (Seu Noé)



Antonio Isidoro



Francisco Ferreira



Hermino Virgulino



José Olavo

**ANEXO I – FOTOS DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO
E DO JAZIGO DAS ASSOCIAÇÕES (FRENTE)**



Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro



Interior da Igreja de N. S. do Perpétuo Socorro



Túmulo do Padre Cícero
no interior da mesma Igreja



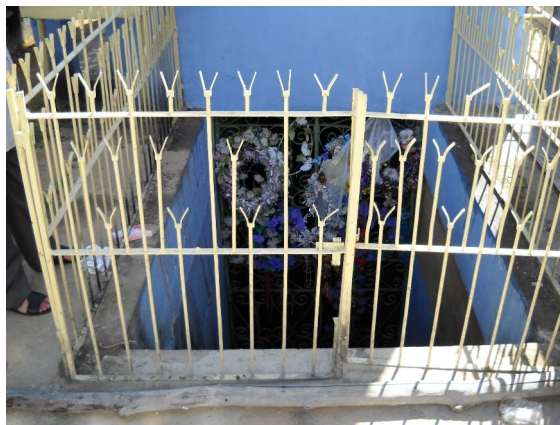
Pequena capela na frente do Jazigo
das associações. Cemitério do Socorro.



Interior da capela.
Jazigo das Associações



Placa de inauguração ao lado do jazigo

ANEXO J – FOTOS DO JAZIGO DAS ASSOCIAÇÕES (PARTE INTERNA)

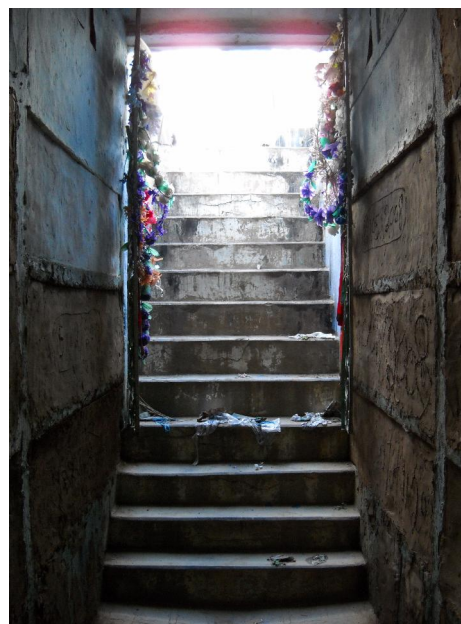
Fundos do jazigo. Portão de acesso aos túmulos



Fundos do jazigo. Escadaria de acesso aos túmulos



Interior do jazigo. 32 túmulos, 16 de cada lado.



Interior do jazigo. Dentro para fora.